

CORRESPONDENCIA.

CONTINUAÇÃO

Da resposta do Dr. H. X. Baeta aos Redactores do
Jornal de Coimbra.

A R. 14. Responderei—que nas Febres, a que o meu C. chama attaxicas, e em que os olhos estão incendiados, ha sempre já no cerebro, já em suas membranas, senão inflamação, pelo menos hum estado análogo a esta, como diz o Dr. Clutterbuck; no seu tratado da sede e natureza da Febre; e como se pode inferir das muitas disseccoes, feitas por diversos Praticos em casos semelhantes e expostas pelo Dr. Beddoes nas suas Investigações sobre a Febre. E se doentes taes não desfallecem, nem morrem, infallivelmense debaixo do acoute dos maiores estimulos, de que falla o meu C. l he porque ou tem huma natureza que zomba da molestia, e dos Remedios mal applicados, ou lhes sobrevem alguma evacuação de qualquer natureza que ella seja, que emenda os damnos dos estimulos, evence o morbo. E he tanto assim que nunca em taes circumstancias se observa hum allivio prompto, e manifesto depois da applicação dos remedios incitantes, salvo se apparecem evacuações; allivio que muitas vezes se deixa ver logo depois das Sangrias, como notei na mesma Memoria.

A R. 15. he outra prova da ma intelligencia do meu C.; porque da leitura dos Artigos 3, 4, 5, e 6, Secção IV. da mesma Mem. facilmente se pode ver, que eu não mudei a mesma opiniao sobre a natureza da Febre somente por ter achado o caso referido no Artigo 5 como assevera o Senhor Redactor. As Reflexoes 16, 18, e 20 tendem mais a calumniar, do que a apurar a verdade, porque dizer o meu C. que eu sem declarar qualera o augmento dos symptomas prescrevia em todos os cazos os estimulantes; dizer que eu os applicava mesmo n'aquelles cazos em que a Febre tomava huma forma decididamente inflammatoria; e dizer

que o excesso dos estímulos por mim ordenados, he que era, talvez a cauza de se tornarem inflamadas as membranas do systema gastrico, he apenas fulminar calumnias! Foi para rebater estas, que eu sem perder o decoro que devo aos meus Leitores, fui obrigado a pintar a hum tempo com cores mais vivas assim a má fé, como a pouca agudeza do meu Censor. Não vio elle por ventura, ao ler os primeiros Artigos da Secção IV. da mesma Mem., a circumspecção, com que eu usára dos remedios estimulantes? A caso das doses, e dos espaços, e mesmo da natureza dos estímulos, que eu ordenava, pode elle pensar que para logo se formassem inflamações? E não digo eu abertamente que o pouco successo das formulas, No. 6. 7. 8. e 9. Artigos 3. Secção IV., *recommendadas só naquelles casos, em que eu receava que a debilidade viesse a ser nociva*, me tornára reservado em quanto a applicação de semelhantes remedios. E depois que eu formei a minha opiniao, assim da natureza inflammatoria, mais da primeira, e menos da segunda, como do estado análogo á inflamação da terceira variedade da Febre; e que dahi por diante, posso dizer, uzei, rarisimas vezes, de remedios ainda brandamente estimulantes, e só quando já não havia receio algum de irritação, como explica o meu C. os symptomas manifestamente inflammatorios, que eu continuei a observar na Febre, e que se domavao, para logo, pelo uso das Sangrias? Procedera por ventura ainda esse estado inflammatorio do excesso dos estímulos, que eu já não empregava? Qual era pois entao a sua causa?

As Reflexoens 17 e 19 envolvem apenas huma contradicção pueril; porque na 17 diz o meu C.—*nas Febres meningicas, de cuja natureza era a Febre Epidemica, os estímulos erao nocivos*; e na 19 querendo combater me a idea, que eu fizera da indole inflammatoria da mesma Febre assevera que—*pelo tratamento incitante se curáoa muitos doctes. que padeciao essa molestia!* O que me resta he que elle reduza isto a algum de seus axiomas!

A Reflexao 21 em que o uzo do opio he taxado de haver diminuido, ou suspendido as dejecções, e por isso alterado a marcha da molestia, fazendo apparecer inflamações respondendo que eu não faço menção alguma na mesma Memoria, de que pelo uso dos medicamentos em que entrava o opio, as evacuações alvinas se tivessem diminuido, ou suspendido; e declaro que nunca tal observei: logo as inflamações não se derivavao da supposta causa, apontada pelo meu Censor. De mais qual será o Medico, que estando ao alcance dos conhecimentos da Sua Profissão, se não ria de ouvir dizer que a mui pequena dose de 5, ou 6 gottas de

Laudano, 4 ou 5 vezes por dia, era capaz de diminuir, e até de suspender as dejecções em huma doença, em que se reconhece hum estado de irritação do canal intestinal tão decidido? Que o uzo do Laudano com os Cozimentos de quina não podia produzir nos casos da Febre Epidemica os inflamações referidas; e que ao contrario era hum remedio indicado nas circumstancias, em que eu ordenava, o meu C. o saberia, se por ventura tivesse noticia do que diz o Dr. Morton no Appendice ao seu segundo exercicio sobre as Febres que grassaraõ em Londres desde 1658 até 1691, onde elle observa que; depois que tinha cessado a peste de 1666, começára a apparecer huma febre menos violenta com todos os symptomas de irritação, de estomago, taes como tensaõ, e sensibilidade desta viscera, e com dejecções biliosas, mucosas, e ensanguetadas, na qual não aproveitando os methodos curativos usuaes, elle achára muito util a quina combinada com opio depois do uzo das evacuações. Esta mesma pratica louva o Dr. Donaldson Monro (obra cit. p. 364.) na cura das dysenterias complicadas com a Febre Maligna. E o Dr. Trotter, Medicina Nautica, Vol. V. p. 333. fallando das dysenterias diz—*a razão porque o opio he, as vezes nocivo nesta molestia, e por isso he reprovado, nasce de senaõ empregarem remedios purgativos antes do seu uzo.* Ora pergunto eu ao meu C. se na Febre Epidemica, em que havia hum estado de irritação das membranas do systema gastrico tão semelhante ao que se dá nas dysenterias, o opio nas doses, em que eu o applicava, e só depois do uzo dos remedios purgativos, era ou não hum remedio appropriado?

A Reflexaõ 22 he sobeja resposta dizer que nunca em cazo algum da Febre Epidemica notei seguir-se ao uzo do purgante, composto de 4 graos de Calomelanos, 12 graos de Jalapa, e 12 graos de Tartaro Soluvel, indicio algum de irritação, e que pelo contrario muitas vezes observei dissiparem se os symptomas da tenção, e sensibilidade de ventre pela sua applicação. Como pois era esse remedio a causa das inflamações, que eu notara na Epidemia? Porem assim para refutação da authoridade de *Burséris*, como para desengano do meu C., allegarei com as vantagens, que muitos Praticos desde o tempo de Lind, até ao de hoje tem observado, e publicado do uso dos Calomelanos combinados com Ruybarbo, com Jalapa, ou com opio nas dysenterias, e enteritis: nas quaes ha não só a irritação das membranas do systema gastrico, que o meu Censor reconhece na Febre Epidemia, mas tambem inflamação das mesmas membranas. E se os limites deste papel me permittissem,

eu lhe exporia as ideas de Blane, de Clark, de Pringle, de Darwin, de Lichtenstein, de Davis e Dawson a esse respeito, então elle veria, se os calomelanos são capazes de causar inflamações nas circumstancias de que se trata. Porem não devo omitir-lhe que das observações do Dr. Hamilton, sobre a utilidade dos purgantes se vê claramente que estes foram hum remedio devino na cura, assim do Typho brando ou Febre nervosa, como no do Typho grave, ou Febre maligna, ainda quando se davão os symptomas de tensão, e sensibilidade de ventre. E quaes erão os purgantes que esse tão digno medico empregava? Consulte o meu Censor a dita obra de Hamilton e a p. 86 lerá—*os remedios purgativos, de que eu tenho principalmente usado nas Febres são Calomelanos, Calomelanos e Jalapa, poz de Jalapa compostos, &c.* Ultimamente examine o meu C. a narração da Peste do Egypto em 1801, feita por Mr. Price, e dirigida ao Dr. Hamilton, obra cit. p. 221, e verá que este Pratico diz—*quando a tensão, e tumor do abdomen, e a dor do estomago'eraõ consideraveis, seis graos de Calomelanos, e outros tantos de Jalapa se ordenavao de duas a duas, ou de tres a tres horas ate produzirem huma plena evacuação; e mais abaixo: quando huma plena evacuação havia tido lugar, a febre cedia.* Que mais provas pode dezejar o meu C. para se convencer não só da innocencia, mas tambem da utilidade dos Calomelanos, &c. na Febre Epidemica!

Pelo que respeita a reflexão 23. sustento ainda que as evacuações sanguineas foram sempre de manifesta, e prompta utilidade, não só nos cazos da primeira, mas tambem nos da segunda; e ate em alguns da terceira variedade da Febre Epidemica; com tantoque ellas fossem reguladas pelo grão de inflamação, ou irritação que denotavaõ os symptomas. E se o meu Censor as não empregou como pode, ou como deve elle, argumentando de suppozição contra factos, dizer que taes applicações só tinham lugar nos cazos da primeira variedade? A authority de J. P. Frank de nada vale á vista do que fica exposto nas observações á cerca da 2. Reflexão. Alem disto todos os Medicos instruidos sabem hoje que esse Escriptor, quando publicou a obra citada, estava inficionado de alguns dos erros, que encerra em si a doutrina de Brown; nestes termos não admittia incitamento excessivo em huma parte qualquer do systema animal, quando no resto se apresentavaõ symptomas de debilidade; e assim não admira que falle contra as sangrias nas febres de que se trata, nas quaes elle não reconhecia essas circumstancias, mas tão somente pura asthenia. Porem mesmo que assim não fosse, que importa a sua authority contra a de Sydenham, Rush, Beddoes, &c. cujas observações mostraõ com evidencia a

indole inflammatoria de Febres, que por muitos Medicos ainda hoje saõ tidas por doenças de mera debilidade! Em conclusaõ observarei ao meu C.—que precedendo a dysenteria á Febre, e como que cedendo-lhe o campo ;—que curando-se a dysenteria, de que falla o meu C. taõ felismente com a applicaõ das sangrias, como fica dito nas observaçoens a 2. reflexaõ ; e que pedindo as Febres, que sobrevêm ás dysenterias, ou que as acompanhaõ, o mesmo tratamento, do que mostra estar convencido o meu C. quando (a p. 145 do vol. 2. do Jornal de Coimbra) cita a observaçãõ de Sydenham nas palavras de Burséris—*Febres subinde intercurrere, aut subsequi, quæ eandem prorsus curationem postulabant, &c* Segue se que as evacuaçoens (contra as quaes falla o meu C.) deviaõ ser o remedio mais adequado á indole da Febre! o que na verdade assim aconteceu!

A reflexaõ 24. encerra huma asserçaõ vaga, e que de certo modo, attaca os conhecimentos dos medicos desta capital; por que dizer aos habitantes de Lisboa, dos quaes muitos ainda hoje, choraõ a perda de parentes, e amigos, victimas da epidemia, *que esta naõ tinha hum caracter pernicioso, e que á excepçaõ de alguns casos raros, todos os mais eraõ curaveis*; he o mesmo que dizer-lhes que esses infelices haviaõ morrido por ignorancia dos seus assistentes, ou talvez porque naõ tiveraõ a fortuna de ter por medico o meu censor! Custa a crer que se escrevaõ, e publiquem proposiçoens taõ sobejamente desmentidas por innumeraveis Factos, vistos, e sentidos por todos os habitantes de huma capital! Compare o meu censor a entrada, e sahida dos doentes do Hospital Civil de S. Joze desde Agosto de 1810 até Maio de 1811, com a entrada, e sahida dos doentes do mesmo Hospital desde Agosto de 1811, até Maio de 1812; e verá a differença de hum e outro periodo, ainda fazendo o rasoavel desconto dos expatriados, que foraõ admittidos nesse Hospital! Compare mais as mortes desses dois periodos, ainda attendendo ás diversas entradas de cada periodo, e verá se a perda de 4,423 doentes em 19,164, que entraraõ no primeiro naõ he maior do que a de 1677 doentes em 8613, que entraraõ no segundo! Finalmente lembre-se de todos os medicos, e mais empregados dos Hospitaes Militares, que adoecêraõ, e foraõ victimas da Febre Epidemica, e diga ainda que—*á excepçaõ de alguns casos raros, todos os mais eraõ curaveis!*

A reflexaõ 25. abrange tres cousas—a primeira he huma falsidade o meu respeito; porque quando eu fallo dos estragos da Febre Epidemica naõ alludo somente ás mortes, que houve nos Hospitaes Militares, como representa o meu censor, nem mesmo ainda ás que tiveraõ só lugar em Lisboa,

mas sim as que acontecerão em todo o reino nesse tempo causadas por semelhante doença! A segunda he huma relação pouco exacta das mortes, que houve no Hospital de S. Vicente desde Agosto de 1810, até Maio de 1811, porque não obstante o meu censor dizer que das entradas, e sahidas dos doentes do Hospital de S. Vicente consta—haver entrado no do Periodo, 6809 doentes, e destes terem se curado 5468, remettido para outros Hospitaes 762, e morrido só 579, e que (contando na mesma proporção os mortos, que devia haver nos 762, remettidos para outros Hospitaes) ainda não faz montar a perda a 1 por 10; apezar de tudo, digo que não acreditarei jamais que a mortandade no dito Hospital fosse tão pequena, em quanto me não apresentarem documentos legaes a esse respeito; por quanto das relações das entradas, e sahidas dos doentes do Hospital Civil de S. Joze no mesmo periodo, assignadas pelo enfermeiro mór, e mandadas publicar na Gazeta de Lisboa por sua ordem, consta que nesse mesmo tempo entraraõ no dito Hospital 19,164 doentes, dos quaes sahiraõ curados 14,741, e tinhaõ morrido 4,423, o que faz montar a perda a 1 por 4, e $\frac{1}{2}$! Eis aqui pois huma incrível desproporção entre as mortes que houve neste Hospital, e as que se diz ter havido no Hospital de S. Vicente! Ora he hum facto publico, que as commodidades, e administração do Hospital Civil de S. Joze não cedem ás dos Hospitaes Militares, se por ventura as não excedem. Os Medicos do mesmo Hospital Civil de S. Joze não foraõ, nem são inferiores no saber, e desempenho de suas obrigaçoens aos Medicos dos Hospitaes Militares, não exceptuando ainda o meu Censor; logo, pois como se pode explicar a excessiva desproporção das mortes, que houve n'hum e n'outro Hospital, sendo o numero das mortes do Hospital Civil de S. Joze, no mesmo tempo, ainda mais do dobro das que se diz ter havido no Hospital de S. Vicente; a não ser pela pouca exactidão, com que foraõ feitos os assentos, e mapps do meu Censor. A terceira, em fim, he huma suppozição, que fundando-se em relações já demonstradas pouco exactas, e sendo contraria á observação dos Medicos desta Cidade, (em prova do que appello para os papeis, que esses dirigiraõ aos Ministros dos Bairros em Março e Abril de 1811) não offerece materia para exãme, e refutação.

Concluirei estas observaçoens, asseverando que—apezar de não haver servido nos Hospitaes Militares Portuguezes, tenho visto, e observado varios Hospitaes, (e muito bem administrados, em todo o sentido, que elles eraõ!) taes como o Hospital Civil de Edinburgo, onde o Dr. Hamilton, de que já fallei, tem praticado mais de 30 annos, e o de St. Thomaz em

Londres, onde o celebre Dr. Fordyce praticou por mais de 20 annos, &c. ; e que me não parece cousa tão difficil, como ao meu Censor, o fazer marchar regularmente em todos os ramos hum Hospital grande. Pelo contrario sempre tive para mim que era muito mais espinhosa taréfa a de censurar qualquer escripto, e avaliar devidamente o seu merito. Porém não o pensou, nem pensa assim o Senhor Redactor ! O que resta saber he se para com elle foi, e he de algum pezo o preceito de Horacio.—

Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus: & versate diu, quid ferre recusent,
Quid valeant humeri :——

CONTINUACÃO

Do Testamento Politico de D. Luis da Cunha.

A' outro abuso se devia acudir, e vem a ser os falsos patrimonios de certos bens que os Pais fazem a seos filhos para se ordenarem, a fim de que não paguem os impostos, suppondo serem ja bens da Igreja, e assim não deveriao gozar desta izempção, nem estes, nem quaesquer outros sobre este mesmo principio ; antes he justo que todos concorraõ para as despezas do Estado, que se obriga a conservar-lhes a posse em paz, e quietação.

Finalmente disse a V. A. que não acharia o Reino tão povoado, como poderia ser. E assim he, porque o corpo do Estado soffre successivamente quatro sangrias, que será necessario pôr-lhe d'algum modo as ataduras, para que de todo as forças se não atenuassem, quando as suas melhores minas consistem nos muitos braços que trabalham, e augmentaõ a producção das terras.

A primeira sangria he a muita gente, que d'ambos os sexos entra nos conventos ; porque comem, e não propagaõ, e a melhor, e mais facil atadura, que se lhe poderia pôr seria ordénar que os seos prelados não recebessem nem mais frades, nem freiras ate se reduzirem ao numero que as suas instituições lhes arbitraõ, para se poderem sustentar com as rendas que lhe deixaraõ.

He verdade que as ordens Mendicantes não tem rendas mas por isso mesmo são mais prejudiciaes á republica; porem bem se lhe poderá arbitrar hum modico numero de frades á cada convento, para celebrarem os officios divinos sem que se podessem multiplicar, a titulo de reforma. Antes as ordens que se dizem relaxadas conviria, que se reformassem somente em si mesmas, e não parindo novos conventos, que se deverião extinguir; e esta seria a verdadeira reforma, com beneficio da Republica; porque não haveria nem tantos frades, nem tantas freiras, que por modo de vida, e não por vocação entrao nas religioens.

O mesmo digo a respeito dos conventos de freiras, onde se achao infinitas mulheres, ou porque seos Pays as obrigao a entrar nelles, ou por gozarem da liberdade que não tinhao na caza de Seos Pays. V. A. faça tirar huma lista de todos os frades, e freiras, que ha no Reino, e verá que se ametade delles, e dellas se cazassem, seja ou não com desigualdade, o que importa muito pouco ao Estado, não haveria duvida em que cresceria o numero dos seos sujeitos, e Portugal seria pelo tempo adiante muito mais povoado; e antes seria d'opiniaõ, que ficasse livre de pagar algum imposto todo o lavrador, que tivesse tres filhos, porque esta izenção os convidara a não ficarem solteiros.

Bem creio que o Papa não teria difficuldades em conceder o Breve pelo que toca ás freiras; mas poria muita a respeito de Frades, porque perderia tantos subditos para os dar ao Principe de quem naturalmente são.

Outro meio se me offerece para evitar o mesmo prejuizo, ainda que não tao eficaz; como por exemplo que Sua Santidade por hum novo breve ordenasse, que nem os frades; nem as freiras podessem professar senao da idade de 30 annos; pois he coiza bem estranha, que não sejam validos os contractos que fizer hum menor de 25 annos, para dispor de quatro mil reis; e que hum menor de quinze possa dispor da sua liberdade, tao precioza como ella he.

Já se vê a utilidade que o Estado tiraria de se adoptar hum destes expedientes; porque diminuindo-se os frades, e as freiras, crescerião os cazamentos, e por consequencia os povos, não tanto como entre as Naçoens, onde não ha esta casta de gente inutil ao Estado.

Como os clerigos guardao o mesmo celibato que os frades, he igualmente precizo que os Bispos não ordenem mais do que os que forem necessarios para o serviço das suas igrejas; e que fossem exterminados os que fraudulentamente se fossem ordenar a castella com reverendas falsas.

El Rey de Sardenha acudio a este abuzo, mandando que ninguem se podesse ordenar com o Placet do Sindico; e so-

bre esta materia teve huma grande disputa com a Corte de Roma, que dizia que a tal rezoluçãõ infringia a liberdade ecclesiastica; mas não teve que dizer, quando se lhe replicou que o Concilio de Trento arbitrãra tantos sacerdotes, conforme o numero dos povos aquem devião administrar os sacramentos, a que o Principe queria huma terça parte mais, mas não privar-se de tantos vassallos para os dar ao Papa, e deixar de cultivar as terras dos seos paizes, e não pagarem os tributos que lhe competião.

A segunda sangria que não deixa d'enfraquecer o corpo do Estado, a que não acho remedio, he os soccorros de gente que annualmente se mandãõ para a India, sem os quaes não se poderia sustentar: e como alguns morrem na viagem, e o mais he que outros se fazem frades, deveria ser hum ponto de jurisdicçãõ do Vice-Rey não permittir que soldado algum, que fosse de Portugal, entrasse em alguma religião; pois que para se salvar he assas estreita a do seu regimento, e do seu officio. A este prejuizo se segue, que pela mesma razãõ vem a faltar os marinheiros, que se desmandaõ, e deixaõ suas mulheres, das quaes poderião ter muitos filhos.

O Brazil não sangra menos Portugal; porque sem embargo de não ser livre a cada qual passar aquelle estado sem passaporte, como ouvi dizer; com tudo furtivamente se embarcaõ os que ao cheiro das minas la querem ir buscar sua vida.

O modo de poder povoar aquellas immensas terras, de que tiramos tantas riquezas, sem despovoar Portugal, seria permittir, que os Estrangeiros, com as suas famílias se fõssem estabelecer em qualquer das capitãnias, que escolhessem, sem exanimar qual seja a sua religião, recommendar aos Governadores todo o bom acolhimento, arbitrando-lhes a porçãõ de terra, que quizessem cultivar; do que se seguiria, que cazariaõ, e propagariaõ, e em poucos tempos os seos descendentes serião bons Portuguezes, e bons catholicos Romanos, em caso que seos avós fossem protestantes, no que não acho inconveniente algum; mas antes vi que os Inglezes tem mandado para os estabelecimentos na America varios colonos do Palatinado, e de melhor vontade irião para o Brazil, cultivariaõ grande parte daquelle vasto paiz, pois he certo, que depois do descobrimento das minas tem diminuido avultados assucares, e tabaco, e por consequencia o numero dos navios que traziaõ aquelles effeitos, e dos marinheiros que os navegavaõ.

A insensivel, e cruelissima sangria, que o Estado leva, he a que lhe dá a Inquiziçãõ; porque diariamente com medo della estãõ sahindo de Portugal com os seos cabedaes, os chamados christaõs novos. Não he facil estancar em Por-

tugal este maõ sangue ; quando a mesma Inquizaõ o vai nutrindo pelo mesmo meio que pertende querer veda-lo ou extingui-lo.

E ja o celebre Fr. Francisco Domingues de St. Thomaz da ordem dos Pregadores, e Deputado da Inquizaõ dizia —Que assim como na calceteria havia huma caza em que se fazia a moeda, assim havia outro no Rocio, em que se faziaõ Judeos, ou Christaons novos ; porque sabia como eraõ processados os que tiveraõ a desgraça de serem prezos, e que em lugar de se extinguirem se multiplicavaõ, e ninguem melhor do que elle podia fallar na materia.

Não entrarei a particularizar o motivo deste infortunio ; basta dizer succintamente que a ignorancia em que estaõ os accuzados dos nomes que os accuzaõ, e deveraõ contestar para escaparem ao fogo, a prova que fazem as testemunhas singulares, a vchemente presumpçaõ que se tira de que o reo tinha huma leve tintura de sangue Hebreo, saõ as verdadeiras causas desta lastimoza tragedia, que deshonra Portugal nos Paizes estrangeiros, onde o nome de Portuguez he synonimo de Judeo.

Vi, e revi, Senhor, com grande satisfaõ todos os papeis que cheios de erudiçoens das historias profanas, mas nem sempre venturozamente applicadas, se escreveraõ pro, e contra na Regencia do inclito Avô de V. A., quando os christaons novos de Portugal recorreraõ a Roma para obterem hum perdao geral, ou se reformarem os estilos do Santo officio ao que se oppozeraõ os tres Estados do Reino juntos em cortes, e os Bispos em particular, sobre o que suspendo o meu juizo, ou para melhor dizer o sujeito em certo modo ao de tantas, e taõ doutas pessoas, quantas *nemine discrepante* reprováraõ como impiõs os ditos requerimeatos ; mas nao só deixarei de admirar-me de que os Bispos viessem a confessar, que os Inquizidores eraõ as luzes do Evangelho, e as columnas da Fé, quando Deos só as bõcas desses mesmos Bispos confiou a preservaçaõ, e intelligencia das verdades Evangelicas, destituindo-se assim da sua privativa jurisdicçaõ, para deixarem condemnar as suas ovelhas, contentando-se de que os Inquizidores lhes façaõ a graça de os deixar assistir às Sentenças dos que relachaoõ ao braço Secular. *Oh tempora, Oh mores !*

Vi taõbem muitos papeis assas largos em que se expunhaõ os meios para em Portugal se extinguir o Judeismo ; mas não vi algum em que se tratasse d'accordar a utilidade temporal do Reino, com a espirital da Religiaõ, que he todo o meu objecto.

Assento pois por principio certo que ninguem negara, que a utilidade temporal de Portugal requer que o Reino se nao

despovoe, antes que abunde em gente; e que taobem o espiritual nos persuade a que nelle se nao' consintao' Judeos inimigos de Jesus Christo; sem embargo que os Senhores Reys Nossos Soberanos nelle os toleravao', e delles se serviao' ate o tempo de Senhor Rey D. Manoel de glorioza memoria, que os exterminou, sem embargo, de que se admittem em todas as Naçoens da Europa, e ainda na mesma Roma. Com tudo como a Ley do Reino determina o contrario, he justo ella se observe; e creio este sera hum dos meios, que se podiao' achar para se combinarem aquelles dois systemas, que parecem antinomicos.—Diz pois a Ley Liv. 5. Tit. 1. §. 4. Porem se algum Christao' leigo quer antes fosse Judeo, ou Mouro, quer nascesse Christao', se tornar Judeo, ou Mouro, ou a outra seita, e assim lhe for provado, nos tomaremos conhecimento, e lhe daremos a pena segundo o direito, porque a Igreja nao' tem aqui que conhecer, se erra na fé ou nao'; e se tal cazo for, que elle se torne á Fé, ahi fica aos Juizes Ecclesiasticos darem-lhe suas penitencias espirituas.

O objecto desta Lei nao' foi somente castigar o crime d'apostazia, que ja se sabe ser de morte; mas taobem de prescrever, que o conhecimento deste detestavel delicto pertencia ao Juiz Secular, dando logo a razao', porque se nao' duvida do erro da Fé.

Poderia vir em questao' se pertencia taobem ao mesmo Juiz Secular conhecer do que fosse accusado de ter abraçado qualquer outra seita, pois parece, que assim o dispoeem a dita Ley: mas nao' entrarei nesta disputa, que me apartaria muito do meu assumpto. Digo somente que da execucao' desta Lei, se seguiriao' muitos beneficios.

O primeiro, que nao' haveriao' mais christaos novos; que aquelles, que se tornassem á Fé, e fossem remettidos ao Juizo Ecclesiastico, para lhe darem as penitencias espirituas, conforme os sagrados. Canones determinao', porque só estes sao' christaos novos, que da Synagoga vaõ para o altar, como taobem o Mahometano, ou Gentio, que se baptizar, mas nao' aquelles cujos Pays, e Avos nunca prevaricaram.

Segundo—que seriao' escuzados os autos da Fé, que os naturaes vaõ ver, como festa de touros, e os estrangeiros como huma buganga, pela variedade das insignias, que levaõ os que vaõ ao dito auto, e os Inquizidores inventaraõ para excitar a curiozidade dos Povos.

Terceiro—que nao' se exporiao' indignamente na Igreja de S. Domingos os retratos dos que padeceraõ, dos quaes em lugar de se conservar a memoria se deveria esquecer. Mas se algum objectar que nao' convem por este modo ficasse a Inquizaõ' sem exercicio, e o Povo sem este diverti-

mento, a que chamamos triumpho da Fé; respondo que nunca faltaria que fazer aos Inquizidores, nem em que se occupar: porque ainda que se lhe tirasse este ramo, que he o mais pingue da sua jurisdicção, sempre lhe ficaria outros muitos em que emprega-la; como por exemplo os que abraçao novas opinioens, ou erroneas, ou hereticas, de que achariao, se elles as nao guardassem nos seos coraçoes, excepto aquellas que se nao podem praticar, sem as commu-nicar; como por exemplo as que tendem á sensualidade, quero dizer a dos Quietistas, e outras semelhantes, ao que se ajunta o conhecimento dos crimes mixtífori: alem deque sempre guardaria a prerogativa de ter tantos subditos, quantos sao os seos familiares; e V. A. esteja certo que todas as vezes que houver hum tribunal privativo para castigar certos crimes, sempre fará criminozos.

Luis 14. instituiu hum Tribunal com o nome de *Camara Ardente* para conhecer dos feiticeiros, e envenenadores; e logo foi accuzado nao menos que o Marechal de Luxemburgo, e o Duque de Bullon, com outras muitas pessoas de distincção: pelo que o Parlamento de Paris representou ao dito Principe que se nao abolisse o dito Tribunal, em pouco tempo toda a França seria accuzada daquelles delictos; e nao se ouviu fallar mais delles, depois que elle se extinguiu.

Porem quando este primeiro meio d'executar a dita Ley parecer proprio para o meu fim, proponho como segundo renovar a do exterminio, que o Senhor Rey. D Pedro promulgou. Esta determinação he que toda a Pessoa, que no auto da Fé sahisse convicta do crime do judeismo, sahisse do Reino, no termo de dois mezes: e por isso em quanto ella se praticou estavao sem exercicio as Inquizicoens a respeito dos Judeos; e me lembro que a de Lisboa para fazer o auto da Fé mandou pedir emprestadas á de Coimbra, e Evora algumas figuras: mas os Inquizidores negociarao de maneira que El Rey derogou a Ley, com o pretexto, de que os Judeos com o temor do exterminio nao ouzavao declarar-se com os de sua nação; e assim nao havia o testemunhas, que os accuzassem, para que se arrependessem. Porem como a Igreja nao julga dos interiores, e menos o Principe, pouco importa á Republica que haja Judeos occultos, quando nao escandalizao, e conserva o as suas cazas.

A pena do exterminio começou com o mundo, como se fora a maior, visto que Deos exterminou Adam do Paraizo, onde o acabava de fazer com suas proprias maons, e era a sua Patria, porque lhe desobedecera. Deviao pois os Inquizidores contentar-se da existencia da Ley para que o Judeismo se fosse extinguido em Portugal; e he de saber que ella foi approvada pela bocca do mesmo Papa, pois disse ■

D. Luis de Souza—Vosso Amo pertende que ou faça sahir do seu Reino esta pobre gente.

O terceiro meio fora que aos prezos pelo crime de judeismo se dessem abertas, e publicadas, isto he darem-lhe vista dos nomes das testemunhas que nelles derao para as poder contradictar, como se dá a outro qualquer criminozo. Assim o requererao ja os christaons novos, que apadrinhados pelo Marquez de Fronteira, o Senhor Rey D. Pedro lhes concedeo que recorressem a Roma, onde haveriao ganhado o seu processo se morrendo o Ministro nao entrasse em seu lugar a Marquez de Alegrete, entao Conde Villar,—maior que tomou o contra pé do seu antecessor, como de ordinario acontece, tomando á sua conta fazer-se protector da Inquizicao com o Secretario d'Estado Francisco Correa de Lacerda sua creatura, os quaes dispozerao o dito Senhor a mandar a Roma D. Luis de Souza Bispo de Lamego para se oppor á mesma faculdade que tinha dado aos Christaons novos; de que rezultou querer a Congregação dos Inquizidores de Roma examinar os autos que os Inquizidores de Portugal tinhao processado; e porque elles lhe nao quizerao obedecer, intervindo-lhes, suspendeo o exercicio, e neste estado ficarao por espaço de seis annos, ate que S. Magestade lhes permittio mandassem a D. Luis de Soiza certos processos bem escolhidos, para os poder produzir, e assim ficou triumphante D. Luis de Soiza que os votou com a informação dos estilos Inquizitoriaes, excepto algumas circumstancias *parvi momenti*. Porem he certo que se os Christaons novos tivessem vista das testemunhas que nelles dao, nao só as poderiao contradictar; mas o R. nao se veria obrigado a ir dando em todas as pessoas que conhece, para contestar com as que o accusaõ, e nao serem condemnados por diminutos, deque se seguiria irem-se diminuindo os Christaons novos; e os que saõ fiados em que se podem defender, nao sahiraõ de Portugal com os seos cabedacs.

Como S. Magestade seja Senhor do dito Tribunal da Inquizicao para o abolir se quizer; claro esta que taobem o he para o poder alterar nos seos estilos; sejaõ ou nao confirmados pela Sé Apostolica para revogar a prova, que fazem as testemunhas singulares, e he redicula razao que dá o Conde da Ericeira na resposta que fez ao P. Antonio Vieira—que pois a singularidade das testemunhas faz prova no crime de Leza Magestade humana, com maior fundamento a deve fazer no crime de Leza Magestade Devina—Como se podesse fazer argumento de huma para outra. Quando na primeira concorre a vida do Principe, e a Segurança do Estado; e na segunda só se trata da offensa de Deos, que he todo-misericordiozo. Todos sabem a regra geral—de que melhor he

absolver a culpa do que castigar hum innocente ; e a razao he clara ; porque o culpado pode emendar-se ; e a morte do innocente nao tem emenda nem resurça alguma.

(Continuar-se-ha.)

CONTINUAÇÃO

DAS

CARTAS DE ALEXANDRE DE GUSMAO.

Para Diogo Barboza Machado.

Sinto que Vmce. tomasse o incommodo de buscar-me, e que o nao achar-me em caza me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da qual procurarei aproveitar me sem molestia sua.

Muito tenho que agradecer a Vmce. occorrer-lhe o meu nome ao firmar hum catalogo dos Portuguezes eruditos, sendo tanto maior o agradecimento, quanto menos razao havia para que eu devesse lembrar-lhe ; e supposto que nao desconheça, ou deixe de apreçar a honra que Vmce. me faz, he justo taobem, que me nao induza o amor proprio a abuzar della. Alguns amigos me fazem a merce de espalhar no publico hum conceito vantajozo dos meos estudos ; porem como estes, em quanto se nao daõ a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem ; nao devo attribuir o estabelecimento daquella fama senao á benevolencia dos que me favorecem ; pois ate o presente nao tenho mostrado composição por onde podesse adquirir-la ; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que a perderia de todo se sahisse á luz com algum volume. Supposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, ainda que me cause confuzão ; discorro que taobem Vmce. se tem deixado enganar com aquella nao merecida opiniao, e que seria extranhada a exacção, e boa critica de Vmce. contar na Bibliotheca Luzitana entre os Authores individuo que o nao he : assim nao tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compuz. Julguei superfluo dar satisfação aos mais quizitos, que contem a carta de Vmce. No seu livro terci que envejar aos varoens, que pelos seos trabalhos se

fizerão merecedores dos elogios de tão discreto, e intelligente Juiz ; e sempre conservarei huma viva lembrança do lugar, que a bondade de Vmce. me queria dar nelle, e que sera hum novo motivo para dezejar repetidas occazioens em que possa servir a Vmce. e mostrar o meu reconhecimento. Deos Guarde a Vmce. muitos annos. *Caza, 2 de Maio de 1740.*

Alexandre de Gusmao.

Para Martinho Velho da Rocha Oldemberg,

Tenho a honra de apresentar a Vmce. a incluza escrita por hum amigo meu, que possuo ha mais de doze annos, e tem todas as circumstancias para merecer-me eterna amizade. Tem-me servido muitas vezes ; esta he a primeira que me occupa, e sabe que Vmce. costuma favorecer me. Rogo a Vmce. queira servir-se de conservar-me o meu Thezoiro, por tudo o que depende de seu favor, que eu confessarei daqui por diante dever a Vmce. parte delle ; sendo porem com isso, ou nao obstante sincera, e effectivamente.

De Vmce. &c.

Alexandre de Gusmao.

CARTA

Do Conde de Villanova para Alexandre de Gusmao.

Hontem me disse o Pe. Fr. Custodio que os papeis de Lourenço de Soiza Pereira, por quem eu procurava, para-vaõ em poder de V. S. ha mais de hum anno ; e como sou empenhado na liberdade deste. Capitaõ e V. S. me trata com tanto favor, espero se sirva expedi-los, fazendo todo o possivel para que seja deferido na forma que pertende ; e para servir e dar gosto a V. S^a. fico muito prompto. Deos guarde a V. S^a. como dezejo. De *Caza em Janeiro 20, de 1745.*

Muito affectuozo Vencr. de V. S^a.

Conde de Villanova,

Commendador Mor.

Gusmao.

RESPOSTA

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr.

Eu nunca tive em meu poder papeis d'algum pertendente mais de hum mez, exceptuando aquelles porquem me interessei, por me haver encarregado de suas dependencias, os quaes nunca se queixárao porque não tinham motivos para poderem arguir-me. E lembrando me que S. Rma havia dado ao Secretario d'Estado Marco Antonio os papeis em que V. Ex^{ta}. me falla os fui procurar logo que recebi a carta de V. Ex^{ta}. e fallei a El Rey, que foi servido mandar expedir o Decreto na forma da informação do Corregedor do Crime da Corte, e caza, que baixa ao Dezembargo do Paço, onde Vossa Excellencia se servirá mandar procura-lo.

Consta-me que S. Rma. me erguira de esquecido para mostrar-se officioso em servir a Vossa Excellencia; e com effeito nessa queixa nos deo prova de que seu habito de Varatojo lhe tem influido hum grande espirito de humildade, porque se esqueceo de pressa dos estímulos da sua alta nobreza; mas a que se segue tudo isto desvanecera—" Remetto a Vossa S^a. as consultas em que fallámos, e espero me diga o que se hade fazer, porque El Rey, e eu dezejamos servir os Padres não havendo prejuizo de terceiro, que me parece não ha. Tambem quizera me fallasse a Marco Antonio sobre os papeis de hum Lourenço de tal que se acha prezo no Alemtejo á ordem d'El Rey, pois me importuna muito por elles o Conde de Villanova; e a Deos ate á vista. Caza Real de S. Vicente em 10 de Abril de 1744.—Fr. Gaspar.

Esta era a noticia que eu tinha dos papeis do tal Lourenço e como me parece que haveria mais Lourenços em caza do Secretario Marco Antonio, onde se guardao indistinctamente todos os papeis dos Lourenços despachados, e por despachar; essa foi a razao, porque não procurei por elles, de que me não acompanha escrupulo. Fico as ordens de Vossa Excellencia como dezejo. De Caza em 25 de Janeiro de 1745.

Beja as maons de Vossa Excellencia como affectuozo
Creado.

Alexandre de Gusmao.

POLITICA.

AMERICA.

BUENOS AYRES, 13 de SEPTEMBRO de 1812.

DECRETOS DO GOVERNO.

Em consequencia de huma consulta da parte da Junta de Accuzação, sobre a questao, se a propriedade das pessoas ultimamente executadas, e que podem ter deixado herdeiros no paiz, devia ser sequestrada, o Governo no 1 do corrente veio á seguinte determinação :—

“A propriedade de todos os reos que tiverem filhos, sera livre, assim como a parte a que tiverem direito as suas vi-
uvas.”

Commercio.

“O Governo tendo tomado em consideração a necessidade de erguer fundos para cobrir as despezas do Estado, com o menor gravame possível do povo, tem determinado, que daqui em diante se extorquirá huma terça parte dos direitos, impostos sobre o commercio provisional com estrangeiros, pelo Decreto de 24 de Dezembro de 1811 : que as cargas vindo de portos de Hespanha e suas dependencias, serao consideradas como estrangeiras, e sujeitas aos ditos direitos; e esta medida terá effeito so nas cargas que chegarem aos nossos portos posterior a data do presente decreto.

Assignado pela parte da Junta

Feleciano Antonio Chiclana. Presidente.

Nicolau de Herrera. Secretario.

Buenos Ayres, Septembro 11, 1812.”

Com a vista de fornecer ao commercio maritimo aquella protecção, que os interesses geraes do Estado requerem, e de remover os obstaculos, que embarassão os seus progressos, o Governo mandou publicar o seguinte decreto :—

“ Será permittido a todos os estrangeiros vender com sua melhor vantagem as suas cargas, comprar as de retorno, e empregar todos os meios necessarios para carregar seus navios; ficando desde ja nulla e sem effeito a obrigação de consignar as suas fazendas a mercador do paiz, imposta pelo primeiro artigo do Acto de 6 de Novembro de 1811.

Assignado da parte da Junta.

Feleciano Antonio Chiclana. Prezidente.

Nicolau de Herrera. Secretario.

Buenos Ayres, Septembro 13, 1812.”

Buenos Ayres, 2 de Outubro, 1812.

Carta Official de Lord Strangford áquelle Governo.

“ Excellentissimo Senhor,

Eu posso distinctamente, em nome e por ordem da minha Corte, desapprovar da maneira a mais authentica a correspondencia do Capitaõ Fleming do navio *Standard*, que se publicou na *Gazetta* de *Buenos Ayres* aos 3 de Janeiro do presente anno; assegurando a Vossa Excellencia que aquelle official não tem direito a fazer taes declaraçoens, nem entrar em taes materias, tendo so sido mandado a parte oriental deste continente, afim de comboiar para a Europa os artigos que para ali se dezejavaõ transmittir, ou por conta do Governo, ou dos individuos.

“ Lizongeando me que Vossa Excellencia saberá apreciar a candura, que dicta esta participacão, aproveito a occasião de renovar a Vossa Excellencia os meos sentimentos de alta consideracão e respeito.

Rio de Janeiro, Sep. 13.

Strangford.”

Ao Governo superior dos provincias
do Rio da Prata.

RIO DE JANEIRO.

Alvará, 22 de Setembro de 1812.

Eu o Príncipe Regente faço saber aos, que o presente Alvará com força de lei virem, que tendo mostrado a experiencia, que as providencias, e cautelas estabelecidas no Alvará de vinte de Junho do anno passado com o util fim de se não fraudarem as meos Reaes Direitos na entrada das mercadorias estrangeiras nas Alfandegas dos meos Reinos, deste Estado, e Dominios produzem embarços na pratica, que sobre as difficuldades do expediente dos despachos empecem o livre giros e facilidade do commercio, cuja extenção, augmento, e prosperidade muito deseja promover: Sou servido ordenar, que se não observem ao disposiçoens do referido Alvará de vinte de Junho do anno passado, praticando-se no despacho das mercadorias as mesmas providencias, que estavam em uzo antes da promulgação do dito Alvará, continuando o estilo praticado do juramento sobre serem; ou não de propriedade Portugueza; vencendo o Juiz, e Escrivão da Alfandega por elle o emolumento determinado no citado Alvará de vinte de Junho do anno passado, e entendendo-se nesta conformidade a disposiçãõ do §. II. do Alvará de vinte e seis de Maio de corrente anno.

Pelo que mando a todos os tribunaes do Reino, e deste Estado; Ministros de Justiça; e mais pessoas, a quem o conhecimento deste Alvará pertencer, o cumprão, e guardem, não obstante quaesquer leis, ou disposiçãõ em contrario. E valera como carta passada pela chancellaria; posto que por ella não ha de passar, e que o seo effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação, que outra couza determina. Dado no Palacio do Rio de Janeiro em vinte e dous de Setembro de mil oitocentos e doze.

Príncipe

Conde de AGUIAR.

Alvará com força de lei, pelo qual Vossa Alteza Real ha por bem ordenar, que fiquem sem observancia as disposiçoens do Alvará de vinte de Julho do anno passado, por terem embarços, e difficuldades na pratica: tudo na forma acima exposta.

Para V.A. R. ver

JOÃO MANOEL MARTINS DA COSTA O FEZ.

Registado nesta secretaria de Estado dos negocios do Brazil no livro 1., de leis, Alvaras, e cartas Regias a f. 249—Rio de Janeiro em vinte e dous de Setembro de mil oitocentos e doze.

MANOEL CORREA PICAÑO.

ESTADOS UNIDOS.

PROCLAMAÇÃO

Do General Americano Alexandre Smith, tentando invadir o Canada.

Companheiros em armas!—he chegado o tempo, em que deveis atravessar a torrente do Niagara, para conquistar o Canada, e segurar a paz da fronteiras Americanas.

Vos entrareis n'hum paiz, que deve ser dos Estados Unidos. Vos chegareis ao meio de hum povo, que deve entrar em o numero de vossos concidadaons. Nao he contra elles que nos vamos fazer a guerra, he contra aquelle governo que os retem como vassallos.

Vos fareis esta guerra o menos calamitosa ao povo Canadense, se elle se conservar pacifico, suas pessoas e propriedade devem ser seguras, tanto quanto permittirem as nossas imperiosas necessidades.

Saque particular he absolutamente prohibido. Todo o soldado que deixar as suas fileiras para saquear no campo do batalha sera punido da maneira mais exemplar.

Mas os vossos justos direitos como soldados, serao mantidos. Vos tereis tudo o que he despojo pelo direito da guerra. Todos os cavallos pertencentes a artilheria, e cavallaria—todos os carros e trens de servico publico serao vendidos em beneficio dos captores; as provisoens publicas serao seguradas para servico dos Estados Unidos. O Governo vos dará com justiça o equivalente. Os cavallos d'artilheria ligeira do inimigo, sao necessarios para o servico dos Estados Unidos. Por ordem minha se darao 200 dollars por cada hum ápartida que os tomar.

Dar-se-lhao tambem 40 dollars pelas armas e despojos de cada guerreiro selvagem que se matar.

Soldados! Vos estaes amplamente providos para a guerra. Vos sois superiores em numero ao inimigo. Vosso vigor

peçoal e actividade são maiores. Vossas armas são mais compridas. Os soldados regulares do inimigo são geralmente velhos, cujos melhores annos se tem dissipado nos climas doentios das Indias Occidentaes. Elles não poderao permanecer diante de vos, quando os carregardes á bayoneta.

Vos tendes visto Indios, taes como elles que são alugados pelos Inglezes, assassinar mulheres e creanças, matar e esfolar os feridos. Vos tendes visto as suas danças e arreganhos, e ouvido os seus urros. Podeis vos teme-los? Não vos os tractaes com o maior desprezo.

Voluntarios! Homens desleaes e traidores tem pertendido afastar-vos de vossos deveres. Humas vezes dizem, que se entraes no Canada sereis retidos cinco annos para o serviço; outras, que sendo feridos não tereis pensoens do Governo. A justa e generosa conducta do Governo com os voluntarios que pelejarao em Tippocanoe, fornece huma resposta a ultima objecção. A outra he muito absurda para merecer alguma.

Voluntarios! eu estimo os vossos generosos e patrioticos motivos. Vos tendes feito sacrificios nas aras da patria. Não consentireis que os inimigos da vossa fama vos extraviem do caminho da honra, e dever e vos privem da estima de huma nação agradecida. Vos evitareis a infamia eterna, que espera aquelle que tendo chegado a vista do inimigo, volta baixamente as costas no momento da prova.

Soldados de todos os corpos! Esta na vossa mão recuperar a honra do vosso paiz, e cobrir-vos de gloria. Todo aquelle que fizer huma acção valerosa, terá o seu nome proclamado a face da nação. Recompensas e honras esperao o valeroso. Infamia e desprezo estao reservados para os cobardes. Companheiros em armas! vos vindes para vencer hum inimigo valente. Eu sei a escolha que vos fareis. Marchai meos heroes. E quando attacardes as baterias do inimigo, seja o vosso grito de reuniao—"a peça perdida em Detroit, ou a morte."

ALEXANDRE SMITH, Brig. Gen. Commandante.

*Campo Junto a Buffa,
17 de Novembro de 1812.*

EUROPA.

RUSSIA.

Entrevistas de Kutusoff e Lauriston, de Miliarodowitch e Murat.

QUANDO Bonaparte chegou a Moskow sentio logo a necessidade de pedir a paz, em vez de a dictar, como ateli loucamente suppozera. Mandou por tanto o seu Lauriston ao Principe Kutusoff propor hum armesticio. O Principe recebeo Lauriston no meio dos seus generaes, perante quem teve lugar a seguinte conversação, que por curiosa transcrevemos.

Kutusoff. “Eu não estou authorizado a escutar proposição alguma de paz ou armesticio; quanto á carta dirigida a Sua Magestade, de certo não me encarrego. Eu devo declarar-vos que o exercito Russo tem muitas vantagens para as sacrificar; elle não tem necessidade de armesticio.”

Lauriston. Observou que a guerra não podia ser eterna, que ella devia ter hum fim, sobre tudo quando se fazia de huma maneira tão cruel.

Kut. Os revolucionarios Francezes forão os que derao exemplo de barbaria; e Bonaparte requintou. Sem duvida a guerra não será eterna; mas não se cuidará de paz, em quanto os Francezes não estiverem alem do Vistula. A Russia não provocou a guerra: o Imperador podia aniquilar todos os preparativos de Bonaparte, dirigindo immediatamente todas as suas forças para o outro lado do Vistula, antes que Bonaparte os commecasse; mas as tentativas de Sua Magestade para a evitar forão inuteis. Bonaparte entrou na Russia sem declarar a guerra; devastou huma parte do imperio. Ninguem o convidou a vir a Moskow; deve sair como puder. Nos havemos fazer-lhe todo o mal possivel; he nosso dever. Elle proclamou que a campanha se terminaria em Moskow; nos vemos a couza differentemente; para nos he que ella agora principia. Se o duvidaes; bem depressa vos convenceremos.

Lauriston. Pois que não he possivel esperar a paz, será preciso marchar; mas partindo, será ainda preciso der-

ramar o sangue dos bravos, por quanto os vossos exercitos marchão de toda a parte.

Kutusoff. Eu volo repito; fazei como poderdes para sahir, que nos faremos quanto poder-mos para vos estorvar. De mais com se tracta so da vossa partida, arranharemos o negocio, quando for tempo.

Lauriston queixou-se entao do furor que se havia inspi-rado ao povo, em ordem a tornar impossivel toda approxi-mação, attribuindo aos Francezes o encendio de Moscow, quando o fogo se lhe tinha deitado pelos habitantes.

Kutusoff. He a primeira vez que ouço fazer queixas contra o enthusiasmo, e patriotismo de hum povo inteiro; que defende o seu terreno contra o inimigo que o envadio, sem ser provocado; e que por esta injusta aggressão, ex-cita esta animosidade, esta raiva de que o inimigo se queixa, e que todos os outros povos admirarão. Quanto ao in-cendio de Moscow, eu sou velbo, M. Lauriston, tenho alguma experiencia da Guerra. Estai pois certo, que eu sei todos os dias, e a todas as horas do dia, o que se passa em Moscow. Eu ordenei que se lançasse o fogo a alguns armazaens; mas depois da chegada dos Francezes a Mos-cow, os Russos so queimaraõ alguns apparelhos de carros, e os habitantes algumas cazas; mas vos tendes destruido systematicamente o resto, fixando os dias, e assignalando os quartéis, que devião ser entregues as chamas. Eu tenho as relaçoens exactas; e posso dizer-vos os edificios que de molisteis com artilharia, por serem tao solidamente con-struidos, que as chamas não os consumiaõ. Pensais que não havemos despicar-nos? M. Lauriston a nossa confe-rencia está acabada."

A 11 de Outubro. Murat foi encarregado por Bona-parte a fazer segunda tentativa com o General Milarodo-witch, commandante da recta guarda do exercito Russo. Mu-rat foi procurar o quelle General, e depois dos compri-mentos do costume, se commeçou a seguinte conversa-ção.

Murat. Sabeis vos, General, os excessos que commet-tem os vossos Cosacos? Elles atiraõ sobre os meos forregea-dores: os vossos mesmos paizanos, quando se julgaõ abri-gados pelos Cosacos, assassinaõ os buzares, que achão izo-lados.

Milarodowitch. Tenho muito gosto de ouvir da boca de Vossa Magestade, que os meos Cosacos executao rigo-rosamente as minhas ordens, e nao tenho menos gosto de ouvir, que os nossos paizanos se mostrao dignos do nome Russo.

Murat. Isso he contrario ás regras admittidas na guerra ; e se continua, serei obrigado a enviar columnas para pro- teger os meos forrageadores.

Milarod. Estimarei muito, *Sire* ; os meos officiaes se queixao de estar a tres semanas sem fazer nada. Elles de- zeariao tomar algumas peças, algumas bandeiras.

Murat. Mas para que he envenenar duas naçoens feitas para se estimar por tantos motivos ?

Milarod. Meos officiaes e eu estamos promptos a dar- vos todas as demonstraçoens possiveis da nossa estima ; mas, *Sire*, os vossos forregeadores serao sempre tomados ; e creio que as columnas que enviár-des a protege-los, serao battidas.

Murat. General, nao he com palavras, que somos batti- dos. Lançai os olhos sobre o niappa, vede o paiz que temos conquistado, e ate onde penetramos.

Milarodowitch. Carlos XII. penetrou mais longe ; foi ate Plutawa.

Murat. O exercito Francez tem sido constantemente vic- torioso.

Milarod. Mas nos nao nos battemos senao em Boro- dino.

Murat. Essa victoria nos obrio as portas de Moscow.

Milarod. Perdoai, *Sire*, Moscow vos foi abandonada.

Murat. Seja como for, nos estamos senhores da vossa antiga e immensa capital.

Milarod. Ha verdade, *Sire* ; todos os Russos o sentem, e eu em particular ; fiz quanto pude para salvar Moscow. A Russia vos fez hum grande sacrificio ; mas ella ja com- meça a recolher o fructo.

Murat. Como ?

Milarod. Vejo que Napoleon enviou Lauriston ao Ge- neral em Chefe para tractar de paz. Sei que os vossos soldados nao tem se nao hum terço de racao ordina- ria.

Murat. Os passaportes que vos pedirao, foi fôrça.

Milarod. (continuando) E vejo que S. M. o Rei de Na- poles vem ao General Milaordowitch pedir para seos forre- geadores, e commecar huma especie de negociaçao para aplacar suas tropas.

Murat (picado) A minha vizita foi puramente acciden- tal ; eu queria simplesmente fazer-vos conhecer os abuzos

commettidos pelas vossas tropas. A falta de disciplina he huma grande desgraça n'hum exercito, e muitas vezes a sua ruina.

Milarod. Nesse cazo, he vos mais conveniente o promove-la. He huma preciosa falta de disciplina aquella que nos faz matar os forregeadores Francezes.

Murat. Vos vos enganais muito a respeito da nossa situaçãõ. Moscow está abundantemente provida de tudo. Esperamos reforços immensos, que ja estão em caminho.

Milarod. (rindo) Julgais vos realmente que nos estamos mais longe dos nossos reforços, que vos estaes dos vossos?

Murat. General, tenho tambem de queixar-me sobre hum ponto essencialissimo. Vos atirasteis duas vezes sobre os nossos parlamentarios.

Milarod. Sire, nos não queremos palrar, queremos-nos batter; e nada de negocios. Tomai portanto as vossas medidas.

Murat. Pois quel não estou aqui em segurança.

Milarod. Vos correis grande risco, Sire, se vindes segunda vez. Por esta, terei a honra de vos acompanhar eu mesmo ate as vossas *vedettas*.

O General pedio o seu cavallo; e Murat ferido de espanto disse, que nao tinha idea deste modo de fazer a guerra. O General lhe replicou sorrindo, que elle poderia ter tido huma idea d'ella na Hespanha. Murat vio que era melhor mudar de conversação, e perguntou ao General, onde tinha primeiro servido em qualidade de General?

Milarodowitch. Em França ainda se haõ de lembrar da campanha de Suwarow na Italia. Pois eu tive a honra de commandar muitas vezes a vanguarda do Generalissimo.

Taes foraõ os preludios, com que os chefes do grande exercito Francez se disposeraõ a retirar ou antes a fugir da Russia.

Diario das Operaçoens Militares desde 7 ate 13 de Novembro de 1812, datado dos Quarteis Generaes em Kopys extrahido dos despachos do Visconde Cathcart.

Novembro 7.—O Major Bordini tendo expulso o inimigo de Laeda, foi no seu alcance com huma parte do seu desta-

camento ate Bolachoi Kolotofshy, e com os seos Cosacos ate Kosan, onde forao ajudados pelo destacamento commandado pelo Ajudante General Conde Ocharofsky. O inimigo perdeu nesta fugida sete peças de artilharia, e quantidade de carros.

O General de Cavalaria, Conde Platoff, refere, na data de 5 do corrente que tendo-se a 3 approximado a Smolensko, e ouvindo dos habitantes que deixavaõ aquella cidade, que o inimigo occupava o arrebalde chamado Petersburgo, deo immediatamente ordens as suas tropas para attacar debaixo da coberta do fogo de artilharia do Don.

O Coronel Kaysaroff depois de ter com os seos caçadores quebrado a barreira, que o inimigo formara, vigorosamente o perseguio ate aquella arrebalde, donde elle fugio em confuzão e dezordem para dentro dos muros da fortaleza, onde esteve exposto ao fogo de artilharia das alturas vizinhas. Em quanto os Cosacos, e caçadores se batiaõ no arrebalde, o inimigo fez huma sortida em duas columnas com 8 peças de artilharia, e hum morteiro, rezolutamente determinado a re-aposar-se do arrebalde. Mas o Major General Koutchinchoff com os seos Cosacos, e o Coronel Kaysaroff com os seos caçadores, cahiraõ sobre elles, e tendo repellido a infantaria, tomaraõ as peças. O arrebalde foi retomado, quando a noite poz termo a contenda. A 4 o inimigo se estabeleceu por detras das palissadas, estando em posse da margem esquerda do Dnieper, em quanto as suas columnas deixavaõ a cidade com precipitação.

O Conde Platoff fez que hum Te Deum se cantasse em presença das tropas, acompanhado por huma descarga de artilharia, e hum *hourra* dos soldados.

O inimigo deixando a cidade, deitou fogo as minas que tinha formado em varios lugares da fortaleza, para destruir as cazas do arrebalde de Petersburgo fronteiro a fortaleza.

O Ajudante de Campo, o General Baron Mettersakomelsky refere, que o official, que elle destacara com tres esquadroens, descobrio huma columna do inimigo, e tendo a cercado mandou o Staabs-Rottmeister dos huzares da guarda de Akimfieldt, com huma proposição para deporem as armas. Elle executou esta commição com muito bom successo.—O numero dos prisioneiros montaraõ a 2500 homens.

Recebeo-se noticia que o destacamento debaixo do Conde Oschautsky occupara Mohilow depois de expulsar o inimigo. Acharaõ-se ali provisoens e forragem bas-

tante para o exercito subsistir dez dias. O Quartel General do exercito estava em Dabroi (grande estrada para Orcha.)

Novembro 8.—O Ajudante de Campo, General Conde Oscharotsky refere que a 8 os Francezes tendo abandonado a aldea de Kosan marcharaõ para Dombrowna, e que na fugida se fizeraõ muitos prisioneiros, dos quaes com tudo, o Conde nao podia fixar o numero, que a todos os momentos crescia. Quartel General em Romanoff.

Novembro 9.—O mesmo General refere, que hum destacamento enviado por elle perseguira a retaguarda do inimigo na retirada de Kosan. Os Cosacos seguindo o por ambos os lados da estrada, cortaraõ parte deste corpo de Dombrowna, e sem lhe importar o fogo da artilharia, se lançaraõ sobre as columnas do inimigo, com os seus caçadores, matareaõ lhe mais de mil homens, tomaraõ 4 peças de artilharia, caixoens carregados de petrechos, alem de hum consideravel numero de carros, e fizeraõ 100 prisioneiros.

O Major General Borosdin refere, aos 4, que tendo com o seu destacamento expulso o inimigo de Dombrowna, o perseguira ate Orcha, e tomara acima de 400 prizioneiros e 8 officiaes. Achou se em Dombrowna hum pequeno armazem de farinha, avea, e feno.

O General Conde Platoff refere aos 7, que marchando de Smolensko para Dombrowna, destruiu hum destacamento do inimigo, que depois da derrota dos Francezes em Krasno, se salvara pela fugida, e atravessara a margem direita do Dnieper, a fim de se unir ainda ao grosso do exercito. O Conde fez 3000 prisioneiros, entre os quaes está o ultimo Commissario Geral em Smolensko de Paibusque. N'hum segunda relação, o General Platoff diz, que continuando a 7 a sua rota para Dombrowna, fora informado que o General Ney marchava com o resto do seu corpo para Loubawtich, e fora visto de tarde em Goissuiroff. Tendo occupado este lugar com os seus Cossacos a esquerda, o General Platoff ordenou que se levantassem baterias encobertas na estrada, e a chegada do inimigo, descarregou subitamente hum tremendo fogo de artilharia sobre elle, de maneira que vendo o inimigo na sua confuzão a impossibilidade de romper para Loubawitzch, se lançou nos bosques sobre as margens do Dnieper, e cobrindo a marcha com os caçadores se apressou ao longo do rio ate que a noite veio, e lançou as quatro peças de artilharia, que levava com sigo.

Aos 8, quasi pelas 6 horas da manham a guarda avançada

topou com a avançada do inimigo, vindo de Dombrowna. Elle foi recebido outra vez com artilheria ao sahir de hum bosque sobre a estrada. Os nossos Cossacos aproveitando-se da desordem do inimigo, e do bem dirigido fogo da nossa artilheria, o atacou com lança, matando muitos, e fazendo 800 prisioneiros, entre os quaes havia hum Commissario Geral, e 10 officiaes. O Marechal Ney vendo a sua total derrota se lançou nas florestas, e ajuntando as tropas que os nossos Cossacos dispersaraõ occupou a aldea de Tarouboff, onde se defendeo com obstinaçãõ ate vir a noite, que poz hum termo ao combate.

Novembro 10.—O General Conde Platoff refere a 9, que durante o perseguimento do inimigo ate Orcha, fez 400 prisioneiros. O inimigo defendeo a passagem do rio, em quanto entregava as chãmas aquella villa. O Chefe Davidoff atacou o inimigo aos 9 em Kópys, e matando muitos, fez 283 prisioneiros, alem de consideraveis equipagens; passando depois o rio a nado, mandou varias partidas para Telskloff, Staroselije, e Orcha. O Conde Platoff refere aos 9, que depois de alguma rezistencia, o inimigo fora expulso de Orcha, e que a huma hora da tarde a villa era occupada pelas nossas tropas. O inimigo deixou ali 20 peças de artilheria, algumas provisoens, e seos hospitaes, em que se acharaõ so de officiaes 50. Aos 11 o grande exercito fez alto em Lan-nike.

Novembro 12.—O Ajudante de Campo, General Conde Oscharofsky refere aos 12, que tendo chegado aos 11 a Gorhi, mandara o Major Richefsky, com os regimentos dos Cossacos do Don de Schamscheff, e 150 huzares em alcance do inimigo, que acabava de sahir daquelle lugar. O Major Richefsky o encontrou, e quasi o destruiu fazendo prisioneiros 4 officiaes e 250 soldados, e tomando muitas equipagens. O Quartel General do exercito em Morossoff.

O *Tirailleur* da 1 companhia de granedeiros do regimento da infantaria de Moscow, Stepan Jeremenko, que foi deixado, afim de se curar das feridas que recebera em Smolensko, ao cuidado do principal daquelle governo; depois da sua cura, e durante a retirada dos Francezes, hum destacamento de 47 homens passou pelas aldeas de Mlethino e Polsino. Immediatamente elle ajuntou os paizanos daquelles lugares, e animando-os com o seu exemplo, matou 7 daquelle partida, e atando com cordas os 40 que restavaõ, os mandou com os paizanos aos postos avançados dos Cossacos. O dito Jeremenko por esta acção valerosa que prova o espirito do soldado Russo, foi promovido ao

posto de official subalterno, e premiado com a ordem militar de São George, por sua Alteza o General Marechal de Campo.

CONTINUAÇÃO

Das operações militares do Exercito Russo desde 13 ate 16 de Novembro.

Novembro 13. O Ajudante de Campo General Conde Oscharofsky, marchando a 12 com parte do destacamento ao seu commando de Schploff para Mohilow, foi informado pôr alguns dos habitantes, que deixaraõ aquelle lugar, que as tropas do inimigo ali remanecentes, tinhaõ ameaçado por fogo a tudo dentro do seu alcance; em consequencia do que, o dito Conde sem perda de tempo ajuntou os Cossacos de Poltawa, montou os caçadores, e chegou antes de noite com sua cavalaria, e artilharia, a tempo de salvar a villa, donde expulsou immediatamente o inimigo—protegendo assim ao mesmo tempo o lugar, e salvando os grandes armazens que continha, do perigo que os ameaçava.

Outra parte do destacamento, as ordens do Staabs-rotmeister dos huzares das Guardas, Natchakin, que fora mandada pela estrada de Knaeschnitzi, encontrou o inimigo na retirada daquelle lugar, atacou-o, tomou 1 official, e 100 soldados, pondo o resto em fugida que perseguira seis wersts alemi de Knaeschnitzi.

O General Milarodovitch refere, que a 12 elle estará com parte da sua vanguarda em Tototchin. O grande exercito fez alto em Copys.

Novembro 14. General Platoff refere que a 12 algumas das tropas do inimigo, que se haviaõ separado do corpo commandado pelo Marechal Ney, e que tomaraõ o caminho de Loubawintzs, se entregaraõ em numero de 800 homens. A perda do inimigo em prizioneiros era tam grande, que nunca era menos de 1000 por dia.

O Coronel Potemkin, pertencente a vanguarda do General Milarodovitch, na sua relação de 3 diz, que o Major General Karpow ajuntou 600 prisioneiros em Zolóstchina, e em Kostel achou cem *Istchwerts* de sentieio.

A 13 o General Platoff refere que o Ten. Gen. Martinoff tendo atacado o inimigo com a brigada do General Kou-

tensk, ao passo que marchava pela estrada real, matou-lhe 500, e fez 400 prisioneiros, entre os quaes estava o General Dsewofsky. O quartel general estava em Staroselije.

Novembro 15. O Tenente General Schefelert relata, que a maior parte dos negociantes de Ratshaff Polosoff, juntamente com os cidadaons daquella cidade, animados pelo amor de seu paiz, tinhaõ preparado hum destacamento de 100 homens de cavalaria, e armando os de picos, espadas, e espingardas, durante a serie das operaçoens militares do governo de Smolensko, que pelas suas excursõens, e acçoens com o inimigo, livraraõ a sua cidade de ser saqueada. O Quartel General em Krouglo.

RELAÇÃO

Do General de Cavalaria Conde Witgenstein á sua Magestade Imperial datada aos 29 de Novembro de Harve Borysoff.

Hontem tive a honra de relatar muí submissamente a Vossa Magestade o destroço do corpo do Marechal Victor, de quem as tropas de Vossa Magestade tomaraõ 4 peças, 2 estandartes, 67 officiaes do estado maior, e 3000 prisioneiros, alem de hum consideravel numero de mortos e feridos. Depois desta victoria, se renderaõ, o General de divisao de Parthenaux, o General de Brigade Billier, o chefe do Estado Maior D'E-lert, os Generaes Canins, e Blamont: cinco coroneis, 15 tenente coroneis, 224 officiaes, e 7800 homens; entre estes havia dous regimentos de cavalaria, muito bem montados, hum Saxon, e outro de Berg. Eu rezolvei depois atacar Napoleaõ em pessoa, o que naõ deixei de executar no mesmo dia.

O inimigo se approximou a passagem do Berezina em grande força, e parou ali para a defender com grande obstinação; sem me desconcertar pelos seos grandes esforços, eu o repelli a distancia de tres wersts. A acção durou todo o dia. Hoje o obriguei a passar o rio junto a Stoudenzie, onde depois de o passar, elle queimou a ponte; mas recebendo pontoens do Almirante Tchichagoff, me acho neste instante occupado em lança-los no rio. Eu o passarei immediatamente, e obrarei conjuntivamente com elle, e o General Platoff. Hontem tomamos ao inimigo huma peça, e 1500 prisioneiros.

Hoje tomamos 12 peças de artilharia, e o inimigo lançou no rio huma quantidade dellas consideravel. Tomei tambem hum grande numero de officiaes e soldados, que inda não posso determinar, por estarem continuamente chegando, alem de muitas carruagens pertencentes a Bonaparte, assim como a individuos particulares, de maneira que o caminho no espaço de meio versta esta coberto d'ellas, aponto de não poderem passar pessoas de pé ou a cavallo. Fui obrigado por tanto a enviar tres companhias de milicias para abrir passagem somente para as tropas. Nestas carruagens, a maior parte das quaes éra propriedade de familias de Moskow, se achou alem de hum grande despojo para as tropas, quantidade da prata e ornamentos das igrejas, que o inimigo roubara em Moskow. Referindo isto humildemente a vossa Magestade Imperial, ponho ao mesmo tempo a seos pés os estandartes que tomei ao inimigo.

Nos perdemos durante estes tres dias acima de 3000 homens.

RELAÇÃO

Do Almirante Tchichagoff, sobre a estrada de Ostachero, aos 29 de Novembro.

Vendo a possibilidade de communicar directamente com S. Petersburgo, aproveito-me d'ella, para fazer saber a Vossa Magestade tudo o que se passou desde a minha ultima relação. No dia séguente depois da minha chegada a Minsk, reforcei a minha guarda avançada, e ordenei ao General Lambert que fosse para o lado de Borisow. A 21 de Novembro elle atacou no romper do dia os reductos occupados pela rectaguarda do General Dombrowsky, que chegou com grande pressa de Berezina para tomar posse d'ella. A resistencia foi mui grande; pelejou-se por longo tempo e com furia. Vossa Magestade possui no Conde Lambert hum activo, animoso, e habil general, capaz de vencer todas as difficuldades, o qual tendo percebido a importancia deste posto, em que o inimigo tinha ajuntado todas as suas forças para se manter, decedio toma-lo, e completamente o conseguiu. O inimigo perdeu 2000 homens em mortos, e nos fizemos outros tantos prisioneiros. Os restos do corpo de Dombrowsky forão perseguidos e dispersados.

Entretanto que a minha guarda avançada hia de Minsk para Borisow, o General Ichaplitz era mandado á Lembin para observar a passagem do Berezina, e o Coronel Loukownik para tomar posse de tudo o que o inimigo fosse obrigado a abandonar. Alguns destacamentos de Dombrowsky realmente atravessaraõ aquelle rio. O Coronel Loukownik os atacou, e lhes tomou hum coronel, muitos officiaes, 200 soldados, e huma bandeira.

A passagem do rio junto a Borisow tinha-se julgado tam importante, que o inimigo voltou para ali toda a sua attenção. Em consequencia, Oudinot foi destacado para reforçar Dombrowsky. Mas a cabeça de ponte estabelecida neste lado tornou inuteis todas as suas tentativas.

O inimigo determinado a forçar passagem, fez demonstraçoens em muitos pontos, e pode finalmente achar huma pozição mui forte a 15 verstas de Borisow, onde erigio huma bateria de 30 peças de artilharia, rodeada de pontanos e eminencias. Elle effeituou a passagem do rio, protegido pelas baterias, sendo-nos impossivel estorva-lo por isso, e por ser o rio ali muito estreito de maneira que a infantaria o passou a cavallo.

Aos 27 e 28 nos ouvimos huma canhonada, primeiro a direita, e depois a esquerda. Os Condes Witgenstein e Platoff se approximaraõ. Estabeleceeraõ-se communicaçoes entre nos. A 28 ataquei o inimigo em frente, ao mesmo tempo que Witgenstein se achava ja combatendo com as tropas que defendiaõ a passagem do rio, no lado opposto. Alguns prisioneiros nos informaraõ que Napoleon esteve em pessoa nesta batalha com todas as suas forças, que montavaõ a 70,000 homens. Os corpos de Oudinot e Victor que fazia parte d'ellas, eraõ compostos de soldados, que nao tinhaõ soffrido muito, estando ainda providos de cavalaria e artilharia.

A guarda de Napoleon está igualmente em soffrivel estado. O inimigo foi repellido ate a distancia de 4 ou 5 verstas, com a perda de huma peça, de muitos officiaes, alguns centos de prisioneiros, e hum numero consideravel de mortos.

O Tenente General Sacken, que deixei nos arrebalde de Brut, executou perfeitamente as minhas ordens. O Principe Schwartzenberg duas vezes se approximou de Slonin; mas o General Sacken atacando Regnier dous dias successivamente, o forçou a retirar-se e reunir-se ao Principe Schwartzenberg. O Tenente General Regnier perdeu hum par de bandeiras, e 1000 prisioneiros.

Eu vou no alcance do inimigo.

RELAÇÃO

Do Ajudante de Campo General Gobet Wetschoff
Kutuzoff a Sua Magestade Imperial, datada de
Berezyna a 2 de Dezembro.

Pela minha ultima relação, teve o prazer de annunciar a V. M. Imperial a minha chegada, juntamente com o meu corpo, a Babinowitsey. Recebi alli a primeira noticia que me chegou do corpo do Conde Wittgenstein, que estava estabelecendo a communicação entre elle e o nosso grande exercito. Entretanto eu não cessei de obrar sobre o flanco do inimigo e ate obriguei a sua guarda avançada a sustentar huma defensiva regular desde Orcha ate Borysoff. Em consequencia dos continuos ataques dos meus destacamentos, o inimigo por toda a parte da estrada encontrava os Cossacos; e o corpo do meu commando tomou em varias escaramuças, que teve com elle, tres generaes, 73 officiaes superiores, e 5929 soldados. Outros tantos pelo menos forão mortos.

Não longe de Borysoff me uni ao corpo de Wittgenstein, conforme a cujas ordens fui mandado proteger o seu flanco direito; e para que não haja obstaculo na passagem do Berezyna, a fim de tomar adianteira ao inimigo na estrada de Wileyka, movi circularmente o meu corpo a direita para Berezyna donde espero poder melhor corta-lo. Chegando a Lepel, fui informado pelos habitantes, que hum corpo consideravel do inimigo, commandado pelo General Wrede, estava em Dokschitzas. Ordenei immediatamente que se apromptasse huma forte guarda avançada, debaixo do commando do Tenente Coronel Petsenborn, que me referio que o inimigo apenas o avistara, se tinha retirado pela estrada de Wileyka, tentando provavelmente unir-se com o seu corpo principal. Eu vou agora em alcance do inimigo, e continuarei debaixo do commando do Conde Wittgenstein, conforme as ordens que recebi para aquelle effeito do commandante em chefe.

RELAÇÃO

Do General de Cavallaria Conde Wittgenstein a Sua Magestade Imperial, datada (do bivouac) junto a Kamen, 4 de Dezembro.

Apenas tinha Napoleão effectuado a sua passagem do Berezina, junto a Stondenzie, mandei logo o Ajadante de Campo General Kutusoff, que acabava de chegar, com todo o seu corpo de cavallaria ligeira, para Lepel afim de poder obrar sobre o flanco do inimigo, depois de ter atravessado o Rio, e ao mesmo tempo observar os restos dos Bavaros commandados pelo General Wrede, e que estavam em Dokschitze. Chegando a Lepel elle soube que estes Bavaros tinham deixado o lugar e marchavam por Dolginoff e Wileika, pertendendo unir-se com o principal corpo do exercito em Smorgonie. Em consequencia desta informaçãõ, elle mandou atras delles hum destacamento commandado pelo coronel Testenborn. O ultimo me informa a 2 do corrente, que tendo surprehendido a sua recta guarda em Dolginoff, ella tinha sido batida, e 26 officiaes e mil homens tomados prisioneiros, e que em consequencia da occupaçaõ de Dolginoff, pelas nossas tropas, a meditada junçaõ deste corpo, se tinha inteiramente frustrado.

O Almirante Tchitschagoff hindo no alcance no inimigo pela estrada de Molodetschno, para que as nossas tropas se não apertassem na mesma estrada, e retardassem por essa razãõ os seus movimentos, eu tomei a direçaõ de Kostenewitsch, Narotsch, e Nestawischki; operando assim no flanco do inimigo, e pertendendo particularmente com os meos Cosacos corta-lo de todo. Em Nomentshin eu poderei manobrar de concerto com o Almirante Tchitschagoff; e ao mesmo tempo conservar em *cheque* o exercito de Macdonald.

A perda do inimigo durante os tres dias que o persegui, e pelas difficuldades que lhe opus atravessando o Berezina, deve ser acima de 20,000 homens; por quanto ja mandei 13,000 prisioneiros, e a sua perda em mortos, feridos, e a fogados deve montar acima de 7000. Alem de 12 peças de artilharia tomadas ao inimigo, e de que ja tenho feito humilde mençaõ, elle perdeu mais tres e huma Aguia, que tenho a honra de por aos pes de Vossa Magestade Imperial.

CONTINUAÇÃO

Do Diario das Operaçoens Militares desde 2 ate 8 de Dezembro.

O Tenente Coronel Schepesoff refere a 2 de Dezembro que o Conde Godovitch estava marchando com as Milicias as suas ordens que constavaõ de 70,000 homens, sobre Mohilow. O Almirante Tchitschagoff refere em 1. de Dezembro que elle estava perseguindo o inimigo na direcção de Sembini, e Viamen para Pletschenitza, em quanto o destacamento que elle enviara na avançada para destruir as pontes, lhe impecia no flanco. O inimigo perdeu a 30 de Novembro, 7 peças de artilharia, e no 1 de Dezembro 2, alem de hum grande numero de prizioneiros, que horariamente crescem.

O Quartel General do exercito estava em Mawenitza a 3 de Dezembro. O Major General Toutschakoff refere a 17 de Dezembro que elle chegara a 8 daquelle mes com o seu corpo a Bobruisk. O General Conde Platoff refere em o 1. de Dezembro que perseguindo o inimigo tomara huma peça, e fizera 300 prizioneiros e alguns Officiaes.

O Almirante Tchitschagoff refere a 2 de Dezembro, que o Major General Lanskoi, que elle mandara com hum destacamento por Jouziff para Plestschenitza, a 29 de Novembro tinha encontrado hum destacamento do inimigo, occupando quarteis para o Imperador Napoleaõ, e fizera prizioneiros o General Kaminski, 30 officiaes, pertencentes ao estado maior e 217 soldados. A chegada das columnas do inimigo o compellirao a deixar este sitio, e a marchar para a esquerda a fim de estorvar o inimigo e pôr todos os obstaculos que podesse a continuacão da sua marcha. O Almirante Tchitschagoff tendo cercado o inimigo no 1. de Dezembro, entrou com elle em Chotiniwechi, tomou 5 peças de artilharia, e perto de 500 prizioneiros. O caminho por onde o inimigo se retira esta juncado de corpos mortos de homens e cavalloos e achamos ali 30 carretas, e muitos carros.

O grosso do exercito fez alto em Ravenitza a 4 de Dezembro. O Major General Touchacoff relata a 2, que chegou com o seu corpo de Bobruisk naquelle dia, a Golinski. O General Marechal de Campo Principe G. Kutusoff Smolensko, dezejando aproximar-se ao exercito de Almirante Tchitschagoff, removeo hoje o seu Quartel General para Kosino.

Dezembro 5.—O General Conde Platoff refere, no 1. que elle se tinha unido com a guarda avançada do Almirante Tchitschagoff que estava em Chatonitsche. Tendo no mesmo dia perseguido o inimigo, elle tomou huma peça de artilharia, e perto de 1000 prisioneiros. Os officiaes Francezes, que se fizerao prisioneiros, confirmao, que a 28 do passado os Generaes Oudinot, Dombrowsky, Sayontschick, e varios outros generaes de brigada forao perigosamente feridos. O Quartel General em Relarautschie.

Dezembro 6.—O Quartel General em Modus Chkowitzsch.

Dezembro 7.—O Almirante Tchitschagoff refere a 4, que em quanto a guarda avançada perseguia o inimigo ate Latigal, o destacamento do Major General Orruka tomou das Guardas dous pares de bandeiras, huma peça de artilharia, e sem contar os invalidos e os feridos, fez 1500 prisioneiros entre os quaes havia hum grande numero de officiaes de todas as patentes, e o General Preysiny. Nesta acção o Conde Platoff mesmo hia a frente do seu regimento de Cossacos.

O commandante de huma partida, o Coronel Sesslavin refere, que tendo feito hum feliz ataque sobre Labress, fez prisioneiro o General Dorguesal, e sete officiaes de varias patentes; e que marchava directamente sobre Wilna, a fim de surprender o inimigo na sua marcha, e attaca-lo a frente das suas columnas.

O General Conde Platoff refere aos 5, que no intanto que perseguia o inimigo, e o expulsava de Molodetschna, tomou 6 peças de artilharia, e o Coronel Kaysaroff, que elle destacara com huma forte partida, tinha atacado a cavallaria das guardas do inimigo, que escoltavao a baggagem de Napoleao, juntamente com alguns papeis de importancia. O quartel general está com a guarda avançada do General Miloradowitsch, para nao se affastar do centro das operações militares.

O Coronel Koussiny refere, que achou em Minsk alem de huma consideravel quantidade de paõ, perto de 8000 excellentes espingardas Francezas fabricadas em Liege,

RELAÇÃO

Do Commandante em Chefe do Exercito o General Marechal de Campo Principe Kutusoff Smolensko, a Sua Magestade Imperial, datada no Quartel General de Budaschkewitch aos 7 de Dezembro de 1812.

O exercito Francez tendo passado o Berezyna, o do Almirante Tchitschagoff o perseguio sem intermissao, e ganhou repetidas vantagens sobre o inimigo, que se retirava por Pletschenitza, Molodetschno, e Smorgoni para Wilna. O Major General Lanskoy que fora enviado a 26 de Novembro por Tourieff para Pletschenitza, depois de ter andado 12 milhas por atalhos, na manham de 29 deo sobre a guarda avançada do inimigo em Pletschenitza, que estava preparando quartéis para o Imperador Napoleon. Os fructos deste inexperado ataque foraõ a tomada do General Kaminsky, 2 coroneis, 2 ten. coroneis, 2 majores, 24 officiaes de varias patentes e 217 soldados. A guarda avançada do A. Tchitschagoff, perseguindo vigorosamente o inimigo ate Cotinischi, tomou lhe 5 peças, 1 coronel, 6 officiaes, e acima de 500 prizioneiros. A nossa perda em homens he mui pequena; o Major General Grekoff foi levemente ferido.

O inimigo ainda perseguido pela guarda avançada do A. Tchitschagoff, foi surpreendido a 3 do corrente em Latigal, e vigorosamente atacado pelo Major General Conde Zouzka, tomaraõ-se dous estandartes Saxonios (que tenho a honra de apresentar aos Vossa Magestade, pelas maons do sub-tenente das Guardas, Teutch), huma peça de artilharia, e mais de 1500 prizioneiros, entre os quaes ha muitos officiaes, e hum general, de cujo nome ainda nao estou informado. As tropas do General Conde Platoff tomaraõ huma parte muito activa nesta acção.

A guarda avançada do A. Tchitschagoff tendo-se aproximado a Molodetschno aos 4, achou a ponte destruida pelo inimigo; que tendo deixado este lugar pela meia noite, continuou a sua marcha para Smorgoni. O Major General Conde Ozouzka continuou a persegui-lo, tomou 300 prizioneiros, 6 peças, e 2 que se acharaõ em Molodetschno.

Pela relação do A. Tchitschagoff, da acção do Tenente General Sachen, com o corpo do General Regnier, que for-

ma a retaguarda do Principe Schwartzenberg, as tropas Austriacas que avancavaõ para Slonim, voltarao outra vez para Izabelina para reforçar o General Regnier. Este movimento induzio o Tenente General Sachen a retirar-se sobre Scheremoff, a fim de se conservar na reta do inimigo, em cazo que este pertendesse marchar para Wilna. Por este movimento Vossa Magestade Imperial perceberá, que o Principe Schwartzenberg se retira em vez de se approximar de Wilna. Com tudo, para ficar certo inteiramente da direcção que elle toma, ordenei que o corpo do Conde Oscharofsky manobrasse sobre o lado de Slonim. Neste instante recebo a relação do Conde Platoff, acompanhada de hum estandarte Polaco, que tenho a honra de enviar com esta relação a Vossa Magestade Imperial.

RELAÇÃO

Do Commandante em Chefe dos Exércitos Russos
o Marechal de Campo Principe Kutuzoff Smolensko,
a Sua Magestade Imperial, aos 12 de Dezembro de
1812.

Depois de huma leve resistencia, o inimigo foi obrigado hontem a abandonar a cidade de Wilna, de que as tropas de Vossa Magestade Imperial, commandados pelo Almirante Tchitschagoff tomaraõ posse immediatamente. O inimigo não teve tempo de destruir os consideraveis armazaens, que ali se tinhao preparado; tomamos-lhe quantidade de peças de artilharia. A guarda avançada, e todo o exercito do A. Tchitschagoff vai no alcance d'elle. Eu estou 20 verstas a distancia de Wilna; mas eu não deixarei de transmittir a Vossa Magestade Imperial a relação circumstanciada, logo que ella aqui chegar.

CONTINUAÇÃO

Do Diario das Operaçoens Militares, desde 8 ate 13 de
Dezembro.

Dezembro 8.—O A. Tchitschagoff na sua primeira relação

de 5 diz, que o Major General Conde Ozouzka perseguio o inimigo ate Moladetschno, tomando 500 prizioneiros, e 8 peças de artilharia. Pela sua segunda relação de 7, se ve que a sua vanguarda ás ordens da General Tchablitz apertou tanto a reta do inimigo, que lhe levou os seus piquetes, e destruiu inteiramente aquelle corpo junto a Smorgoni, em cujo lugar fez alto a seu principal corpo, que não ficou pouco surprezo de ver chegar os nossos Cossacos, a cuja vista fugio com tal precipitação, que deixou todos os seus armazens. A perda do inimigo nesta occaziaõ montou a 25 peças de artilharia, e 3000 prizioneiros.

Quartel General, Molodetschno, 9 de Dezembro.

O inimigo foi perseguido deste lugar a 7 pelo conde Ozouzka ate Belitni, com a perda de 9 peças, 1000 prizioneiros, quantidade de carros e outros transportes. Em consequencia do grande frio, e da grande falta de provisoens, o numero das pessoas que pereciaõ ao longo de estrada, se augmentou consideravelmente, entre as quaes se reconhecerão muitas da mesma guarda de Napoleon.

O Ajudante de Campo Conde Oscharofsky refere em data de Woloschna, 7 de Dezembro, que naquelle dia elle chegou ali, e se propoz a seguir o grande exercito em linha parallela, tentando ao mesmo tempo cobrir o seu flanco esquerdo, e observar os movimentos de Principe Schwartzenberg.

O A. Tchitschagoff refere a 8. que a sua vanguarda commandada pelo Major General Tchaplitz, continuando a seguir o inimigo apertadamente, o compellira a deixar 61 peças de artilharia. O coronel Mordegnasse, ajudante de campo general do Estado Maior, o ajudante de campo do Marechal Davoust, e 2000 homens foraõ tomados prizioneiros nesta acção. Toda a estrada de Smorgoni ate Oschnisany estava tam juncada de corpos mortos de homens e de cavallos, e tam attulhada de carretas de artilharia, carros, e carruagens, que era quasi impassavel.

O descontentamento entre as tropas de Napoleon chegou a tal ponto, que a huma voz clamavaõ contra elle como author de todas as suas calamidades.

Quartel General, Smorgoni, Dezembro 1. :—O Coronel Knorring refere em data de 8 que elle destacou alguns esquadroens para espreitar os movimentos do inimigo no lado de Novaswerskena, e Stalbzeff.

O General Conde Wittgenstein refere, que conservando o seu corpo a direita do exercito do Tchitschagoff, em huma linha paralela, estava aos 9 em Nestawischkach. Sua vanguarda estava em Swiranke, e sua cavalaria commandada pelo Ajudante de Campo General Kutusoff, e pelo Maior General Borosdin em Nementschine.

Dezembro 9.—O Coronel da guarda Sesslavin, refere, que tendo encontrado a cavalaria do inimigo, immediatamente a atacou, destruiu, e entrou em Wilna como se fosse nos seus hombros. Neste ataque elle tomou 6 peças d'artilharia, e huma aguia. Tendo-se depois unido ao destacamento do Major General Landskoy, fez huma tentativa para levar a cidade, mas achando-se mui fraco para a infantaria do inimigo, espalhada pelas casas, vio-se precisado a esperar que chegasse o guarda avançada do exercito de Tchitschagoff.

O A. Tchitschagoff refere a 10 de Dezembro, que o Major-General Tchablitz sem olhar obstaculos, e aproveitando-se da dezordenada fuga do inimigo, o preseguio ate Wilna, tomando 31 peças de artilharia; e que se occuparão os suburbios, e se postarão piquetes a roda do corpo da cidade, de baixo das ordens dos Majores Generaes Ozouzka e Laskine.

Quartel General, Oschenisani, 11 de Dezembro.—O Major General Ignatseff destacou a 6 de Dezembro, 8 battalhoens de Pobruisk, para Minsk. O A. Tchitschagoff refere que o Major General Tchablitz, dealojou o inimigo de Wilna, a 10 de Dezembro, onde deixou grande numero de peças de artilharia, e consideraveis armazaens, mas o tempo não permite dar os *detalhes*.

Quartel General, Wilna, 12 de Dezembro.—O Conde Wittgenstein a 10 de Dezembro refere que tendo enviado varias destacamentos de cavalaria em alcance do inimigo, hum destes commandado pelo Ajud. de Campo General Kutusoff, tomou hum corpo de Bavaros prisioneiros, a saber, 126 officiaes, e 2024 homens, parte dos quaes constava de hum battalhão inteiro, que sendo cercado pelas habéis manobras do Tenente Coronel Tettenbach, depoz as armas sem dar hum tiro. Recuperarão-se as requisições de toda a especie, que o inimigo tinha levantado sobre os habitantes, e com estas todos os meios de subsistencia para as tropas. A 9 o Ten. Coronel Tettenbach entrou nos suburbios de Wilna, não obstante estar o inimigo de posse da maior parte do lugar. O Major General Borosdin, que commandava outro destacamento, fez muitos prisioneiros em Namentchina, tomou igualmente hum consideravel numero de carros de bagagem.

Dezembro 11. O General Conde Platoff refere que passando junto a Wilna, repellira o inimigo cinco verstas ao passo que desfilava em columna por Pogoixlanka, e tendo deixado pas-

sar a primeira columna (com que o Conde Orloff Denisoff ja tinha entrado em acção) ordenou ao Major Gen. Nachmanoff e Conde Orloff, que attacassem o inimigo com vigor, do nosso flanco direito; e ao Principe Kasathin Rostoffsky, com alguns regimentos de huzares e dragoens, do nosso flanco esquerdo. A columna do inimigo foi dividida em duas, e inteiramente destruida. O General Lauzan foi feito prisioneiro: trinta officiaes, e perto de 1000 homens. Tomamos tambem hum par de bandeiras e dous estandardes. O resto do inimigo for perseguido pela artilharia de cavallo, ate as montanhas de Ponary, junto as quaes outra columna foi quasi destruida a bayoneta, e alem de 27 peças de artilharia, muitos carros com seu trem completo cahiraõ em nossas maõs, naquelle lugar.

Quartel General do Marechal de Campo Kutusoff em Wilna.

Em a noite de 5 de Dezembro o Chefe Sesslavin penetrou na cidade de Oschnisani, onde o inimigo, constando de 9 battalhoes de infantaria, e acima de 1000 de cavallaria, estava preperando quartéis para aquellá noite. A infantaria tinha ja encostado as suas armas, quando os huzares de Achfersky cahiraõ sobre elle de todos as partes com a espada na maõ. Toda a guarda do commandante foi feita em pedaços, e elle mesmo deveo a sua salvaçaõ a escuridade da noite. Os armazens foraõ ao mesmo tempo encendiados com bombas; o inimigo attonito e confuzo fugio para fora da cidade, onde a sua infantaria se ajuntou em ordem de battalha; mas sendo perseguido pela nossa cavallaria, se retirou com a maior precipitaçaõ para Tabarschki. Os habitantes desta cidade unanimemente declaraõ que Napoleon esteve ali em pessoa; mas tendo sido informado do perigo que corria, por algumas das suas creaturas, mudou seos vestidos, e fugio a pleno gallope para Wilna.

O inimigo perdeo em prizioneiros no espasso de cinco dias, de 8 a 13 de Dezembro, hum General, cento cincoenta e seis officiaes, e nove mil quinhentos e settenta e quatro soldados, alem de feridos e doentes, grande numero dos quaes se acha nas aldeias junto a estrada real. Cento e sessenta peças d'artilharia, dous pares de bandeiras, dous estandardes, e huma aguia, cahiraõ igualmente em nossas maõs.

RELAÇÃO

Do Commandante em Chefe dos Exercitos Marechal General o Principe Kutusoff Smolensko, a Sua Magestade Imperial. Dezembro 14, 1812.

Na occaziaõ da tomada de Wilna pelas nossas tropas aos 10 de Dezembro, o inimigo desfilou pelas ruas, a tempo que o Conde Platoff, a fim de cortar a sua retirada pela estrada de Kowno, a occupou com todos os seus regimentos de Cossacos como tambem com os regimentos dos hussares de Olvopole, e os dragoens de Shitomir, e Arsamas

Tendo deixado passar as primeiras columnas do inimigo, o Conde Platoff ordenou ao Conde Orloff Denisoff que o atacasse com vigor, ao mesmo tempo que elle atacava com impetuosidade as outras columnas: a artilharia commandada pelo Coronel Principe Koudascheff sustentou hum fogo activissimo. O Conde Platoff depois ordenou ao Conde Orloff Denisoff que passasse para a recta guarda do inimigo, para postar destacamentos sobre os seus flancos e impedir a sua chegada as montanhas de Ponary.

As grandes columnas forao completamente derrotadas pelo bem dirigido fogo da nossa artilharia, e depois inteiramente destruidas. Hum General 30 Officiaes, e mais de 1000 soldados, forao feitos prizioneiros; 28 peças de artilharia forao tomadas, e hum grande numero de carros; e carruagens. A perda da nossa parte foi mui pequena: o Coronel Howaisky, e o Tenente Coronel Bibicoff, forao perigozamente feridos.

Depois da tomada de Wilna, eu empreguei todos os meios possiveis para restabelecer a ordem, e para informar-me de tudo: porem a escassez do tempo me nao permite apresentar a Vossa Magestade com esta relaçaõ, hum inventario circumstanciado de tudo o que temos achado aqui, especialmente porque a quantidade de provisoes de todas as sortes assim como o numero dos prizioneiros, he tao grande, que sera preciso consideravel tempo para se fazer huma exacta conta.

Durante a minha estada a qui, o Chefe do Estado maior o General Stawrakoff, e o Major General Borodino, tem ajuntado de diversos armazaens da Cidade 14,000 *tschetwert* de cevada, 5000 *tschetwert* de biscoito e farinha, immença quantidade de uniformes, espingardas, mochilas, sellas, capotes; e outros artigos de armamentos.

Nos temos feito prizioneiros 7 Generaes a saber Vivier,

Gousse, Normand, Gouliot, Le Fevre, Twanefsky, e Sajtontschik! 18 Officiaes do Estado maior, 224 Officiaes superiores, 9517 Soldados; 5130 doentes se acharão nos hospitaes. Grande numero de prizioneiros se continuão a fazer na vizinhança; e diversos armazens tem sido tomados os quaes não temos tido tempo para examinar. Logo que as relações se completem, eu terei o prazer de as apresentar a Vossa Magestade Imperial.

FRANÇA.

DISCURSO

Do Senado e do Conselho de Estado a Bonaparte, na sua chegada a Pariz, depois de ter dezemparrado o seu exercito.

HOJE Domingo 20 de Dezembro de 1812, ao meio dia, o Imperador estando no seu throno, rodeado dos principes grandes dignitarios, cardeaes, ministros, grandes officiaes, grandes aguias da Legião de Honra, e officiaes de serviço junto a S. M. recebeo o Senado, conduzido a esta audiencia por hum mestre ajudante de ceremonias, introduzido por S. Ex. o Grao Mestre, e apresentado por S. A. S. o Principe Vice Grande Eleitor: S. Ex. M. o Conde Lacede presidente, dirigio a palavra nestes termos.

SIRE,

O Senado se apressa a por aos pés do throno de V. M. I. e R. a homenagem das suas felicitações pela feliz chegada de V. M. ao meio de seus povos.

A auzencia de V. M., Sire, he sempre huma calamidade nacional, sua presença he hum beneficio que enche de alegria e confiança, todo o povo Francez.

V. M. I. e R., lançou as bases da organização do seu vasto imperio; mas ainda lhe restão objectos que terminar ou consolidar, e a menor delonga no complemento de nossas instituições he huma desgraça nacional.

Em quanto V. M., Sire, estava 800 legoas distante da sua

capital, á frente de seos exercitos victoriosos, homens escapados de prisoens, em que vossa clemencia imperial os tinha subtrahido a morte, merecida por seos crimes passados, quizerão perturbar a ordem publica nestá grande cidade. Elles pagaraõ a pena de seos novos attentados.

Ditosa a França, *Sire*, posta pela sua constituição monarchica a coberto dos effeitos funestos das discordias civis, dos odios cruentos, que os partidos geraõ, e das dezordens horriveis que as revoluçoens produzem!

O Senado, primeiro concelho do Imperador, e cuja authoridade nao existe se nao quando elle a reclama, e a poem em movimento, he estabelecido para conservação desta monarchia, e hereditariedade de vosso throno em a nossa quarta dynastia

A França e a posteridade o acharaõ em todas as circumstancias fiel a este dever sagrado, e todos os seos membros estaraõ sempre promptos a perecer em defeza deste *palladium* da segurança e prosperidade nacionaes.

Nos commecoos de nossas antigas dynastias, *Sire*, vio-se mais de huma vez o monarca ordenar, que hum juramento solemne, ligasse d'ante mao os Francezes de todas as classes ao herdeiro do throno; e algumas vezes, quando a idade do joven principe o permittia, se punha huma coroa sobre a sua cabeça como penhor da sua authoridade futura, e symbolo da perpetuidade do governo.

O affecto que toda a nação tem pelo Rei de Roma, prova, *Sire*, a affeição dos Francezes pelo sangue de V. M. e este sentimento que segura todo o cidadão, e que lhe mostra neste filho augusto a segurança dos seos, a salvaguarda de sua fortuna, he hum obstaculo invencivel á divisioens intestinas; agitaçoens civis, e politicas subversoens, os maiores flagellos, que podem affligir os povos.

Sire, V. M. arvorou as Aguias Francezes sobre as torres de Moskow. O inimigo nao pode suspender a sua prospera carreira, nem contrariar seos projectos senao recorrendo aos horriveis recursos dos governos despoticos, creando desertos em todas as suas fronteiras, levando o incendio a todas as suas provincias, entregando as chamas a sua capital, centro de suas riquezas, e producto de tantos seculos.

Conhecem mal o coração de V. M. *Sire*, os que renovarao, essa barbara tactica de seos salvaticos antepassados. Ella de bom grado renunciaria a trophcos, que custassem tanto sangue e tantos males a humanidade.

O fervor com que se vem chegar de todas as partes do imperio debaixo dos bandeiras de V. M. os numerosos soldados que chamara o *Senatus consulto* de Setembro ultimo, he hum exemplo de todo o que V. M. deve esperar do zelo pa-

triotismo, e bellicoso ardor dos Francezes, para arrancar a influencia de nossos inimigos as diversas porções do continente, e conquistar huma paz honrosa e solida.

Digne-se V. M. J. e R., *Sire*, aceitar a tributo de reconhecimento, de amor, e inviolavel fidelidade do senado e do povo Francez.

Sua Magestade respondeo nestes termos.

SENADORES,

“ O que vos me dizeis me he muito agradavel. Eu tenho no coração a gloria, e o poder da França; mas os meos primeiros pensamentos se applicao a tudo o que pode perpetuar a tranquillidade interior, e defender sempre meos povos dos dilaceramentos das façoens e dos horrores da anarchia. He sobre estes inimigos da felicidade dos povos, que fundei, com a vontade e amor dos Francezes, este throno, a que estao ligados desde ja os destinos da patria.

“ Soldados timidos e cobardes perdem a independencia das naçoens, mas magistrados pusillanimes destroem o imperio das leis, os direitos do throno, e a mesmo ordem social.

“ A morte mais bella seria a de hum soldado, que perece no campo da honra, se a amorte de hum magistrado perecendo em defeza do soberano, do throno e das leis nao fosse ainda mais glorioza.

“ Quando eu emprehendi a regeneração da França, eu pedi a Providencia hum certo numero de annos. Destroe-se n'hum momento, mas nao se re-edifica sem o succorro do tempo. A maior precizaõ do Estado he á de magistrados animosos.

“ Nossos pais tinhaõ huma voz de reuniaõ: *o rei he morto; viva o rei!* Estas poucas palavras contem as principaes vantagens da monarchia. Creio ter bem estudado o espirito que meos povos tem mostrado em os differentes seculos; eu tenho reflectido no que se tem feito nas differentes epochas de nossa historia; eu pensarei n'isso ainda.

“ A guerra que sustento contra a Russia, he huma guerra de politica. Eu a fiz sem animosidade, queria poupar-lhe os males que ella mesmo se procurou. Eu poderia armar a maior parte da sua população contra ella mesma, proclamando a liberdade dos escravos; hum grande numero de aldeas ma pediraõ, mas quando eu conheci o embrutecimento desta classe numerosa do povo Russo, regeitei esta medida, que levaria muitas familias á morte, e horriveis sup-

plicios. Meu exercito soffreo perdas, mas foi pelo rigor prematuro da estação.

Eu aceito os sentimentos, que vos me exprimir,"

Depois desta audiencia, o Conselho de Estado, conduzido, introduzido com as mesmas formalidades, foi apresentado a S. M. pelo S. A. S. o principe archi chancellor do Imperio.

S. Ex. o Conde Defermont, ministro de estado, prezidente da secção das finanças, fallou nestes termos :

“SIRE,

“A primeira necessidade, que experimentaõ, com todos os fieis vassallos, os membros de vosso Concelho de Estado, he o trazer aos pez do throno de V. M. seos parabens pela sua feliz chegada, e expremir-lhe os sentimentos de gratidaõ, que os occupa, ao saber que V. M. veio completar pela sua prezença os votos e esperanças de seos povos.

“Em quanto, durante a auzencia de V. M., nos occupavamos dos trabalhos, que ella se dignou confiar-nos, e todos os nossos instantes eraõ consagrados a execucao das suas ordens para a ventura e prosperidade do Imperio; estavamos longe de pensar, que algum Francez podesse desconhecer os principios sagrados, e conservadores, que nos tiraraõ da anarchia, e devem para sempre libertar-nos d'ella.

“Sire, nos vimos com a mais profunda dor o attentado committido por hum delirante, que ja pro crimes tinha merecido a pena que V. M. tive a generosidade de perdoar-lhe; mas a sua tentativa servio somente de provar a nossos antigos inimigos a inutilidade de semelhantes conspiraçoes, e a fazer realçar a sincera affeicao de todos os funcionarios do Imperio pela constituição, que V. M. lhes deo. Todas as partes do Imperio tem dado provas de seu zelo, e todos os vossos vassallos tem rivalizado com os funcionarios publicos sobre o respeito pelos principios, e afferro a vossa sagrada pessoa, e a sua augusta dynastia.

“Deus que protege a França, a prezervará longo tempo da maior das desgraças; mas nesta circumstancia, todos os coraçoes se reuniraõ a roda do principe que faz o objecto de nossos votos e nossas esperanças, e todos os Francezes renovarão a seos pes o juramento de fidelidade e amor pelo Imperador, que a constituição chama a succeder.

“Nos temos sido sensiveis a narraçaõ que encerra o ultimo bulletin do grande exercito: que admiraçaõ não deve inspirar o desenvolvimento do mais augusto character du-

rante esse mez de perigo e gloria, em que as magoas do coração nada poderao tirar á força do espirito.

“ Que sentimento não deve despertar n’humna nação verdadeiramente generosa o quadro fiel de suas imprevisas perdas? Vendo que o genio tutelar do França soube prevenir seos effeitos, e fazer d’ellas motivo de novas glorias? V. M. nunca se mostrou melhor na altura de seos destinos, que nesses momentos em que a fortuna, armando os elementos, parecia lembrar, que ella podia ser inconstante.

“ Embora nossos inimigos se applaudao, se o quizerem, das perdas materiaes que nos cauzerao o rigor da estação e a aspereza do clima; mas calculem as nossas forças, saibaõ que não ha esforços e sacrificios, que a exemplo de V. M. a nação Franceza não seja capaz de fazer para realizar os seos gloriosos projectos.

“ Nos não podemos, *Sire*, offerecer a V. M. em reconhecimento de seos trabalhos e de seos cuidados paternos, mais doque a expressao de nossos sentimentos de admiração e de amor. Nos ouzamos esperar que V. M. se dignera acolher esta homenagem com a mesma bondade com que não tem cessado de honrar a fidelidade e affeição do seu Conselho de Estado.

S. M. respondeo nestes termos.

“ Conselheiros do Estado,

“ Todas as vezes que eu entrou em França, minha alma experimenta hum viva satisfacao. Se o povo mostra tanto amor por meu filho, he porque esta convencido por sentimento dos beneficios da monarchia.

“ He á ideologia, á essa tenebrosa metaphysica, que buscando com subtileza as cauzas primeiras, quer sobre as suas bazes fundar a legislação dos povos, em vez de appropriar as leis ao conhecimento do coração humano, e ás leiçoens da historia, que se devem attribuir todas as desgraças que tem soffrido a nossa bella França. Estes erros deviaõ e com effeito trouxeraõ o regime de homens sanguinarios. Na verdade, quem proclamou o principio da insurreição como hum dever? quem adulou o povo, proclamando lhe hum soberania que elle era incapaz de exercer? Quem destruiu a santidade e o respeito das leis, fazendo-as depender não dos principios sagrados da justiça, da natureza das couzas e da justiça civil, mas so da vontade de hum assemblea de homens extranhos ao conhecimento das leis civis, criminaes, administrativas, politicas e militares? Quando se trata de regenerar hum estado, cumpre seguir principios constante-

mente oppostos. A historia pinta o coração humano; na historia he que se devem buscar as vantagens e inconvenientes das diversas legislaçoens. Eis aqui os principios que o Concelho de Estado de hum grande Imperio não deve jamais perder de vista, e a que deve ajuntar huma coragem de toda a prova, e a maneira dos prezidentes Harley e Molé estar promptos a parecer defendendo o soberano, o throno, e as leis.

“Apprecio as provas de affeição que Conselho de Estado me da em todas as circumstancias. Aceito seos sentimentos.”

O *Moniteur* de 31 de Dezembro contem as seguintes notas sobre hum artigo de hum Jornal Inglez, em que se dizia que os Francezes hiao evacuar a Hespanha, e limitar-se a França, e que Lord Walpole tinha chegado a Vienna.

“A Hespanha longe de ser evacuada, recebera novas tropas, que estão ja marchando. Nossos exercitos tornaraõ infructuosos todos os vossos esforços; e o vosso paiz e os vossos thesouros se esgostaõ nesta guerra desproporcionada a vossa populaçaõ e necessidades de vossos estabelecimentos na Azia e America. A Hespanha pertence a dynastia Franceza, e nenhum esforço humano o pode estorvar.

“Da mesma sorte a Hollanda, Roma, a Toscana, o Piemonte, a Belgica, e Condado de Niza— Isso seria bello! mas para que he tanta moderaçaõ? Para que he suspender huma taõ bella carreira? Por que se não aproveita o momento de devidir a França? Crede-me, se vós reunis em corpo de naçaõ estes vinte ou vinte cinco milhoens de homens que taõ perto estão de vós, correis grande perigo. Separai-os; fazei ainda hum Duque de Bourgonhe, hum Duque d'Aquitania, hum Duque de Normândia, hum Duque de Bretanha; entaõ estareis em segurança!! A cazo vos lembrais dos felizes tempos de Carlos o temerario; e dos da Caza de Montfort? Como isso seria bello, não he assim? Mas em quanto vos sonhaes estas maravilhas; a Irlanda se separa de vos; vosso paiz esta em revoluçaõ; o continente não depende ja de vossa administraçaõ; a mesma Russia que vos he tam cara prezentemente, não quer as vossas mercadorias manufacturadas.

“Felismente para o Continente, a França e Austria são inseparaveis; foi a aliança de 1736 que creou a marinha; que libertou a America. Lord Walpole ja não esta em Vienna, não foi ouvido; nenhum poder continental se separará da França; todos serao surdos as vossas intrigas.

De mais, quarenta milhoens de Francezes nada temem; vos creis ainda a cauza do augmento das forças de França; 400,000 homens estão actualmente promptos no interior da França, sem contar os exercitos em Hespanha; e o grande exercito. Succorro nenhum de homens ou dinheiro he necessario a França; mas se o fosse—se os destinos do imperio estivessem ameaçados, sabeis que 300,000 homens, e 300 milhoens se offerecem todos os annos. Não custará á nação nem homens, nem dinheiro o sustentar a sua consideração, e a segurança geral do imperio, da Italia, e a confederação do Rhin.

“ Examinai o estado de vossos negocios; elles vos gritão —moderação, moderação, moderação!”

Separação do Corpo auxiliar Prussiano, aggregado ao Corpo do exercito do Marechal Macdonald. Discurso e Relações feitas ao Senado. Senatus Consulto ordenando huma leva extraordinario de 350,000 homens.

O *Moniteur* de 12 de Janeiro contem o seguinte no artigo Berlin de 5 de Janeiro.

Nosso Monarcha experimentou a mais viva indignação, quando soube da traição do General D'Yorck, de que hontem recebeu a mortificante noticia, S. M. ordenou no mesmo dia as medidas seguintes.

Empregar-se-hão todos os meios para apanhar o general d'Yorck, e traze-lo a Berlin, onde será julgado e punido segundo a enormidade do seu crime.

M. de Natzmer, Ajudante de campo do rei, partio esta manham para Königsberg, levando huma carta, em que S. M. declara não ratificar a convenção concluida pelo general d'Yorck, considerando que as disposições a respeito de suas tropas pertencem pelo tractado de alliança a Sua Magestade o Imperador; e depois disso ao rei de Napoles, como seu Tenente, a quem Sua Magestade convida para dar as suas ordens ao Ten. General Kleist, e intimá-las ao Major Natzmer, para que faça conhecer ao corpo Prussiano a vontade de seu soberano.

Publicar-se-ha huma ordem do dia em todos os estados de Sua Magestade Prussiana, e o rei de Napoles sera rogado ordenar que se faça a mesma publicação no exercito Francez, para espalhar por todas as vias a desaprovção do rei, e o clamor do seu resentimento.

Se o general d'Yorck não poder ser prezo, sera julgado por contumacia. Eis aqui a convenção que o general d'Yorck faz com o inimigo.

CONVENÇÃO.

Os abaixo assignados, a saber, o commandante em chefe do corpo auxiliar Prussiano Ten. General d'Yorck, de hum lado, e o Quartel Mestre-General do exercito Imperial Russo commandado pelo conde Wittgenstein, Major General de Diebitsch, do outro, depois de huma madura deliberação, fizeram a convenção seguinte.

Artigo 1. O corpo Prussiano occupará no interior do territorio Russo a linha ao longo da fronteira desde Memel e Nimmertal ate a estrada de Woinuta para Tilsit. Desde Tilsit, a estrada que passa por Schillapischken e Melauken ate Labiau, comprehendidas as cidades adjacentes, determinará a estensão do paiz que deve occupar o dito corpo Prussiano. Este territorio se limitará do outro lado por Ourisch-Staff, de maneira que toda esta extensão sera considerada como perfeitamente neutra, em quanto as tropas Prussianas a occuparem. Bem entendido, que as tropas Russas poderaõ hir e vir pelas ditas estradas, mas não aquartelar-se nas cidades daquelle districto.

2. As tropas Prussianas permaneceraõ em perfeita neutralidade no districto designado no Artigo 1. ate que chegue mas ordens de S. M. o rei de Prussia, mas ellas se compromettem, no caso em que a dita S. M. lhes ordene reunir-se ás tropas Imperiaes Francezas, a não combater contra os exercitos Russos, pelo espaço de dous mezes, contando do presente dia.

3. No caso, em que S. M. o rei da Prussia, ou S. M. o Imperador de todas as Russias, recuzem ratificar a presente convenção, o corpo Prussiano fica livre para hir, onde as ordens de seu rei o mandarem.

4. Restituir-se-haõ ao corpo Prussiano todos os extraviados que se acharem na grande estrada de Mittau, e igualmente tudo o que faz parte do material do exercito. Quanta ao ramo de provizoens e trem do dito corpo, tudo o que o compoem, poderá atravessar sem obstaculo os exercitos para se reunir ao corpo do exercito Prussiano de Königsberg ou de mais longe.

5. No caso em que as ordens do Tenente General D'York poderem chegar ao Tenente General de Massenbach, as tropas que se achão, ao commando deste ultimo seraõ comprehendidas nesta convenção.

6. Todos os prizioneiros que poderem fazer as tropas Russas commandadas pelo Major General Diebitsch sobre

as tropas do General Massenbach serao igualmente comprehendidos nesta convenção.

7. O corpo Prussiano conservará a faculdade de conservar tudo o que he relativo ao seu a provizionamento com as finanças provinciaes da Prussia, sem exceptuar o cazo em que estas provincias sejaõ occupadas pelos exercitos Russos.

Dada no moinho de Poschernú aos 30 de Dezembro.

(assignados) D'YORK Ten. General ao serviço da Prussia.

DIEBITSCH Major General ao serviço da Russia.

Relação do Ministro dos Negocios Estrangeiros a S. M.
o Imperador e Rei.

Sire,

Quando a Russia, violando os seus tractados, e renunciando a sua aliança com a França para se unir ao systema da Inglaterra, declarou a guerra a Vossa Magestade, vos apreciasteis, Sire, toda a importancia da lucta que se hia começar. Vos ordenasteis a formação, debaixo do titulo de cohortes da guarda nacional, de 100 batalhoens compostos, de homens de idade de 20 a 26 annos, que, pertencendo as 6 ultimas classes da conscripção, não tivessem sido chamados ao exercito activo. Esta instituição teve em tudo o feliz rezultado que V. M. podia esperar. Huma bellicosa mocidade preparada por o officio da guerra no estilo de soldados velhos, requer fervorosamente participar da gloria de seus Irmaons d'Armas.

Quando de Smolensko V. M. fez marchar para Moscow seus exercitos victoriosos, ella não dissimulou que seus progressos em hum pais inimigo acrecentavaõ novas difficuldades a fortuna da guerra. Ella quis fortificar ainda a base de suas operaçoens, e ordenou a leva da conscripção de 1813, que está hoje toda debaixo das armas.

Com as guarniçoens das praças de França e de Italia, V. M. tem pois no interior de seus estados, huma força de mais de 300,000 homens sufficiente para entreter a guerra com a Russia durante a proxima campanha. A vossa in-

tenção, Sire, era não pedir soccorro algum extraordinario, se todos os nossos aliados e especialmente a Austria, a Dinamarca, e a Prussia ficassem fieis a cauza commum.

A Austria, a Dinamarca, e a Prussia, tem dado a V. M. as mais fortes demonstraçoens de seus sentimentos. A Prussia offreceo mesmo aumentar de hum terço e de levar a 30,000 homens o contingente que havia fornecido em execução dos tractados.

Mas em quanto esta potencia manifestava dispoziçoens tao conformes as suas promessas e aos interesses da sua politica, as intrigas de Inglaterra preparavaõ hum desses acontecimentos que caracterizaõ o espirito de desordem e de anarquia que esta potencia não cessa de fomentar na Europa. O General D'York commandante do corpo Prussiano as ordens do Marechal Duque de Tarento, trahio a hum tempo sua honra, seu General em Chefe e seu Rey. Elle fez hum pacto de perfidia com o inimigo.

Não há surdas maquinaçoens que a Inglaterra não ponha em acao para mudar as dispoziçoens dos soberanos. Mas quando ella os achou firmes nos seus verdadeiros interesses e innabalaveis na sua alliança com V. M., ella emprehendeo produzir hum transtorno geral, buscando abalar a fidelidade dos povos. Alem dos Estados de V. M., Sire, há poucos paizes em que a audacia, e as manobras dos desorganizadores não tenham lançado a inquietação entre os depozi-tarios da publica tranquillidade. Nas Cortes, agentes de corrupção, em os Campos, viz amotinadores, e em fim nas Cidades, nas escolas, e ate no seio das instituiçoens mais respeitadas, falsos entusiastas trabalhaõ em seduzir continuamente por doutrinas tenebrozas, aquelles que devem manter por huma fidelidade animoza o poder que lhes he confiado aquelles que devem somente obedecer.

Em taes circumstancias, Sire, e quando as intençoens mesmo de hum Principe aliado, não poderaõ afiançar as vantagens, que vosso systema politico vos devia a segurar, he de huma imperioza necessidade recorrer aos meios que V. M. achar na potencia do seu imperio, e no amor de seus vassallos.

Por estas consideraçoens, os Ministros de V. M. reunidos em hum conselho extraordinario de gabinete, vos propoem:—

1. Dar ao exercito activo as cem cohortes das guardas nacionaes.

2. Fazer hum chamamento de 100,000 homens sobre as conscripçoens de 1809, 1810, 1811, e 1812.

3. Levantar 100,000 homens da conscripção de 1814, que se formaraõ nas guarniçoens e nos campos, sobre nos-

nas fronteiras, e costas, e poderaõ hir aonde for necessario para socorrer os aliados de V. M.

Por este immenço desenvolvimento de forças, os interesses, a consideração da França, e a segurança de seus aliados, se acharaõ garantidos contra todos os acontecimentos.

O povo Francez sentirá a força das circumstancias; elle prestará huma nova homenagem a essa verdade tantas vezes proclamada por V. M. do alto do seu throno, que nenhum repouso há para a Europa em quanto a Inglaterra nao for constringida a concluir a paz.

Nao foi de balde, Sire, que vós destes a França o titulo de grande nação. Nenhum esforço lhe he custozo quando se tracta de fazer brilhar o seu amor para Vossa Magestade, e a sua paixao pela gloria do nome Francez.

Sou com o mais profundo respeito.

(Assignado)

O DUQUE DE BASSANO.

Paris 9 de Janeiro de 1813.

Motivos do Senatus-Consulta que poem 350,000 homens a despozição do Ministro da Guerra.

MONSEIGNEUR, SENADORES.

“O tractado de Tilsit tinha dado ao norte da Europa huma paz que parecia dever ser duravel. Mas a Inglaterra ameaçada da guerra com os Estados Unidos d’America, temendo com razao o mau exito que tarde ou cedo a espera, da luta entretida na Hespanha, se lembrou de suscitar a França huma nova guerra, fazendo romper a alliança recentemente jurada pela Russia.

“Os esforços do Imperador para a manter, e segurar a execucao dos tractados, forao inuteis e a guerra se renovou. Ella foi commandada pela violação das convençoens mais solemnes, por armamentos numerosos, por agreçoens evidentes, por continuas repulsas de toda a explicação, em fim pela necessidade imposta a S. M. de manter os direitos, e a consideração de sua Coroa, e das de seus alliados.

“O resultado desta lucta nova foi aquilo que hade ser sempre para os Francezes “conduzidos pelo genio que os acusomou a vencer. O inimigo forçado em todos os postos,

repellido em todos os combates, vencido em todas as batalhas, foi forçado abandonar a sua capital ao vencedor; mas elle a entregou as chamas, e a reduzio quasi a cinzas. Daqui a necessidade dessa retirada gloriosa, retirada em que nós temos somente sido tocados e feridos da aspereza do clima, do rigor precoçe da estação, e do excessu inexperado da sua severidade.

“ Quando o Boletim 29 do grande exercito veio espantar a hum tempo, e animar a França: a extenção de suas perdas descobertas á nação com huma simplicidade tão energica, com huma tão nobre confiança, despertou em todos os Francezes o sentimento da precizaõ de a reparar; todos excederaõ entaõ os peditorios que faziaõ, mais dispostos a prevenilas e a reparalas que a descutilas ou esperalas.

“ Em tanto o Imperador, cuja vinda os inimigos devem sempre temer, e os alliados, e vassallos sempre esperar, chegou a sua capital ainda quando o supunhaõ alem de Wilna; e pedindo conta dos recursos de seos Arcenaes; de seos armazens, de seu thezouro, do numero de suas tropas, annunciou a França a intenção de não pedir mais homens, nem contribuiçoens novas. Com os impostos annuaes, e soldados ja debaixo de armas, elle podia fornecer a todas as precizoens da campanha no meiodia e norte da Europa.

“ Mas senadores, os factos que o ministro dos negocios estrangeiros acaba de nos expor por ordem de S. M., devem mudar os primeiros calculos da sabedoria economica dos sacrificios do seu povo, e substituir-lhe os calculos da providencia e da necessidade.

“ Eu ja vi senhores brilhar nesta assemblea as provas de indignação que a Europa inteira hade experimentar á noticia de huma traição que senaõ poderia crer, senaõ fosse confessada, e escripta pelo seu mesmo author. O General Prussiano, cujo nome será daqui em diante huma injuria, trahio a hum tempo seu soberano, a honra, os deveres de cidadão, e os de soldado: Elle se separou vergonhosamente do exercito, de que fazia parte, do corpo com que marchava! e entregou aquelles que se expunhaõ sobre sua palavra, ás consequencias ariscadas de seu vil abandono, de sua deserção inopinada. Instruido deste crime novo na historia das guerras modernas, S. M. o Rei da Prussia mostrou hum resentimento digno de sua lealdade, e fidelidade a seus alliados. Unido aos sentimentos do monarcha, seu gabinete sentio a precizaõ de reparar, de punir hum attentado politico e militar que ofende a nação Prussiana, e ultraja o seu soberano.

“ Estes factos, estas provas vem apontadas nas peças que o ministro dos negocios estrangeiros vos communicou. Ellas affianção que a gravidade deste acontecimento será apreciada não só pelo governo mas por todo o povo Prussiano. Elle julgará, e todas as naçoens do norte julgarão com elle, de que desgraças hum tal crime poderia ser origem. A Prussia mostrará seu aferro pelo Principe que a governa, reunindo-se a seu exemplo, a vós da honra e a fiel observação dos tractados.

“ Com tudo a politica, attenta por muitos seculos á marcha dos acontecimentos se hade necessariamente suspender sobre as cauzas que produzirão aquelle de que acabo de vos fallar, e essas cauzas, senadores, não me parece inutil retracalhas aqui rapidamente. Ellas se achão sem duvida nas manobras e intrigas da Inglaterra sobre o continente. Mui fraca para se defender só, mesmo sobre o mar contra a potencia Franceza, constante e successivamente ella tem trabalhado em armar contra esta os gabinetes da Europa. He a Inglaterra que tem conduzido, e reconduzido aos campos de batalha, os exercitos que o Imperador venceo, e vence a doze annos.

“ Quando os gabinetes illuminados pela experiencia quizerão a paz, a paz que regozijou a Europa, fez bramir a Inglaterra. Ella espalhou entao entre os povos, e sobretudo nas grandes cidades, por meio de seus numerosos emissarios, e de huma activa corrupção, os germes de odio, as sementes de divisao, os principios de transtoruo, que afastão os vasallos de seus Principes, os povos de seus governos.

“ Foi desta arte que numerosas sociedades debaixo dos nomes de amigos da verdade, da natureza, &c. &c. ou de outros titulos não menos extravagantes, se formarao e mantiverao, pregando o odio, a insarrecção, a desobediencia contra todo o soberano amigo da França, e da paz do continente. Foi oh dor! em nossa bella França, tao pacifica hoje, tao miseravel e agitada entao, que o gabinete Inglez por muitos annos que forao annos de crimes e de desgraças, fez o ensaio de seos funestos meios discordia, e perturbaçoens civis, foi por estes meios que a Inglaterra obrava em 1809 contra o gabinete de S. Petersburgo, quando este mostrava para a França dispoziçoens amigaveis. Foi por seos agentes que a Inglaterra, preparou na Russia a influencia do partido inimigo da França, e por elle as hezitaçoens, as variaçoens, as rezoluçoens hostis dos gabinetes, e em fim esta ultima guerra que custou a Russia a devastação de suas mais bellas provincias, o repouzo a Europa, lagrimas a humanidade.

“ A Inglaterra empregou, sem duvida a fim de preparar a eterna deshonra do General Yorck, os mesmos meios, as

mesmas associaçoens, pelas quaes excitou em 1809 corpos regulares a rebelliao, e o que ainda se não ouviu, fez a guerra por sua conta, apesar da intensao, contra as ordens mesmo de seu soberano. Assim dezune e divide a Inglaterra os paizes que não pode dominar; ella prepara a ruina dos Estados, que não pode submeter a seu systema.

“ Com effeito, que meio de destruição mais inevitavel para o throno mais seguro, poderia haver, do que a deserção de hum exercito, sua oppozição aos interesses do seu paiz, sua dezobediencia as ordens do seu monarca; se todos os soberanos interessados á repressão de hum tal crime, não unissem as suas vozes para provocar o castigo, seos esforços para seguralo, e seu poder para impedir a sua renovação?

“ Felismente, senhores, as tentativas de nossos inimigos para extender ate á França sua fatal influencia, seos funestos progressos, são impotentes. Nosso vasto territorio, nossa immensa população, so experimentao os sacrificios inseparaveis do estado de guerra, mas estaõ longe de redobrar as desgraças dos paizes, que são d'ella o theatro. Dentro, reina a tranquillidade; a industria as artes, os trabalhos publicos seguem o seu curso. Fora, a Austria, e os nossos mais alliados se mostraõ affeiçoados, e fieis.

“ Com tudo, no momento em que acaba de romper a primeira erupção desses vulçoens destruidores acezos pela Inglaterra, debaixo dos thronos, que querem ficar independentes da sua politica; he preciso reunir proporcionados recursos, e mesmo superiores ao perigo, que a prudencia encara. O que bastava hontem á segurança do Governo, he hoje inferior á providencia. Novos acontecimentos tem creado novas precisoens: conjuncturas imprevistas pedem sacrificios inexperados.

“ Hum sentimento universal de fidelidade e affeição se unirá no povo Francez ao sentimento de seu interesse e de sua gloria, para dirigir sua conducta, e determinar suas rezoluçoens.

“ S. M. propoem, que á dispozição do seu ministro da guerra se ponhao forças assas consideraveis para impor a todos os nossos inimigos, para destruir todas as esperanças, todas as suppoziçoens; e vos a sabeis, Senhores, a reflexao e a historia volo tem ensinado; he desta arte que se repelle o perigo, que se afiança o bom exito, que se assegura a gloria, que se prepara a paz.

“ O numero de homens pedidos pelo ministro da guerra se divide em tres classes. A primeira se compoem das cohortes, cujos votos tem hido muito alem das precisoens, e que solicitarao como hum favor, trocar a obrigaçao de defender

as fronteiras de França pela honra de hir buscar o inimigo alem das suas.

“ A segunda classe se compoem de huma leva sobre homens que fazem parte das quatro precedentes conscripçoens, não comprehendida a ultima. Esta leva tem por objecto rezervar no interior, ate ao momento de adquirir maiores forças, huma promptidaõ mais decisiva para o serviço militar. A terceira, chamada pelo Senatus-Consulto, he a conscripçaõ do anno 1814.

“ Ella não poderá juntar-se immediatamente; o ministro da guerra julgara em que momento convira fazela marchar.

“ Os esforços dos insulares, fautores da guerra continental, sectarios de huma guerra sem termo, daõ a França huma lei imperiosa destes armamentos formidaveis. Ella não esqueceo nem a insolencia dos vencedores no tempo de Luiz XIV., nem a vergonha dos tractados no de Luiz XV., ella não esquecerá tambem os triumphos que tem riscado essas humiliaçoens, a necessidade de conservar sem mancha a gloria, que ella tem adquerido, a precizaõ que tem de preparar novos louros, a dignidade da coroa, a honra da naçaõ e dos exercitos Francezes.”

O projecto do Senatus-Consulto foi remmettido a huma commissão especial; e o senado se ajuntou no dia seguinte; em que elle foi approvedo; e se passou o seguinte decreto:—

1. 350,000 serao postos a disposiçaõ do ministro da guerra, a saber 100,000 homens, formando as cem cohortes do primeiro bando da guarda nacional.
2. 100,000 homens das conscripçoens de 1809, de 1810, 1811, e de 1812, tomados d'entre aquelles que não forao chamados a fazer parte do exercito activo.
3. 150,000 da conscripçaõ de 1814.

O prezente Senatus-Consulto será transmettido por huma mensagem a S. M. o Imperador e Rei.

(Os presidentes e secretarios)

(Assignado)

CAMBACERES.

O Conde de Beaumont, o Conde de Lapparent.

Visto e Sellado:

O Chanceller do Senado,

(Assignado)

CONDE LAPLACE.

HESPAHHA.

CONTINUAÇÃO

E fim da Constituição da Monarquia Hespanhola.

TITULO IX.

Da instrucção publica.

CAPITULO UNICO.

Artigo 366. Em todos os povos da Monarquia se estabelecerão escolas de primeiras letras nas quaes se ensinará aos meninos a ler, escrever, e contar, e Catecismo da Religião Catholica, que taobem comprehenderá huma breve expozição das obrigaçoens civiz.

367. Da mesma sorte se regulará, e creará o numero competente de universidades, e d'outros estabelecimentos d'instrucção, que se julgarem convenientes para o ensino de todas as sciencias, litteratura, e Bellas Artes.

368. O plano geral do ensino publico sera uniforme em todo o reino devendo explicar-se a constituição politica da Monarquia em todas as universidades, e estabelecimentos litterarios, onde se ensinarem as sciencias ecclesiasticas, e politicas.

369. Haverá huma direcção geral d'estudos composta de pessoas de conhecida instrucção, a cujo cargo estará, debaixo da authoridade do Governo, a inspecção do ensino publico.

370. As Cortes, por meio de planos, e estatutos especiaes regularão quanto for relativo ao importante objecto da instrucção publica.

371. Todos os Hespanhoes tem liberdade d'escrever, imprimir, e publicar suas ideas politicas, sem necessidade de licença, revizão, ou approvação alguma anterior á publicação, debaixo das restricçoens; e responsabilidade, que as leis estabelecerem.

TITULO X.

Da observancia da Constituiçãõ, e modo de proceder para fazer nella variaçoens.

CAPITULO UNICO.

Artigo 372. As Cortes em suas primeiras sessoens tomaraõ em consideraçoõ as infracçoens da Constituiçãõ, que lhes tiverem sido presentes, para lhes dar o conveniente remedio, e fazer effectiva a responsabilidade dos que tiverem contravindo a ella.

373. Todo o Hespanhol tem direito de representar ás Cortes, ou a El Rey, para reclamar a observancia da constituiçãõ.

374. Toda a pessoa que exercér cargo publico, civil, militar, ou ecclesiastico, prestará juramento, no acto de tomar posse, de guardar a constituiçãõ, ser fiel a El Rey, e desempenhar devidamente seu cargo.

375. Antes de passarem oito annos depois de posta em pratica a constituiçãõ em todas as suas partes, naõ se poderá propor alteraçãõ, reforma, nem addiçãõ em algum dos seus artigos.

376. Para fazer qualquer alteraçãõ, addiçãõ, ou reforma na constituiçãõ será necessario que a deputaçãõ que houver de decreta-la definitivamente, venha authorizada com poderes speciaes para este objecto.

377. Qualquer propoziçãõ de reforma em algum artigo da Constituiçãõ devera fazer-se poz escrito, e ser apoiada, e firmada, ao menos, por vinte deputados.

378. A propoziçãõ de reforma sera lida tres vezes, com o intervallo de seis dias de huma á outra leitura; e depois da terceira deliberará, se ha lugar de admitti-la á discussãõ.

379. Admittida á discussãõ, se procedera nella com as mesmas formalidades, e processos que se prescrevem para a formaçoõ das Leis, depois do que se proporá a votos para decidir se ha lugar para ser tratada de novo na seguinte deputaçãõ geral; e para que assim fique declarado, deveraõ convir os dois terços dos votos.

380. A deputaçãõ geral seguinte, procedendo as mesmas formalidades em todas as suas partes, poderá declarar em qualquer dos dois annos de suas sessoens, convindo nisso os dois terços de votos, que ha lugar de consentimento de poderes speciaes para fazer a reforma.

381. Feita esta declaração, se publicará, e communicará a todas as provincias; e segundo o tempo em que se tiver feito, determinaraõ as Cortes se ha de ser a deputação proxima-mente immediata, ou a seguinte a esta, a que hade trazer os poderes especiaes.

382. Estes serao outorgados pelas juntas eleitoraes de provincia, accrescentando aos poderes ordinarios a clauzula seguinte—"Da mesma sorte lhes outorgao poder especial para fazer na Constituição a reforma de que trata o decreto das Cortes, cujo theor he o seguinte (aqui o decreto literal). Tudo conforme ao que se acha estabelecido pela mesma constituição. E se obrigaõ a reconhecer, e ter por constitucional o que em sua virtude estabelecerem."

383. A reforma proposta se discutira de novo; e se for approvada pelos dois terços deputados passara a ser lei constitucional, e como tal se publicará nas Cortes.

384. Huma deputação apresentará o decreto de reforma a El Rey para que o faça publicar, e remetter a todas as authoridades e povos da Monarquia—Cadiz desoito de Março do anno de mil oito centos, e doze—Vicente Pasqual, deputado pela Cidade de Teruel, Presidente—Antonio Joaquin Perez, deputado pela provincia de la Puebla de los Angeles—Benito Ramon de Hermida, deputado por Galicia—Antonio Samper, deputado por Valencia—Jose Simeon de Uria, deputado de Guadalaxara, capital del Nuevo Reino de la Galicia—Francisco Garcés y Varea, deputado pela Serrania de Ronda—Pedro Gonzalez de Llamas, deputado pelo reino de Murcia—Carlos Andres, deputado por Valencia—Juan Bernardo O'Gavan, deputado por Cuba—Francisco Xavier Borrull, y Vilanova, deputado por Valencia—Joaquin Lorenzo Villanueva, deputado por Valencia—Francisco de Sales Rodrigues de la Barcena, deputado por Sevilla—Luis Rodriguez del Monte, deputado por Galicia—Jose Joaquin Ortiz, deputado por Panamá—Santiago Key, y Munoz, deputado por Canarias—Diego Munoz Terrero, deputado por Estremadura—Andres Morales de los Rios, deputado pela cidade de Cadiz—Antonio Jose Ruiz de Padron, deputado por Canarias—Jose Miguel Guridi Alcocer, deputado por Tlaxcala—Pedro Ribera, deputado por Galicia—Jose Mexia Leguerica, deputado por el nuevo reyno de Granada—Jose Miguel Gordoia, y Barrios, deputado pela provincia de Zacatecas—Izidoro Martinez Fortun, deputado por Murcia—Florencio Castello, deputado por Costa-Rica—Felipe Vazquez, deputado pelo Principado de Asturias—Bernardo Bispo de Mallorca, deputado pela cidade de Palma—Juan de Salas, deputado pela Serrania de Ronda—Alonso Cane-

do, deputado pela Junta de Asturias—Geronimo Ruiz, deputado por Segovia—Manuel de Roxas Cortés, deputado por Cuenca—Alonso Rovira, deputado por Murcia—Joze Maria Rocafull, deputado por Murcia—Manuel Garcia Herreros, deputado pela Provincia de Seria—Manuel de Arostegui, deputado por Alava—Antonio Alcayna, deputado por Granada—Juan de Lera, y Cano, deputado pela Mancha—Francisco, Bispo de Calahorra, y la Calzada, deputado pela Junta Superior de Burgos—Antonio de Parga, deputado por Galicia—Antonio Payar, deputado por Galicia—Joze Antonio Lopez de la Plata, deputado por Nicaragua—Juan Bernardo Guiroga y Uria, deputado por Galicia—Manuel Ros, deputado por Galicia—Francisco Pardo, deputado por Galicia—Agustin Rodriguez Bahamonde, deputado por Galicia—Manuel de Luxan, deputado por Extremadura—Antonio Oliveros, deputado por Extremadura—Manuel Goyanes, deputado por Leon—Domingo Duenas y Castro, deputado pelo reino de Granada—Vicente Ferreiro, deputado pela provincia de Cadiz—Francisco Gonzales Peynado, deputado pelo reino de Jaen—Joze Cerero, deputado pela provincia de Cadiz—Luis Gonzalez Colombres, deputado por Leon—Fernando Llarena, y Franchy, deputado por Canarios.—Agustin de Arguelles, deputado pelo principado de Asturias.—Joze Ignacio Beye Cisnoros, deputado por Mexico—Guillermo Moragues, deputado pela junta de Mallorca—Antonio Valcarce, y Pena, deputado por Leon—Francisco de Mosquera, e Cabrera, deputado por Santo Domingo—Evaristo Perez de Castro, deputado pela provincia de Valladolid—Octaviano Obregon, deputado por Guanajuato—Francisco Fernandez Munilla, deputado por Nueva Espana—Juan Josef Guerena, deputado por Durango, capital do reino de la Nueva Viscaya—Alonzo Nunez de Haro, deputado por Cuenca—Joze Aznarez, deputado por Aragon—Miguel Alfonso Villagomez, deputado por Leon—Simon Lopez, deputado por Murcia—Vicente Tomaz Traver, deputado por Valencia—Baltasar Esteller, deputado por Valencia—Antonio Lloret y Marti, deputado por Valencia—Joze de Torres y Machy, deputado por Valencia—Joze Martinez, deputado por Valencia—El Baron de Caza Blanca, deputado pela cidade Peniscola—Ramon Giraldo de Arquellada, deputado pela Mancha—José Antonio Sombiela, deputado por Valencia—Francisco Santalla, y Quindos, deputado pela Junta Superior de Leon—Francisco Gutierrez de la Huerta, deputado por Burgos—Joze Eduardo de Cardenas, deputado por Tabasco—Rafael de Zufriategui, deputado por Montevideo—Joze Morales Gallego, deputado pela Junta de Se-

villa—Antonio de Capmany, deputado por Catalunha—Andrés de Jauregui, deputado pela Habana—Antonio Larrabal, deputado por Goatemala—Joze de Vega, y Sentmanat, deputado pela cidade de Cervera—El Conde de Foreno, deputado por Asturias—Juan Nicasio Gallego, deputado por Zamora—Joze Becerra, deputado por Galicia—Diego de Parada, deputado pela provincia de Cuenca—Pedro Antonio de Aguirre, deputado pela Junta de Cadiz—Mariano Mendiola, deputado por Quarétaro—Ramou Power, deputado por Puerto Rico. Joze Ignacio Avila, deputado pela provincia de S. Salvador—Joze Maria Couto, deputado por Nueva Espana.—Joze Alonso y Lopez, deputado pela Junta de Galicia—Fernando Navarro, deputado pela cidade de Tortosa—Manuel de Villafanè, deputado por Valencia—Andrés Angel de la Vega Infanzon, deputado por Asturias—Maximo Maldonado, deputado por Nueva Espana—Joaquin Maniau, deputado por Vera Cruz—Andrés Savariego, deputado por Nueva Espana—Joze de Castello, deputado por Valencia—Juan Quintano, deputado por Palencia—Juan Polo, y Catalina, deputado por Aragón.—Juan Maria Herrera, deputado por Extremadura—Joze Maria Calatrava, deputado por Extremadura—Mariano Blas Garoz, y Penalver, deputado pela Mancha—Francisco de Papiol, deputado por Cataluna—Ventura de los Reys, deputado por Filipinas—Miguel Antonio de Zumalacarregui, deputado por Guipúscoa—Francisco Serra, deputado por Valencia—Francisco Gomez Fernandez, deputado por Sevilla. Nicolas Martinez Fortun, deputado por Murcia—Francisco Lopes Lisperguer, deputado por Buenos Ayres—Salvador Somartin, deputado por Nueva Espana—Fernando Melgarejo, deputado pela Mancha—Joze Domingo Rus, deputado por Maracaybo—Francisco Calvet, y Rubalcaba, deputado pela cidade de Gerona—Dionizio Inca Yapangui, deputado pelo Peru—Francisco Ciscar, deputado por Valencia—Antonio Zuazo, deputado do Peru—Joze Lorenzo Bermudez, deputado pela provincia de Tarma del Peru—Pedro Garcia Coronel, deputado por Truxillo del Peru—Francisco de Paula Escudero, deputado por Navarra—Joze de Salas e Bojadors, deputado por Mallorca—Francisco Fernandez Golfín, deputado por Extremadura—Manuel Maria Martinez, deputado por Extremadura—Pedro Maria Ric, deputado pela junta superior d'Aragón—Juan Bautista Serrés, deputado por Cataluna—Jayme Creus, deputado por Cataluna—Joze, Bispo Prior de Leon, deputado por Extremadura—Ramon Lazaro de Dou, deputado por Cataluna—Francisco de la Serna, deputado pela provincia de Avila—Joze Valcarcel Dato, deputado pela provincia de Salamanca—Joze de Cea, deputado por Cordoba—Joze Roa y Fabian, deputado por Molina—Joze

Rivas, deputado por Mallorca—Joze Salvador Lopes del Pan, deputado por Galicia—Alonso Maria de la Vera, e Pantoja, pela cidade de Merida, deputado—Antonio Llaneras, deputado por Mallorca—Joze de Espiga, e Gadea, deputado da junta de Cataluna—Miguel Gonzales e Lasteri, deputado por Yucatan—Manuel Rodrigo, deputado por Buenos Ayres—Ramon Feliu, deputado pelo Peru—Vicente Morales Duares, deputado pelo Peru—Joze Joaquim de Olmedo, deputado per Guayagil—Joze Francisco Morejon, deputado por Honduras—Joze Miguel Ramos de Arizpe, deputado pela provincia de Cohahuila—Gregori Laguna, deputado pela cidade de Badajoz—Francisco de Eguia, deputado por Vizcaya—Joaquin Fernandez de Legoa, deputado por Chile—Blaz Ostolaza, deputado pelo reino do Peru—Rufael Manglano, deputado por Toledo—Francisco Salazar, deputado pelo Peru—Alonzo de Torres, e Guerra, deputado por Cadiz—M. El Marquez de Villafranca, e los Velez, deputado pela Junta de Marcia—Benito Maria Mesquera, y Lera, deputado pela sete cidades do reino de Galicia—Bernardo Martinez, deputado pela provincia de Orense de Galicia—Felipe Anér de Esteve, deputado por Cataluna—Pedro Inguanzo, deputado por Asturias—Juan de Balle, deputado por Cataluna—Ramon Utgés, deputado por Cataluna—Joze Maria Veladiez, y Herrera, deputado por Guadalaxara—Pedro Gordillo, deputado por Gran-Canaria—Felix Aytés, deputado por Cataluna—Ramon de Lladós, deputado por Cataluna—Francisco Maria Riesco, deputado pela Junta de Extremadura—Francisca Morrós, deputado por Cataluna—Antonio Vasquez de Purga y Bahamonde, deputado por Galicia—El Marquez de Tamarit, deputado por Cataluna—Pedro Aparici y Ortiz, deputado por Valencia—Joaquin Martinez, deputado pela cidade de Valencia—Francisco Joze Sierra, y Llanes, deputado pelo principado de Asturias—El Conde de Buena Vista-Cerro, deputado por Cuenca—Antonio Vasquez de Aldana, deputado por Toro—Esteban de Palacios, deputado por Venezuela—El Conde de Punonrostro, deputado pelo Nuevo reino de Granada—Miguel Riesco y Puente, deputado por Chile—Fermin de Clemente, deputado por Venezuela—Luis de Velasco, deputado por Buenos Ayres—Manuel de Llano, deputado por Chiapa—Joze Cayetano de Foncecarrada, deputado da provincia de Valladolid de Mechoacan—Joze Maria Gutierrez de Terán, deputado por Nueva Espana, Secretario—Joze Antonio Navarrete, deputado pelo Peru, Secretario—Joze de Zorraquin, deputado por Madrid, Secretario—Joaquin Diaz Caneja, deputado por Leon, Secretario.”

Por tanto mandamos a todos os Hespanhoes nossos subditos

de qualquer classe, e condição que sejam, que hajão, e guardem a constituição inserta, como lei fundamental da Monarquia: e da mesma sorte mandamos a todos os tribunaes, justicas, chefes, governadores, e mais authoridades, tanto civiz, como militares, e ecclesiasticas, de qualquer classe, e dignidade, que guardem, e fação guardar, cumprir, e executar a mesma constituição em todas as suas partes. Telo heis entendido, e disporeis o necessario para seu cumprimento, fazendo a imprimir, publicar, e circular. Joaquin de Mosquera y Figueroa, Presidente—Juan Villavicencio—Ignacio Rodriguez de Rivas—El Conde del Abisbal—Em Cadiz a desenove de Março de mil oito centos, e doze—A. D. Ignacio de la Pezuela.

BREVES REFLEXOENS

Sobre as Cortes de Hespanha, e sobre a Constituição, que ellas fizeraõ para a Monarquia Hespanhola.

Fieis ao que promettemos em o No. XIII. do nosso Jornal, vamos fazer algumas observaçoens geraes sobre as Cortes de Hespanha, e sobre a Constituição Politica, que ellas fizeraõ: e depois examinaremos alguns artigos do mesmo *Codigo Constitucional*, em que se achaõ a nosso ver erros essenciaes.

A serie de infelizes Governos, que se succederaõ huns aos outros depois do memoravel dia 2 de Maio de 1808, fez naturalmente lembrar as antigas Cortes de Hespanha: e se, reflectindo que o Monarca se achava captivo, os Hespanhoes nomeassem hum legitimo Regente para que junto com as Cortes pozesse em rigida observancia das antigas leis de Hespanha, tendo sempre em vista as melindrosas circumstancias em que a Monarquia se achava; he possivel que se tivesse poupado a maior parte dos males, e das horrozas calamidades, que a Hespanha tem soffrido.

Com tudo desprezou-se este meio que era mais obvio, e mais simples, e recorreo-se a outro, que pode ser origem de guerras civiz, e de anarchia. He sabido que quando as Cortes foraõ convocadas, e se juntáraõ pela primeira vez na Ilha de Leaõ, mais de

dois terços da Hespanha gemião debaixo do jugo Francez : consequentemente estes dois terços não forão, nem podiaõ ser ouvidos, e menos podiaõ legal e tranquillamente escolher os seos respectivos Deputados nas Cortes Geraes, e Extraordinarias. Todos estes povos podem dizer hum dia, que tudo quanto este congresso tem feito he de absoluta nullidade ; principalmente quando elles virem cassadas, e abolidas muitas das principaes leis da Hespanha. Parece-nos que as Cortes deveriaõ prever tudo isto, e contentar-se com aquellas innovaçoes que fossem de absoluta necessidade nos differentes ramos da administração publica, e que as circumstancias do momento imperiozamente exigissem.

Achando-se pois dois terços, pelo menos, do territorio Hespanhol debaixo do tyrannico jugo Francez, parece que o primeiro objecto que as Cortes deveriaõ ter em vista era o de expulsar os inimigos ; e que as suas principaes deliberaçoes deveriaõ dirigir-se a descobrir e empregar todos os meios possiveis de realizar tão grande fim. Disto com tudo he que menos se tem tratado. Saõ passados 28 mezes depois que tiverão a sua primeira sessão, e nada se tem feito relativamente á organização de hum exercito capaz de se medir, e combater ao lado do valente exercito Anglo-Luzo ; e pode sustentar-se, que a unica providencia verdadeiramente sabia, que tem dado a este respeito, he a nomeação do Grande Lord para Generalissimo de todas as forças de Hespanha. Oxala que as Cortes a tivessem adoptado logo que se congregaraõ, e que ella tivesse sido o primeiro rezultado das suas deliberaçoes !

Hum consideravel numero de decretos, a maior parte dos quaes tem sido de nenhum effeito, e huma Constituição Politica da Monarquia, que por ora se não podia nem tem podido por em pratica em grande parte da Hespanha, tem sido o fructo das laboriozas fadigas das Cortes Geraes, e Extraordinarias, de quem os amigos dos Governos populares esperaõ muito (sabe Deos porque), e nos mui pouco.

Não cabe nos limites do nosso Jornal demorar-nos quanto dezejavamos no exame, e analyse de hum grande numero de decretos expedidos pelas Cortes ;

apontaremos por tanto só hum ou outro; e por elles se verá, que se ha nas Cortes os melhores dezejos, e intençoens, ha taobem hum desmedido espirito d'innovar que não pode deixar de produzir funestos effeitos; que ha nellas hum partido philosophico, que hade cedo, ou tarde produzir males incalculaveis com os seus falsamente chamados principios liberaes; que ha muita, pertendida sciencia theoretica, e mui pouca sciencia pratica; e que em vez de adoptarem medidas adequadas para unir todas as classes da Nação tem decretado grandes meios para as desunir, e desgotar.

Basta lançar os olhos para o decreto, pelo qual as Cortes abolirão para sempre o direito feudal, debaixo de qualquer forma, ou denominação que possa existir, para os nossos leitores se convencerem do que dizemos. As Cortes tiverão talvez em vista fazer hum grande bem á Nação Hespanhola; mas nas actuaes circumstancias fizeraõ-lhe, quanto a nos hum grande mal. Permittaõ-nos os nossos leitores, que nos demoremos hum momento sobre este objecto.

Deslhonar os Principes, aviltar os grandes, desacreditar o clero secular, e regular, pintando os Principes como tyrannos, os grandes como despotas, o clero como uzurpador dos bens da Nação, propagador de erros funestos, e todos como cauzas unicas da pobreza, aviltamento e desgraças da Nação—taes tem sido sempre as armas com que os intrigantes e os revolucionarios tem procurado subverter os estados. Pregando tal doutrina á mais ignorante, e mais numeroza classe da sociedade, prometendo-lhe venturas sem conto, fallando-lhe em igualdade, em soberania, e liberdade, facilmente a tem illudido; tem facilmente excitado nella hum implacavel odio contra todos aquelles, que não são da sua classe; e consequentemente semeado entre a Nação odios, e divizoens que a tem perdido.

O que os revolucionarios tem conseguido com as sobreditas armas, podem as Cortes de Hespanha obter, em grande parte com a decreto de que fallamos, se todavia for á vante, do que muito duvidamos. Duvidamos muito, que se execute; porque he impossivel, que as Cortes, em quem devemos suppor boa fe, boas intençoens, e dezejo d'acertar, não conheçaõ bem de-

pressa os males, que da execução deste decreto necessariamente devem rezultar.

Este decreto attaca directamente os interesses de duas classes da Nação decizivamente as mais poderosas, que tem a maior influencia sobre os povos, e que em todos os tempos lhe tem feito os maiores serviços. He possivel que nestas duas classes haja, ou tenha havido usurpaçoens, e abuzos: mas applicar o mesmo decreto aos que retém o que não he seu com falsos titulos, e aquelles que possuem com titulos legítimos, he quanto a nos huma injustiça manifesta; e não he por meio de injustiças que se pode reformar huma Nação. Privar a huns, e a outros do que possuem, sem ser ouvidos, nem ao menos exigir, e examinar seos titulos, he a nosso ver outra injustiça.

Proceder á reforma de abuzos, que os tempos, e mil outras circumstancias tenhaõ podido introduzir, he util, he necessario: mas nas tristes circumstancias em que a Hespanha inda se acha, (e peiores ainda aquellas em que se achava, quando as Cortes expediraõ aquelle decreto) tendo dentro em si hum inimigo poderoso, e astuto, que esta privando o Estado de suas rendas, e de seos recursos, na Europa por meio dos seos exercitos, na America por via dos seos infames agentes; proceder o Governõ de Hespanha, ainda em cima, a *hum despojo rapido, e geral, sem lhe importar o poder judiciario, e sem distinguir o justo do injusto*, he augmentar a desordem; he multiplicar as desgraças, e o numero dos descontentes; he dar armas ao seu inimigo, e lugar ás suas intrigas.

Despojar a hum tempo os proprietarios, e riscar do *grande livro da Patria* os premios, e ate a memoria de seos illustres, e respeitaveis defensores: pertender lizongear o povo, despojando sem piedade o clero secular, e regular; he extinguir o patriotismo; he excitar a desunião entre as classes n'hum momento em que só uniaõ e patriotismo podem salvar a Nação.

He preciso considerar os homens como elles são, e não como elles devem ser—Como podem os Grandes de Hespanha, que abandonaraõ, e perderaõ suas cazas, as suas rendas, e todas as suas commodidades para seguir a cauza do seu Rey, e da sua Nação, ser afeiçoada

dos a hum Governo, que sem contemplação alguma aos seos serviços, ás suas desgraças, á sua honra, e comportamento; sem consideração aos eminentes serviços de seos maiores, ate lhe tira a esperança de recuperar aque era delles, e que o inimigo actualmente occupa? Como pode o clero secular, e regular amar hum governo, que sem o ouvir, o despoja de todos os seos privilegios, e annulla d'hum golpe todas as suas izençoens, e os seos titulos? Que mais lhe faria Bonaparte? Como he possivel não prever as tristes consequencias que necessariamente devem rezultar de huma tal medida? “ Porque razão diz hum excellento, e modesto escriptor Hespanhol, porque razão tanto affinco em abolir o que nos governa ha deseseis seculos? As Leis fundamentaes de huma tal Monarquia devem ser immutaveis, e izentas de toda a variação essencial. Se os politicos acontecimentos exigem (como he indubitavel) reformas d'algumas leis, uteis outrora, e que hoje não con- vem; util será sua derogação; deixando porem illezas as fundamentaes, e estabelecidas pelo con- stante, e firme consentimento da Nação.”

Nos estamos persuadidos que entre os privilegios Senhoriaes ha muitos que são injustos, e damnosos por essencia: mas em vez de os abolir todos de hum golpe, não seria mais justo, e mais politico nomear pessoas dignas, que examinassem as queixas dos povos a este respeito; que examinassem os titulos em que taes privilegios se fundavaõ, e que segundo o seu informe annullasse os que fossem onerosos aos Povos? O contrario parece-nos mais que tudo hum dezejo de humilhar a classe dos grandes, que apezar de tudo quanto se possa dizer contra elles, sempre he hum facto, que a excepção de mui poucos, abandonaraõ todos os seos bens, quando o intruzo Rey offerencia conservar-lhos todos, e mesmo augmentar-lhos.

As Cortes estabeleceraõ a nova ordem de S. Fernando: mas quando ellas, guiadas pelos seos principios liberaes, ou antes falso philosophismo prejudicial, a prostituem ate o ponto de condecorar, e

remunerar com ella hum simples soldado, e hum tambor, imitaõ sem o pensar, o tyrano da Europa na creação da sua legião de honra.

Parece-nos mui justo que nenhum homem benemerito seja excluido desta ordem: parece-nos igualmente justo que para a obter não seja preciso ter nobreza hereditaria: mas taobem nos parece necessario, que para taes condecoraçoes terem a consideração devida, os individuos em quem ellas recahirem, tenham certa representação, e certos meios para se tratarem de huma maneira decente. Que importa a hum soldado, e a hum tambor, huma fita desta ou daquella côr, se elle sua mulher, e seos filhos, continuão o viver na indigencia e na miseria? O soldado, e o tambor, estimará muito ter a porta aberta para subir a todos os postos, porque estes dão meios de subsistir, e consideração; e se as Cortes decretassem, que a ordem de Fernando se não daria a militar algum que não tivesse, pelo menos a patente de Coronel; o soldado razo procuraria fazer serviços, e distinguir-se para chegar a obter aquella patente, e com esta aquella ordem. *As honras devem estar fundadas na opiniaõ; vulgarizadas perdem toda a sua estima. A ordem de Carlos III. instituida na Hespanha, virtuti, et merito, era ja considerada, como hum adorno burlesco, só porque se tinha dado a gentes, que não teriaõ sido admittidas nas ordens militares.*

As Cortes decretarão a liberdade da imprensa, e esta com effeito existe, com tanto que se não toque nas Cortes, no governo, no que este, e aquellas fazem, nem inda n'algum, que tenha algum poder, ou influencia no Governo, e nas Cortes.

Lardizabal, porque escreveu; e sustentou, que a Soberania não existia no Povo, irritou as Cortes de tal modo, que não descansarão em quanto o não viraõ condemnado por hum *tribunal especial creado pelas mesmas Cortes.* Assim obra Bonaparte.—Quiz o veneravel Bispo de Oranse fazer huma explicação antes de prestar seu juramento á constituição, para descargo de sua consciencia; e as Cortes, sem o ouvir, o desterrão de Hespanha, por hum decreto; despojaõ-

no de Seu Bispado, de suas rendas, e de suas honras !
Quanta impolitica, quantas illegalidade, e quantas injustiças n'hum só decreto !!!

Bonaparte empregou todos os meios de attrahir ao seu partido aquelle venerando Bispo, porque sabia que era hum Prelado de muito saber, de muita virtude, e que tinha por isso huma grande influencia em todas as suas ovelhas : mas o respeitavel Pastor fiel ao seu Deos, ao seu Monarca, e á sua Patria, a nada cedeo, e não se deixou seduzir. He bem difficil, a nosso ver o decidir qual dos dois passos he mais impolitico se decretar a liberdade da imprensa, e d'expressar cada qual scos sentimentos da maneira que as Cortes o fizeraõ, em taõ criticas circumstancias ; se transgredir este mesmo decreto e sem ao menos ouvir aquelle veneravel Bispo. Nos temos presentes os debates das Cortes a respeito deste decreto : e he inconcebivel como no meio da raiva, e da maior agitação os legisladores da Hespanha tiveraõ o desacôrdo de decretar ; como se no meio da agitação, e da raiva se possa decretar com madureza, e com justiça !

As Cortes decretaraõ a liberdade da imprensa ; e com tudo apenas tiveraõ noticia da obra intitulada *Hespanha vingada*, foi tal o alarido nas Cortes, que ate houve quem propozesse a declaração *de que a Patria estava em perigo !* E porque estava a Patria em perigo ? Porque o author sustentava com razoens e com modestia, que a nobreza he util, e que não pode haver Monarquia sem ella—que ha, e tem havido Senhores de povos que lhes tem feito grandes bens—que o despojo violento, e repentino, sem audiencia, dos privilegios territoriaes exclusivos jamais foi uzado pelos Reys, ou pelas antigas Cortes.—Que o *titulo de reconquista* que allegaõ em Hespanha os que pertendem abolir os antigos direitos pode cauzar grande desordem em toda a Monarquia—Que as reformas dos fundamentos politicos de hum Estado não são para tempos de tanta agitação, como aquelles em que a Hespanha se acha—Que o author treme ao ver a semelhança entre as doutrinas politicas que se querem pôr em pratica, e as que produziraõ a revo-

lução, e anarquia Franceza.—Que se abusa em Cadix da liberdade da imprensa, e que somente serve para semear discordias—Que são injustos os que insultão a Grandeza de Hespanha, cujos individuos pela maior parte, tem abandonado quanto possuião para seguir a causa da Patria—Que o Conselho de Castella se tinha portado com honra na revolução—Que (salva a opiniaõ da Nação) he impraticavel no momento actual a regulaçãõ de províncias, que as Cortes fizeram—Que em sua consciencia não pode o author convir com a liberdade de imprensa, que as Cortes decretarão, e que reprovava a doutrina da Soberania do Povo.

Não he possivel escrever com mais decencia do que este author escreve: muitas das suas propozições são incontestavelmente verdadeiras; as outras mereciaõ ao menos que as Cortes as tomassem em consideração: mas se a liberdade da imprensa não hade servir para esclarecer o governo, que a estabeleceo, então de que serve? Para que estabelecerão as Cortes a liberdade de fallar, e d'imprimir. He só para os escriptores em Cadix se estarem desacreditando mutuamente? Demais, se as Cortes são as primeiras a transgredir os seus decretos, como esperão que os Povos os respeitem, e lhe obedeçam?

Não he nossa mente desacreditar as Cortes da Hespanha: mas nos não podemos deixar de dizer, que descobrimos na maior parte das medidas decretadas por ellas hum espirito de innovar, que nos não parece conveniente nas circumstancias actuaes: descobrem-se, ao que parece, excellentes intenções; mas não achamos nos meios de as pôr em pratica aquella sabedoria, prudencia, e imparcialidade, sempre necessarias, muito mais porem ainda no presente estado da Hespanha.

Alem disso nota-se neste Congresso hum desmedido dezejo de governar, e d'arrogar a si o que lhe não pertence: mais de huma vez tem calcado aos pez aquella mesma constituição que hontem fizeram, e jurarão: mais de huma vez tem arrogado a si o poder legislativo, o poder executivo, e o poder judiciario;

e se isto acontece no principio, o que sera para o futuro. Eis aqui porque dissemos que em quanto os apaixonados dos governos populares esperão muito das Cortes da Hespanha, nos esperamos mui pouco.

Quanto á Constituiçãõ. Notamos em geral 1. que se a constituição de hum Estado, pelos mesmos principios que as Cortes estabeleceraõ, deve ser o resultado da vontade Geral da Nação expressa pelos seus deputados livremente escolhidos; se mais de dois terços da Nação não foraõ, nem podiaõ ser ouvidos: para que he tanta pressa em a fazer? Não seria muito mais precedente deixar para melhores circumstancias esta grande, e difficillima obra? 2. Que se huma boa constituição Politica he, pelo assim dizermos, o ultimo esforço do espirito humano: se obra taõ melindroza exige o maior socego, e desassombramento d'alma: como he possivel que as Cortes fizessem huma sabia constituição no meio de hum conflicto horrivel de paixoes, e d'interesses oppostos; recebendo todos os dias tristes noticias de desastres sobre desastres ja do novo, ja do velho mundo; no meio de sustos continuos, e do continuo estrondo das bombas inimigas? Como he possivel que as Cortes deliberassem acertadamente sobre objecto de tanta monta?

N'algum dos Nos. seguintes examinaremos alguns artigos da constituição, que nos parecem erros essenciaes de que não pode vir senão males.

PORTUGAL.

LISBOA.

11 de Dezembro de 1812.

O nosso Governo mandou expedir a seguinte Portaria.

Querendo o Principe Regente Nosso Senhor, em consequencia de justas ponderações do Marquez de Torres-Vedras, General em Chefe dos Exercitos Alliados, expostas pelo Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. Magestade Britanica nesta Corte, remover, a bem do prompto pagamento dos Exercitos Britanicos, empregados na defesa de Portugal, o obstaculo que lhe provem de não terem os Guines Inglezes hum valor determinado, e corrente, como tem actualmente as Patacas Hespanholas, em virtude da Regia Determinação de dezeseite de Outubro de mil oitocentos e oito; E sendo presente ao Mesmo Senhor que o Guine, por ensaios da Casa da Moeda, a que mandou proceder, e pelos quaes se lhe achou o toque de vinte e dois quilates, e o pezo de duas oitavas e vinte e quatro graos, corresponde a tres mil setecentos trinta e tres reis, segundo o valor numeral da Moeda Portugueza: He Sua Alteza Real Servido ampliar aquella Real ordem, taõ somente pelo que respeita aos Guines de ouro da Gram-Bretanha; Ordenando que da data desta em diante tenham interinamente curso, e sejam recebidos nestes Reinos como dinheiro metallico em todos os pagamentos e transacções, assim da Real Fazenda, como dos Particulares, na conformidade da Ordenação Liv. 4. tit. 22, pelo mencionado valor de tres mil setecentos trinta e tres reis cada hum. As Authoridades, a quem toca, assim o tenham entendido, e fação executar. Palacio do Governo em tres de Dezembro de mil oitocentos e doze.

Com seis Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Lisboa, 17 de Dezembro.

Extracto de hum officio de Sua Excellencia o General Marquez de Wellington, datado dos quartéis generaes de Frenada, a Sua Excellencia Dom Miguel Pereira Forjaz.

Nada de importancia tem occorrido de pois que transmetti a Vossa Excellencia o meu officio em data de 2 do corrente. Algumas tropas do Marechal Soult chegarão a valle do Tejo a 3 deste mez. No fim do passado as tropas Hespanholas estavam ainda em Madrid.

As tropas se tem espalhado consideravelmente pelo interior, para melhor se aquartelarem; algumas tem hido para o Porto, outras para Coimbra. A divizão do General Hill esta em Coria; a 8. divizão ao commando de Stewart esta em Viseu; em tanto Lord Wellington vai a Badajos e d'ali a Cadiz.

O General Hill he o immediato em Commando. A sua posição em Coria he excellente para aquella fim; por ser muito central, e asaz adiantada. Lisboa Dec. 26.

N. B. Seria aqui o lugar de inserir-mos hum documento que lemos nos papeis Inglezes, relativo ao exercito alliado na sua retirada de Burgos para as Fronteiras de Portugal; se não duvidassemos da sua authenticidade, não apparecendo na Gazetta de Lisboa. He huma Carta de ordens do General Marquez de Wellington aos officiaes do exercito, em que se queixa da falta de disciplina das tropas, chegando a commetter irregularidades e mesmo ultrages durante aquella retirada; e nesta duvida, julgamos do nosso dever supprimir huma leitura dezagradavel aos Senhores officiaes do exercito alliado.

INGLATERRA.

Supplemento a Gazette da Corte, de Sabado, 9 de Janeiro, 1812.

DECLARAÇÃO

Do Governo Britanico, em Resposta ao Manifesto do
Prezidente do Estados Unidos, &c.

Os ardentes esforços do Principe Regente para conservar as re'laçoens de paz e d'amizade com os Estados-Unidos d'America tendo sido desgraçadamente infructuosos, Sua Alteza Real, obrando em nome e da parte do Rey, julga a prepozito declarar as causas e origem da guerra em que o Governo dos Estados Unidos o tem forçado a entrar,

Nenhum dezejo de conquista, nem outros motivos ordinarios d'agressao forao, ou podem ser, no caso presente, imputados a Gram-Bretanha. Os seos interesses commerciaes a inclinavao a paz, se ella podesse evitar a guerra, sem fazer o sacrificio dos seos direitos maritimos, ou sem huma injurioza submissao a Franca: isto he huma verdade que o Governo Americano nao negará.

Sua Alteza Real nao pertende d'alguma forma estribarse sobre a presumpcao favoravel, a que tem direito. Elle está prompto a provar, por hum exposto das circumstancias que tem trazido a guerra actual, que a Gram-Bretanha tem constantemente obrado a respeito dos Estados Unidos d'America, com hum espirito de moderao e de conciliação; e a demonstrar a natureza inadmissivel das perençoens que por fim tem desgraçadamente accendido guerra entre as duas naçoens.

He bem conhecido no Universo que o fim invariavel do Dominador da Franca tem sido destruir o poder e a independencia do Imperio Britanico, como a principal obstaculo ao complemento dos seos ambiciozos projectos. Elle imaginou primeiro que lhe era possivel reunir na Mancha huma força naval que, combinada com huma numeroza flotilha, o poria em estado de desembarcar em Inglaterra hum exercito sufficiente, segundo elle cria, para subjugar o paiz; e por meio da conquista da Gram-Bretanha, elle esperava realizar seo projecto d'Imperio universal.

Este designio tem sido inteiramente frustrado pela adopcao de hum plano de defeza interior mais extenso e seguro,

e pelo valor das frotas e exercitos de Sua Magestade; e as forças navaes da França, depois das derrotas as mais assignaladas, tem sido forçadas a retirar se do oceano.

Fez-se huma tentativa depois para completar o mesmo objecto por outros meios, estabeleceo-se hum systema pelo qual o Dominador da França esperava arruinar o commercio da Gram-Bretanha, abalar seu credito publico, e destruir as suas rendas; fazer inutil sua superioridade naval, e aproveitar-se de sua ascendencia sobre o continente, para se constituir em grande parte o arbitro do Oceano, a pezar da destruição das suas frotas.

Nesta vista, pelo Decreto de Berlin, seguido d'aquelle de Milão, elle declarou que os territorios Britannicos estavaõ em estado de bloqueio, e que todo commercio ou mesmo correspondencia com a Gram-Bretanha, eraõ prohibidos: Elle decretou que todos os navios e carregaçoes que tivessem entrado em hum porto Britanico, ou se encontrassem hindo para elle, e que de qualquer modo que fosse, tivessem sido vizitados por hum navio de guerra Inglez, seriam boas prezas: elle declarou que todas as fazendas e producçoes Inglezas, em qualquer parte onde fossem achadas, e de qualquer forma que tivessem sido adquiridas, estavaõ sujeitas a confiscação. Alem de isso, elle declarou desnacionalizada a bandeira de todos os navios neutros que se achassem em contraposição a estes mesmos Decretos; e deo a este plano de tirania universal o nome de systema continental. A fim de justificar estas tentativas para arruinar o commercio da Gram-Bretanha, por meios subversivos dos direitos os mais sagrados das naçoens neutras, a França tem procurado em vão fundar-se sobre a conducta anterior do Governo de Sua Magestade.

Nas circumstancias de huma provocação sem exemplo, Sua Magestade se absteve de toda a medida que as regras ornamias da Ley das naçoens não justificavaõ plenamente. Nunca a superioridade maritima de hum belligerante sobre seo inimigo foi mais completa nem mais deciziva. Nunca o belligerante adverso foi tao terrivelmente perigozo, por seo poder e por sua politica, á liberdade de todas as outras naçoens. Entretanto, neste cazo extremo, a Gram-Bretanha, havia feito hum tal uzo do seo ascendente naval, que seo inimigo não podia achar hum justo motivo de queixa; e para dar a estes Decretos illegaes a apparencia de huma represalia, o Dominador da França foi obrigado a estabelecer principios de Ley maritima que não eraõ sanccionados por alguma outra autoridade, senão sua propria vontade arbitraria.

Os pretextos d'estes Decretos forao, primeiramente, que

a Gram-Bretanha tinha exercido os direitos de guerra contra pessoas particulares, seos navios e bens, como se o unico objecto de hostilidade legitima sobre o Oceano fosse a propriedade publica de hum Estado, ou como se os editos e os Tribunaes da França nao tivessem em todos os tempos posto em força este direito com hum rigor singular;—em segundo lugar que as ordens Britanicas de bloqueio, em vez de se limitarem as cidades fortificadas, tinhao sido, segundo a França pertendia, illegalmente estendidas as cidades e portos de commercio, e as embocaduras dos rios; e em terceiro, que ellas tinhao sido applicadas a lugares e a costas que nao estavam nem podiao ser realmente bloqueadas. A ultima d'estas accusações nao hé fundada em facto; entretanto que as outras, como reconheceo mesmo o Governo Americano, sao absolutamente sem fundamento em direito. Sua Magestade protestou e appellou contra estes Decretos; Ella requereo aos Estados Unidos o manter seos proprios direitos, e defender sua independencia assim ameaçada e atacada; e como a França havia declarado que ella confiscaria todo navio que tivesse entrado na Gram-Bretanha, ou sido vizitado por navios de guerra Inglezes, Sua Magestade, tendo anteriormente publicado a ordem de Janeiro de 1807, como hum acto de represalia moderada, foi a final forçado pela violencia aturada do inimigo, e submissão continua das Potencias neutras, a fazer recahir sobre a França de hum modo mais efficaz, a medida da sua propria injustiça, declarando por huma ordem do Conselho em data de 11 de Novembro de 1807, que nenhum navio neutro hiria a França, nem a qualquer algum dos paizes, donde conforme aos mandados da França, o commercio Inglez estava excluido, sem ter primeiramente tocado em porto da Gram-Bretanha ou suas dependencias.

Ao mesmo tempo Sua Magestade annunciou que estava prompta a revogar as ordens em Conselho, logo que a França annullasse os seos Decretos, e voltasse aos costumados principios da guerra maritima; e n'huma época subsequente, para dar huma prova do dezejo sincero que Sua Magestade tinha d'ajustar, tanto quanto fosse possivel, estas medidas defensivas em favor das Potencias Neutras, os effeitos das ordens do Conselho forao, por huma ordem dada em Abril de 1809, limitados a hum bloqueio da França e dos paizes submetidos á sua immediata dominação.

Systemas de violencia, d'opressão, e de tirania nao podem nunca ser suppressidos ou mesmo refreados, se a Potencia, contra a qual se exerce huma tal injustiça, hé privada do direito de amplas e sufficientes represalias; ou se as medidas da Potencia que uza de represalia devem ser consideradas como justos motivos de offensa para as naçoens

neutras, entretanto que as medidas da primeira aggreção e violencia devem ser toleradas com indifferença, submissão, ou condescendencia.

O Governo dos Estados Unidos não tem deixado de fazer representaçoens contra as Ordens em Conselho da Gram-Bretanha. Ainda que elle sabia que estas ordens serião revogadas, se os Decretos da França que as tinhaõ occazionato, se annullassem, elle se determinou ao mesmo tempo a rezistir aos procedimentos dos dous beligerantes, em lugar de requerer primeiramente á França, que annullase os seos Decretos. Applicando com a maior injustiça a mesma medida de ressentimento ao aggressor e á parte lezada, elle tomou medidas de resistencia commercial contra hum e outro systema de resistencia que, posto diversificado nos actos successivos d'embargo, de não-intercurso, e de não-importação, era evidentemente dezigual em seos effeitos, e principalmente dirigido contra o commercio e o poder maritimo superiores da Gram-Bretanha.

A mesma parcialidade para com França se observou nas suas negociaçoens como nas suas medidas, de allegada resistencia. Fez se huma representaçoẽ aos dous Belligerantes, para revogarem os seos respectivos Editos, mas os termos em que ella foi feita, eraõ grandemente diversos.

Pedio-se á França que revogasse somente os Decretos de Berlin e Milaõ, ainda que outros muitos Editos grosseiramente prejudiciaes ao commercio neutro dos Estados Unidos fossem promulgados por esta Potencia. Não se pediu garantia, para que os Decretos de Berlin e Milaõ, quando mesmo fossem revogados, se não restabelecem debaixo de outra qualquer forma: e offerceo-se huma obrigaçoẽ directa que, depois de huma tal revogaçoã, o Governo Americano tomaria parte na guerra contra a Gram-Bretanha, se a Gram-Bretanha não abrogasse immediatamente suas ordens: entretanto que nenhuma obrigaçoã correspondente foi offercida á Gram-Bretanha, de quem se exigia não somente que as Ordens em Conselho fossem revogadas, mas que se não dessem outras ordens de semelhante natureza e que o bloqueio de Maio de 1806 fosse tambem abandonado. Os Estados Unidos não tinhaõ feito objecçoã contra este bloqueio, estabelecido e posto em força, conforme a pratica uzada, na epoca em que tinha sido publicado. O ministro Americano residente em Londres n'esta epoca, tinha dito, pelo contrario, que as suas disposiçoens haviaõ sido arranjasdas de modo que offerceião, segundo elle, huma prova das disposiçoens amigaveis do Gabinete Britanico para com os Estados Unidos.

Requereo-se assim a Gram-Bretanha que abandonasse

hum dos seus direitos marítimos os mais importantes, reconhecendo que a ordem do bloqueio em questão, era hum dos Editos que violavaõ o commercio dos Estados Unidos, ainda que jamais tivesse sido olhado assim nas negociações anteriores; e ainda que o Presidente dos Estados Unidos recentemente consentisse abrogar o acto do não intercurso, com a unica condição que as Ordens em Conselho seriaõ revogadas; admittindo assim distinctamente, que estas ordens eraõ os unicos Editos, aos quaes podia applicar-se a lei em virtude da qual se obrava.

Huma proposição tão hostile para a Gram-Bretanha não podia deixar de animar proporcionalmente as pretensões do inimigo; poisque allegando que o bloqueio de Maio de 1806 era illegal, o Governo Americano justificava virtualmente, tanto quanto dependia de elle, os Decretos Francezes.

Depois de se ter feito esta proposição, o Ministro Francez dos negocios estrangeiros, de concerto com o seu Governo, ou pelo menos conforme ás suas vistas, em hum despacho datado de 5 de Agosto de 1810, e dirigido a o ministro Americano residente em Paris, declarou que os Decretos de Berlin e Milão estavaõ revogados, e que o effeito de elles cessaria desde o primeiro dia do mez de Novembro seguinte, com tanto que Sua Magestade quizesse revogar as suas Ordens em Conselho, e renunciar aos novos principios de bloqueio; ou que os Estados Unidos fizessem respeitar os seus direitos; dando a entender com isso que elles rezistiriaõ ás medidas de represalias da Gram-Bretanha.

Ainda que a revogação dos Decretos Francezes assim annunciada dependesse evidentemente de concessões que fizesse a Gram-Bretanha (concessões ás quaes era manifesto que a Gram-Bretanha não podia submeter-se) ou de medidas que se adoptassem pelos Estados Unidos de America, o Presidente Americano considerou instantaneamente a revogação como absoluta. Debaixo de este pretexto o acto de não importação foi posto estreitamente em força contra a Gram-Bretanha, entretanto que os navios de guerra e os navios mercantes do inimigo foraõ recebidos nos portos d'America.

O Governo Americano sustentando que a revogação dos Decretos Francezes era absoluta e real, pediu injustissimamente á Gram-Bretanha, conforme ás suas declarações, que revogasse as suas ordens em Conselho. O Governo Britanico negou que a revogação que estava annunciada pela carta do ministro Francez dos negocios estrangeiros fosse tal, que satisfizesse a Gram-Bretanha; e a fim de estabelecer o ver-

dadeiro caracter da medida adoptada pela França, requereose ao Governo dos Estados Unidos, que produzisse o acto pelo qual a pretendida revogação dos Decretos Francezes tinha sido effectuada. Se estes Decretos realmente se tivessem revogado, hum tal acto devia existir, e não se podia dar razão satisfactoria para o não produzir.

Em fim, a 21 de Agosto de 1812, e não antes, o ministro Americano em Londres, produziu huma copia, ou pelo menos o que era intitulado copia, de hum acto de esta natureza.

Ella trazia a data de 28 de Abril 1811, muito posterior ao Despacho do ministro Francez dos negocios estrangeiros de 5 de Agosto 1810, e mesmo ao dia ali nomeado, a saber o 1 de Novembro seguinte em que o effeito dos Decretos Francezes devia cessar. Este acto declarava expressamente, que estes Decretos estavam revogados em consequencia da Legislação Americana ter, pelo seo acto do 1 de Maio de 1811, determinado, que os navios e mercadorias Inglezas fossem excluidas dos portos dos Estados Unidos.

Por este acto, unico documento produzido pela America como revogação dos Decretos Francezes, parece, sem que nisso haja materia de alguma duvida ou disputa, que a pretendida revogação dos Decretos Francezes era condicional; conforme a Gram-Bretanha o havia sustentado, e não absoluta ou definitiva como a America o tinha pretendido; que elles não estavam revogados na epoca em que o Governo Americano disse que elles estavam revogados; que elles não tinham sido annullados conforme a proposição simultaneamente feita aos dous Belligerantes, mas que em consequencia de hum acto anterior da parte do Governo Americano, elles foram revogados em favor de hum Belligerente e em prejuizo do outro; que o Governo Americano tendo adoptado medidas de restricção sobre o commercio dos dous Belligerentes, em consequencia de Editos creados por hum e outro, tem revogado estas medidas na parte que affectava o poder, que tinha sido o aggressor, entretanto que elle os poz plenamente em vigor contra a parte lezada; ainda que os Editos das duas Potencias continuassem a estar em força; e em fim que elle tem excluido os navios de guerra pertencentes a hum Belligerente, ao mesmo tempo que não admittia nos seus portos e enseadas os navios de guerra pertencentes ao outro; faltando a hum dos deveres os mais claros e os mais essenciaes de huma nação neutra.

Ainda que o acto assim produzido não fosse de nenhuma sorte esta revogação geral e sem reserva que a Gram-Bre-

tanha tinha continuadamente dezejado, e que tinha hum amplo direito de reclamar; e ainda que este acto, vistas todas as circumstancias em que apparecia entao pela primeira vez, devesse produzir as mais fortes duvidas sobre a sua autenticidade; com tudo, como o ministro dos Estados Unidos o produzia como copia do acto de revogação, o Governo da Gram Bretanha, dezejando tornar a vir, se fosse possivel, aos antigos e costumados principios da guerra maritima se determinou a revogar condicionalmente as ordens em Conselho. Em consequencia, no mez de Junho ultimo, foi da vontade de Sua Alteza Real o Principe Regente declarar em Conselho, em nome e da parte de Sua Magestade, que as ordens em Conselho seriao revogadas no que respeitava aos navios e propriedades dos Estados Unidos, a principiari do 1 de Agosto seguinte. A revogação devia ficar em força huma vez que o Governo dos Estados Unidos, em hum determinado termo revogasse as suas leis de restricção contra o commercio Britanico.

O ministro de Sua Magestade n'America recebeu ordem expressa de declarar ao Governo dos Estados Unidos que esta medida tinha sido adoptada pelo Principe Regente com o mais ardente dezejo, e na esperanca, ou que o Governo da Franca, dezustindo de seo systema, faria inutil a perseverança da parte da Gram Bretanha nas medidas de represalias, ou que se esta esperanca viesse a frustrar-se, a Governo de Sua Magestade poderia na falta de todos os regulamentos irritantes e restrictivos de huma parte e d'outra entrar amigavelmente em explicação com o Governo dos Estados Unidos, a fim de ver se, no cazo em que a necessidade das medidas de represalias continuasse desgraçadamente a sentir-se, as medidas particulares que a Gram Bretanha devia por em effeito, poderiaõ fazer-se mais agradaveis ao Governo Americano do que as precedentes.

A fim de prover no cazo accidental de huma declaração de guerra da parte dos Estados Unidos, antes da chegada n'America da dita ordem de revogação, forao enviadas instrucçoens ao ministro plenipotentiario acreditado nos Estados Unidos (instrucçoens cuja execução, em consequencia da descontinuação das funcçoens de Mr. Foster,) foi n'huma epoca subsequente confiada ao Almirante Sir John Borlase Warren pelas quaes lhe foi ordenado propor huma descontinuação de hostilidades, se ellas tivessem começado; e offerecer, alem de isso, huma revogação simultanea das ordens em conselho de huma parte, e das leis de restricção sobre as navios e commercio Inglez, da outra.

Elles forao authorizados respectivamente a informar o Governo Americano, em resposta as questçoens que poderiaõ

ser feitas a respeito do bloqueio de Maio de 1806, que ainda que o Governo Britanico devesse continuar a manter a sua legalidade, de facto este bloqueio particular tinha sido descontinuado á muito tempo, tendo sido confundido no bloqueio geral de represalia dos portos do inimigo, em virtude das Ordens em Conselho, e que o Governo de Sua Magestade nao tinha alguma intençaõ de recorrer a este bloqueio nem a outro algum bloqueio dos portos do inimigo, fundado sobre os ordinarios e costumados principios das leis maritimas, que estavaõ em força anteriormente as Ordens em Conselho, sem huma nova notificaçaõ as Potencias neutras na forma usada.

O Governo Americano, antes de ser informado do que o Governo Britanico tinha feito, havia procedido com effeito a medida extrema de declarar a guerra e conceder cartas de marca, nao obstante estar elle antes de isso na posse da narraçaõ do ministro Francez dos negocios estrangeiros, de 12 de Março de 1812, contendo huma nova promulgaçaõ dos Decretos de Berlin e Milaõ, como leis fundamentaes do Imperio Francez, debaixo do falso e extravagante pretexto que os principios monstruosos que elles contem se achavaõ no tratado d'Utrecht, e por conseguinte eraõ obrigatorios para todos os Estados. Nenhuma naçaõ devia ser exempta das penas infligidas por este codigo, se ella o nao aceitasse, nao somente como regra da sua propria conducta, mas como lei que ella devia fazer observar a Graã-Bretanha.

Em hum manifesto, que acompanhou sua declaraçaõ de hostilidades alem das queixas anteriores contra as Ordens em Conselho, se produziu huma longa serie de queixas; das quaes humas eraõ futeis em sua natureza, e outras tinhaõ sido mutuamente ajustadas, mas nenhuma das quaes tinhaõ sido allegadas antes pelo Governo Americano como motivos de guerra.

Como se fosse para por novos obstaculos a paz, o congresso Americano, passou ao mesmo tempo hum lei, prohibindo todo o commercio com a Gram Bretanha, cujo theor, privava o Governo Executivo, segundo a propria formula d'aquelle acto do Prezidente, de todo o poder de restaurar as relaçoens de amigavel correspondencia entre os dous Estados, tanto pelo menos quanto dizia respeito á sua correspondencia commercial, athé que o Congresso se re-ajuntasse.

O Prezidente dos Estados Unidos propoz, he verdade, hum armisticio depois á Gram Bretanha; nao com tudo por que admitisse a remoçaõ da cauza que se allegava para a guerra; mas com a condiçaõ que a Gram Bretanha, como passo preliminar, fizesse dezapparecer huma cauza de guer-

ra, que pela primeira vez se produzia; isto hé que ella abandonasse o exercicio de seo inquestionavel direito de busca, para tirar de bordo dos navios Americanos mercantes os marinheiros Inglezes, nascidos vassallos de Sua Magestade; e requereu-se esta concessão sobre a mera seguranca de que pela legislatura dos Estados Unidos se passaria huma lei para prohibir que taes marinheiros entrassem no seo serviço; mas alem da objecção a huma exclusiva confiança em hum Estado Estrangeiro, para conservação d'interesses tao importantes, o Agente encarregado desta abertura nenhuma explicação deo ou podia dar, fosse quanto aos principios geraes, em que aquella lei se havia d'estabelecer, fosse quanto aos regulamentos, que ella devia encerrar.

Depois das objecções feitas a esta proposição, huma segunda foi feita, contendo ainda o offerimento de hum armisticio, com tanto que o Governo Britanico conviesse secretamente em renunciar ao exercicio d'este direito, em hum tratado de paz. Não se pedia o abandono immediato e formal de seo exercicio, como preliminar á cessação das hostilidades, mas exigia-se que Sua Alteza Real o Principe Regente, em nome e da parte de Sua Magestade, abandonasse em segredo, o que na primeira abertura se lhe tinha proposto conceder publicamente.

Esta proposição tao injurioza foi igualmente rejeitada, sendo acompanhada, como a primeira o havia sido, de outros peditorios de huma natureza inadmissivel, e especialmente de indemnizações por todos os navios Americanos detidos e condemnados, em virtude das Ordens em Conselho, ou d'aquillo que se denominava bloqueios illegaes; consentir nestes peditorios, alem de todas as outras objecções, seria abandonar absolutamente os direitos, sobre as quaes estas ordens, ou bloqueios erao fundados.

Se o Governo Americano tivesse sido sincero, representando as Ordens em Conselho como o unico objecto de desavança entre a Gram Bretanha e os Estados Unidos para dar lugar a hostilidades; era de esperar que, apenas a revogação d'estas ordens lhe fosse notificada oficialmente, elle teria espontaneamente revogado as suas cartas de marca e manifestado huma disposição para restabelecer immediatamente as relações de paz e d'amizade entre as duas Potencias. Mas a conducta do Governo dos Estados Unidos não tem d'alguma forma respondido a huma esperança tao razoavel.

Tendo sido a ordem em Conselho de 23 de Junho oficialmente comunicada n'America, o Governo dos Estados Unidos nada vio na relação das ordens em conselho que devesse por si mesmo restabelecer a paz, menos que a Gram-Bretanha não estivesse prompta desde logo a aban-

donar virtualmente o direito de apprehender seos marinheiros, logo que fossem encontrados abordo de navios mercantes Americanos.

A propozicão de hum armesticio e de huma revogaçãõ simultanea das mēdas de restricçãõ de huma parte e d'outra, feita subseqüentemente pelo official commandante das forças navaes de Sua Magestade sobre as costas d'America, foi recebida com o mesmo espirito de hostilidade pelo Governo dos Estados Unidos. Insistio-se sobre a suspençãõ da pratica de apprehender os marinheiros, na correspondencia que teve lugar n'esta occaziaõ, como hum preliminar necessario a cessãõ das hostilidades: dizia-se que huma negociaçãõ, podia ter lugar sem suspender o do exercicio d'este direito, e mesmo sem que fosse concluido algum armisticio; mas exigia-se que a Gram-Bretanha previamente conviesse, sem conhecer a sufficiencia do systema que podia substituir se, em negociar sobre a baze de aceitar regulamentos legislativos de hum Estado estrangeiro, como unico equivalente para o exercicio de hum direito, que ella tinha julgado ser essencial á conservaçãõ do seu poder maritimo.

Se a America, pedindo esta concessãõ preliminar, pretende negar a validade d'este direito, a Gram-Bretanha não pode consentir naquella denegaçãõ; nem dará o menor apoio a huma tal pertençaõ, assentindo á sua suspençãõ e menos ainda a seu abandono como baze de hum tratado. Se o Governo Americano tem achado ou julga poder achar regulamentos que possuãõ com segurança ser aceitos pela Gram-Bretanha, e substituir o exercicio do direito em questãõ, toca a elle o apresentar hum tal plano, para ser tomado em consideraçãõ. O Governo Britanico não procurou nunca excluir esta questãõ do numero d'aquellas, sobre que os dous Estados teriaõ podido negociar; elle tem pelo contrario constantemente declarado que estava prompto a receber e discutir qualquer propozicãõ a este respeito, vinda do Governo Americano; elle jamais pretendeo ter algum direito excluzivo a respeito da apprehençãõ dos marinhos Inglezes abordo dos navios Americanos, sem que estivesse prompto a reconhecer esse direito, como pertencente tambem ao Governo dos Estados Unidos, a respeito dos marinheiros Americanos, que fossem achados a bordo dos navios mercantes Inglezes—mas accedendo a huma tal baze no primeiro cazo, elle não pode admittir nem olhar, como praticavel, o que tentado nas occazioens precedentes, foi sempre acompanhado de grandes difficuldades, difficuldades que os Commissarios Britanicos, em 1806, declararaõ expressamente, depois de hum maduro exãme das propozicoens apresentadas pelos Commissarios da parte d'America, que elles as não podiaõ vencer.

Em quanto esta proposição transmetida pelo canal do Almirante Britanico, estava pendente n'America, outra communicação não official, se fez aqui ao Governo Britanico a respeito de hum armisticio. O agente que fez esta proposição reconhecia não estar authorizado a assignar qualquer ajuste da parte do seo Governo. Era evidente que todas as estipulaçoens justas em consequencia d'esta abertura seriaõ obrigatorias para o Governo Britanico, entretanto que o Governo dos Estados-Unidos podia recuzalas, ou aceitalas se quizesse. Esta proposição por conseguinte não foi aceita.

Depois da exposição das circumstancias que precederaõ, e seguirão a declaração de guerra pelos Estados-Unidos, Sua Alteza Real o Principe Regente, obrando em nome e da parte de Sua Magestade, julga necessario declarar os grandes principios que dirigirão a conducta da Gram-Bretanha, nas transacçoens ligadas com estas discussõens.

Sua Alteza Real não pode reconhecer illegal bloqueio algum, que tenha sido devidamente notificado e sustentado por huma força adequada, meramente por cauza da sua extenção ou porque as costas e portos bloqueados não são ao mesmo tempo investidas por terra.

Sua Alteza Real não pode admitir que o commercio neutro com a Gram-Bretanha seja constituído hum crime publico que possa expor os navios d'algumas naçoens a serem desnacionalizados.

Sua Alteza Real não pode admitir que a Gram-Bretanha seja privada do seo direito de represalias justas e necessarias, no receio d'affectar accidentalmente os interesses de hum neutro.

Sua Alteza Real não pode admitir que no exercicio do direito incontestavel e nunca disputado, de vizitar em tempos de guerra os navios mercantes neutros, se olhe a apprehenção dos marinheiros Britanicos achados a bordo d'elles, como violação de bandeira neutra. Nem pode admitir que a tomada dos seos marinheiros abordo d'estes navios se considere por algum Estado neutro como medida hostile, ou justa cauza de guerra.

Não há direito mais claramente estabelecido que o direito que tem hum Soberano a obediencia dos seos vassallos, principalmente em tempos de guerra. A sua obediencia não hé hum dever arbitrio, que elles possam omitir ou recuperar á vontade. He huma obrigação á que estão ligados. Ella começou no seu berço, e só pode terminar com a sua existencia.

Se a semelhança de linguagem e de maneiras, pode fazer o exercicio d'este direito mais sujeito a enganõs parciaes, e a abusos occasionaes, logo que se uza d'elle para com os navios

dos Estados-Unidos, essas mesmas circumstancias relativamente a taes navios fazem que o exercicio d'esse direito seja mais difficultozo de dispensar.

Mas se á pratica dos Estados Unidos d'accolher marinheiros Britannicos, se accrescentar o seu arrogado direito de transferir a obediencia de Vassallos Britannos, e annullar por este modo a jurisdicção de seu Soberano legitimo, por actos de naturalizaçãõ e certidoens de direito de Cidadãõ que elles pertendem ser taõ validas fora como dentro do seu territorio; he evidente que o abandono d'este antigo direito da Gram-Bretanha, e o reconhecimento d'estas novas pertençaens dos Estados-Unidos, exporiaõ ao perigo os mesmos fundamentos da nossa força maritima.

Sem entrar minuciozamente em outros objectos que foraõ apresentados pelo Governo dos Estados-Unidos, sera a proposito notar que a Gram-Bretanha, qualquer que fosse a declaração dos Estados Unidos, nunca exigio que elles fizessem entrar por força mercadorias Britannicas em França. Ella declarou que consentiria a abandonar inteiramente, ou a modificar, de concerto com os Estados Unidos, o systema pelo qual consentia haverem relaçãoes commerciaes com o inimigo por meio de licenças, com tanto que os Estados-Unidos obrassem a respeito d'ella como da França, com huma verdadeira imparcialidade.

Se as differenças entre os Estados naõ saõ interminaveis, o Governo Americano tem pouco direito de levantar a questãõ da Chesapeak. Reconheceo-se n'este cazo a aggressãõ, da parte de hum Official Britanico, desaprovouse a conducta, e se offereceo huma reparaçãõ em termos por Mr. Foster, da parte de Sua Magestade, que o Governo dos Estados-Unidos aceitou.

Este mesmo Governo naõ tem mais direito para fazer aluzõ á missãõ de Mr. Henry; missãõ commettida sem authoridade, e sem o conhecimento do Governo de Sua Magestade, e que Mr. Foster fora authorized formal e officialmente a desaprovar.

A Accuza,ãõ de ter excitado os Indios a medidas offensivos contra os Estados Unidos he igualmente destituida de fundamento. Antes que a guerra principiasse, tinha-se seguido constantemente huma politica opposta, de que Mr. Foster dera provas ao Governo Americano.

Taes saõ as cauzas da Guerra que tem sido apontadas pelo Governo dos Estados Unidos. Mas a verdadeira origem da prezente lucta se achará n'aquelle espirito que desgraçadamente anima á muito tempo os Conselhos dos Estados Unidos; na sua notada parcialidade de palliar e ajudar a tyrania aggressiva da França; nos seos esforços systematicos

para enflamar o povo Americano contra as medidas defensivas da Gram Bretanha; na sua baixa conducta para com a Espanha, o alliado intimo da Gram Bretanha, e na sua vergonhoza deserção da cauza das outras naçoens neutras.

He porque taes conselhos prevalecerão, que a politica d'America se tem associado com a de França, e rompido em guerra com a Gram Bretanha.

E qual era a conducta da França para com America quando este Governo se prestou assim ao inimigo? a insultante violação do Tratado commercial do anno de 1800 entre a França, e os Estados Unidos; o perfido sequestro de todos os navios e carregaçoens Americanas em todos os portos submetidos á influencia das armas Francezas; os principios tyranicos dos Decretos de Berlin e Milão, e as confiscaçoens que d'elles rezultarão; as condemnaçoens subsequentes em virtude do Decreto de Rambouillet, com ante data, ou occulto a fim de o fazer mais efficaz; os regulamentos, commerciaes Francezes, que tornão o trafico dos Estados Unidos com a França, quasi illuzorio; a queima das seos navios mercantes no mar longo tempo depois da pretendida revogação dos Decretos Francezes. Todos estes actos de violencia da parte da França só produzem do Governo dos Estados Unidos queixas que terminaõ em condescendencia e submissão, ou que saõ acompanhadas de suggestoens que habilitaõ a França a dar apparencia de forma legal ás suas usurpaçoens, convertendo as em regulamentos municipaes.

Esta disposição do Governo dos Estados Unidos; esta suggestão completa ao Dominador da França; este character hostile para com a Gram-Bretanha—se mostraõ claramente em quaze todas as paginas da correspondencia official dos Governos Americano e Francez.

O Principe Regente solemnemente protesta contra esta conducta verdadeira cauza da guerra actual. Em quanto Sua Alteza Real luctava com a França, para a deleza, não somente da liberdade da Gram-Bretanha, mas do mundo, tinha direito a esperar hum rezultado differente. Pela sua origem commun, pelos seos communs interesses, pelos principios de liberdade e independencia que professão, os Estados Unidos eraõ a ultima Potencia, onde a Gram-Bretanha deveria encontrar hum instrumento voluntario e apoio da Tyrania Franceza.

Frustrado no que justamente esperára, o Principe Regente proseguira na politica que o Governo Britanico tem a muito tempo invariavelmente mantido, repellindo a injustiça e sustentando os direitos geraes das naçoens; e mediante a graça da Providencia, contando com a justiça da sua cauza, e com

a lealdade e firmeza da Nação Britanica, Sua Alteza Real espera confiadamente hum resultado feliz da guerra em que se vê obrigado a entrar com a maior repugnancia.

Westminster, 9 de Janeiro, de 1813.

Ulteriores progressos dos exercitos Russos.

Cada malla que chega de Gottenburgo vem cheia de gloriosas noticias: e augmenta cada vez mais o nosso jubilo; vendo a rapidez com que os triumphos das armas Russas se succedem, e o encadeamento progressivo de acontecimentos, que dilatando as nossas esperanças, promettem realizar promptamente a liberdade da Europa. Os ultimos despachos de Lord Cathcart, que tem chegado a este paiz, são datados de Petersburgo aos 2 de Janeiro, de 1813. D'elles extrahimos o seguinte.

Declaração do Principe Kutusoff Smolensko, Comandante em Chefe dos exercitos Russos.

No momento em que ordenei aos exercitos, que eu commando, passar as fronteira da Prussia, o Imperador meu amo me ordena declarar que esta medida não deve ser considerada senão como consequencia inevitavel das operaçoens militares.

Fiel aos principios que tem dirigido a sua conducta, Sua Magestade Imperial não tem vista alguma de conquista. Os sentimento de moderação que tem caracterizado constantemente a sua politica, são sempre os mesmos, depois das victorias decizivas, com que a Divina Providencia tem abençoado os seos justos esforços. A paz e a indepencia serao delles o rezultado. Sua Magestade os offerece assim como o seu auxilio, a todos os povos, que tendo sido forçados a combater contra ella nesta lucta, abandonarem a cauza de Napoleon, para seguir a de seos verdadeiros interesses. Eu os convido a tirar vantagem da feliz abertura, que tem feito os exercitos Russos, para se juntarem a elles, e presequir hum inimigo, cuja fuga precipitada descobrio a

perda do seu poder. He á Prussia em particular que se dirige este convite. A intenção de Sua Magestade Imperial he por hum termo as calamidades que a opprimem; manifestar a seu Rei a amizade que lhe conserva, e tornar a Monarchia de Frederico a seu lustre e a sua extenção. Ella espera que Sua Magestade Prussiana, animada dos sentimentos que esta franca declaração deve inspirar-lhe, tome, em taes circumstancias, o unico partido, que a salvação do seu povo, e o interesse dos seus estados lhe prescrevem, Nesta convicção, o Imperador meu amo me deo ordens as mais positivas de evitar tudo o que podesse mostrar hum espirito de hostilidade entre as duas Potencias; e buscar diminuir nas provincias Prussianas, tanto quanto o estado de Guerra o permite, os males que devem momentaneamente resultar da sua occupação.

(Assignado) O Marechal Commandante dos Exercitos. Principe Kutusoff Smolensko,

PROCLAMAÇÃO.

Quando o Imperador de todas as Russias foi forçado por huma guerra de aggressão, a tomar as armas para defeza de seus estados, Sua Magestade Imperial, pela justeza de suas combinaçoens, pode apreciar os resultados, que esta guerra produziria, relativamente a independencia da Europa. A constancia mais heroica, os maiores sacrificios tem trazido huma serie de triumphos, e quando o commandante em chefe, Principe Kutusoff Smolensko conduzio suas tropas victoriosas alem do Niemen, os mesmos principios continuaraõ a guiar o Soberano. A Russia nunca teve o costume de praticar os artificios uzados nas guerras modernas, e de exagerar por falsas relaçoens os progressos de suas armas, Comtudo, por modestas hoje que sejam estas relaçoens, ellas parecerão incriveis. He preciso testemunhas oculares para provar os factos a França, a Allemanha, a Italia, antes que o progresso lento da verdade cubra esses paizes de lucto, e consternação. Com effeito, he difficil de conceber como, n'huma campanha de quatro mezes somente, se tomassem ao inimigo 130,000 prisioneiros, 900 peças de artilharia, 49 bandeiras e todo o trem de carros e bagagens do exercito, Sera facil julgar pela lista dos generaes tomados, o numero de officiaes superiores e subalternos que tambem cahirao em possas maons. Basta dizer que de 300,000 (sem comprehen-

der os Austriacos), que penetraraõ no interior da Russia, nem 30,000, mesmo sendo protegidos pela fortuna, torna-raõ jamais a ver a sua patria. A maneira porque o Imperador Napoleon repassou as fronteiras da Russia naõ pode ser mais hum segredo para a Europa. Tanta gloria, e tantas vantagens naõ podem, todavia, mudar as disposicoens pessoas de Sua Magestade o Imperador de todas as Russias. Os grandes principios da independencia da Europa formaraõ sempre a baze da sua politica. Esta politica, esta fixada no seu coraçao. Seu character naõ permite que se façaõ tentativas para induzir os povos a rezistir á oppressaõ, e a sacudir o jugo que os opprime a vinte annos. Saõ os seos governos que devem abrir os olhos, pela situaçaõ actual da França. Seculos poderaõ passar, primeiro que se apreente huma occaziaõ tam favoravel; e seria abuzar da Providencia, naõ aproveitar-se desta crize, para refazer a grande obra do equilibrio da Europa, e segurar assim a tranquillidade publica, e a vantura individual.

CONTINUAÇÃO

Do Diario das Operaçoens Militares desde 13 ate aos 25 de Dezembro.

13 *Dezembro.* O General Tormasoff refere em data de 11, que as differentes partidas destacadas pelo Ajudante de campo General Wasiltchikoff tinhaõ descoberto em Belitza hum corpo Austriaco de 3000 homens, cujos postos avançados de cavallaria occupavaõ Novogrodeck e Gavion; mas que hum destacamento do inimigo que se retirava com vaidez tinha sido desfeito pelos Cossacos commandados pelo Ajudante de campo general Conde Oscharofsky.

14 *Dezembro.* O Major General Toutschkoff chegou a 10 com o seu corpo a Minsk; e destacou immediatamente dous regimentos de Cossacos debaixo do commando do Coronel Grekoff para Nowoswerchena, em busca do inimigo, e para formar huma communicação com o destacamento do Conde Oscharofsky.

15 *Dezembro.* O Conde Oscharofsky refere em data de 14 que entrou a 13 do corrente, com seu destacamento na cidade de Lidatendo levado seos postos avançados ate debaixo dos muros de Bielitza; mas tendo sido informado que as tropas Austriacas tinhaõ deixado este lugar, e marchado

para Grodno, o fez occupar immediatamente por dous regimentos de Cossacos, as ordens do Coronel Adriano com ordem de fazer avançar partidas de Grodno, e Slonim.

17 Dezembro.—O General Conde Platoff refere a 15 que continuando a perseguir e cerrar o inimigo de perto, chegou aos 14 deste mez as des horas da manham a Kowno; e que o inimigo tendo-se reunido, as tropas que estavam nesta cidade, a qual estava rodeada de entrencheiramentos, com reductos sobre as alturas, se tinha defendido e sustentado com obstinação, fazendo ao mesmo tempo hum fogo consideravel. O fogo de artilharia continuou de hum lado e de outro ate ser noite. No mesmo tempo, o conde Platoff ordenou a seos regimentos de Cossacos do Don que passassem o Niemen sobre o gelo, ameaçassem o inimigo sobre margem esquerda deste rio, e o forçassem por este meio, ou abandonar a villa promptamente, ou a render-se. Perto da noite, duas columnas, huma atraz da outra, fizeram huma sortida, mas apenas tinham passado o rio, os Cossacos as attacaram vigorosamente com as suas lanças, e as dispersaram depois de ter morto hum numero consideravel. Huma parte das tropas inimigas fugio ao longo do rio para Tilsit, outra tomou o caminho Wilkowisk, sendo perseguida pela flor dos Cossacos. Achou se entre os mortos hum general de consideração como mostrava pelas insignias da legião de honra que trazia. Alguns dizem ser o Marechal Ney, que era o commandante destas tropas. O Major Karatschkowitch tomou hum *hausse col.*; tomaram-se tambem duas bandeiras. Na tomada de Kowno, fizeram-se 80 officiaes do estado maior prizioneiros, acima de 500 soldados, sem contar os doentes que se acharam nos hospitaes. Durante os tres primeiros dias que se perseguio o inimigo e na sua derrota sobre os Niemen, fizeram-se 5000 prizioneiros, entre os quaes estao dous coroneis, e perto de 60 officiaes do estado maior. Tomaram-se tambem 21 peças de artilheria. Acharam-se igualmente 779 caixoes de artilheria completos, com todos os seos petrechos, e nos armazaens 3000 techwerts de centeio e trigo.

O Major General Touchtschkoff refere, que tendo reunido seu corpo com o do coronel Knoring, deixará Minsk a 13 para hir a Novoswerchene.

O General Tormasoff refere a 13, que os corpos quarto, quinto, e outubro, e a vanguarda do Ajudante de Campo General Wasilitschkoff, tomaram os seos acantonamentos nos districtos de Wilna, Lida, Oschoniary e Wilnomirsk, tendo colocado seos postos a ançados de cavalaria n'aldea de Rockstiha sobre o Berezina, com Douly, assim como

piquettes fortes de Cossacos em Nicolaeff sobre o Niemen. Os regimentos das guardas de cavallo, e os regimentos de infantaria, entraraõ hoje em Wilna, debaixo do comando de sua Alteza Imperial e Graõ Duque Constantino. Ao desfilar por diante do Marechal General Principe de Smolensko, cada soldado fez brilhar a sua alegria com o grito de tres *hourrás*. Todas as tropas das guardas se a quartelaraõ na cidade e arrebaldes, e estabeleceraõ seos acantonamentos nas vizinhanças.

18.—O Quartel General do Marechal do Campo estava em Wilna.

Diario das Operaçoens Militares de 19 ate 25 de Dezembro.

19 *Dezembro*.—O Ajudante de campo, General Walschikoff chegou hontem a Mosty com o seu destacamento.

20 *Dezembro*.—O Tenente General Schyseeff annuncia, que a 10 destacara para Bobruisk 1000 homens das milicias de Kalouga.—O Ajudante de campo, General Conde Oscharofsky annuncia, aos 19, que o Major Schamocheff, que enviou a Lounna com hum regimento de caçadores, ouvindo que hum destacamento de prizioneiros Russos escoltado por Austriacos, estava no caminho de Gradno, mandou promptamente Essoul Moskow com huma partida de Cossacos, que encontrando o inimigo a dez werstas de Grodno, atacou-o, livrou os prizioneiros, 4 officiaes, 5 officiaes inferiores, e 42 Soldados, e tomou alem disso hum official e 100 soldados. Elle acrescenta que deo ordem a seu destacamento, composto do regimento 19, dos luzares de Marienpol, e de huma companhia de artilheria ligeira, para marchar sobre Grodno, a fim de tomar algum repou so depois de tantas marchas fatigantes, se que elle mesmo hia com os Cossacos para Bialystock.

21 *Dezembro*.—O Major Gen. Touthagoff chegou a 2 a Kaidanow, com o seu corpo reforçado pelo destacamento do Coronel Knoring. O Coronel Grakoff achando-se em Holtzbach com dous regimentos de Cossacos, fez prizioneiros alguns homens de huma patrulha do inimigo pertencente aos luzares de Kien mayor.

22 Dezembro.—O Ten. General Sacken annuncia aos 12, que marchara no dia 13, com o seu corpo sobre Pinsk e dela sobre Slonia; e que depois das batalhas de 13, 14, 15, e 16 em Gornostaitz e Wilkowisk, a sua ala direita occupava Kowle e Kolka, e a sua esquerda Loubomte.

O Almirante Titchagoff annuncia aos 18, ter chegado a Jezno com o seu exercito, e que o Major Gen. Landskoy que enviara de Jezno a P'renn com hum destacamento de tropas ligeiras, tendo achado o inimigo nesta ultima cidade, o atacara nos dous flancos, o repellira, e fizera prizioneiros 5 officiaes e 108 soldados

O chefe Coronel Davidoff annuncia em data de 21 de Dezembro, que aos 20 occupou a cidade de Grodno, em que achou os armazaens, e hospitaes do inimigo, de que promette dar huma lista circunstanciada; achou tambem em Meretech hum armazem, que deixou debaixo da guarda do regimento de dragoens de Moscow, que acabava de chegar. O General Austriaco Froelich que occupava a cidade de Grodno, se retirou.

O General Conde Wittgenstein annuncia em data de 21, que o Ajudante de campo Gen. Gonenistschhoff Kutusoff, perseguindo o inimigo desde Wilna muitas milhas alem de Kowno, fez prizioneiros 169 officiaes do Estado maior, 1970 soldados, e tomou alem disso huma bandeira; e que a 17 huma partida do seu destacamento vindo para Furburgo, encontrara huma pequena columna de tropas inimigas, a qual batera completamente e fizera prizioneiros hum official do Estado maior, 7 officiaes superiores, e 200 soldados. Este destacamento occupou depois a cidade de Furburgo.

O Coronel das guardas Souchosoneff sendo destacado da vanguarda do Major Gen. Diebitsch, achou alguns pequenos armazaens em Daidanoff e Datkoff, fez muitos prizioneiros, e tomou hum hospital onde havia 80 doentes. Outro destacamento do Ten. Coronel d'artilheria Kortomanoff, tendo apercebido o inimigo a 23 em Grinkisko, atacou-o a noite, fez prizioneiros 2 officiaes e 30 soldados, e tomou 200 espingardas novas.

Sua Magestade Imperial chegou hoje em boa saude a Wilna.

23 Dezembro.—O General Platoff annuncia em data de 21, que depois da sua relação sobre a tomada de Kowno, descobriu muitos amazaens, e 70 barriz de agoa ardente; e que se acharao nas igrejas 30,000 espingardas novas com as suas bayonetas; e que no arsenal se tinhao queimado outras tantas, de que so restava o ferro.

24 Dezembro.—O General Platoff refere igualmente aos 21, que se acharão em Kalwary 200 barriz de farinha, 150 de senteio, 500 de avea, e 50 quintaes de feno; e em Wilkowich 500 barriz de farinha, e 200 de senteio. Os habitantes das vizinhanças se obrigavaõ a fornecer todos os tres dias raçoens de paõ e graõ para 50,000 homens, assim como feno e avea para 15,000 cavallo. Elles tinhaõ ordem de fornecer esta quantidade para uzo do inimigo, e elles offerecem voluntariamente agora provisoens para as nossas tropas.

Durante o alcance do inimigo desde a passagem do Niemen ate Wilkowitch, elle perdeo alem de soldados de que se trazem mil por dia, mais de 200 officiaes e 4 peças de artilheria.

O General Conde Wittgenstein refere em data de 23, que o destacamento do Ten. Coronel Tetsenborn, enviado pelo Ajudante de campo Kutusoff, encontrou diante de Tilsit dous esquadroens de huzares Prussianos, que immediatamente foraõ postos em dezordem e perseguidas huma milha alem desta cidade. Fizeraõ-se 40 prisioneiros, e tomou-se huma peça de artilheria na aldea de Dobrouski. Acharaõ-se consideraveis armazaens em Tilsit e Raguite.

O Ten. General Sacken refere aos 21, que com seu corpo passa por Chonisk e Peski; e que espera chegar aos 24 a Rouschani.

Quartel General em Wilna.

LISTA.

Das tomadias feitas pelos Russos ate 26 de Dezembro.

Total.

41	Generaes
1233	Officiaes
167,510	Officiaes inferiores e soldas
1,131	peças de artilheria.

REZUMO

Das Noticias, vindas pelas ultimas mallas de Gottenburgo.

Escrevem de Stokolmo aos 9 de Janeiro, que chegarão ali noticias de Konigsberg, por via de Allemanha, dizendo terem chegado a esta ultima cidade 70 generaes, 40 coroneis, e perto de 1000 officiaes, sem nenhuma tropa com sigo. Elles entraraõ nesta capital, alguns á cavallo, a maior parte á pé, e todos em miseravel estado. As mesmas noticias que são perfeitamente authenticas, mencionão a chegada de Murat á Konigsberg, com dous battalhoens das guardas Francezas que todavia constavaõ somente de duas companhias de 200 homens cada huma. Dis-se que os soldados Francezes, que estavaõ em Konigsberg recuzao montar a guarda diante da pouzada dos officiaes, taõ enraivecidos estaõ por terem sido abandonados.

Os Russos entraraõ em Memel a 27 de Dezembro, e a 3 de Janeiro se esperavaõ em Konigsberg. Os officiaes Francezes convinhao, que depois das acçoens de Kowno, os restos do exercito Francez tinhaõ sido inteiramente dispersados. Em Berlin o povo fazia ver symptomas de rezistencia aos Francezes: os paizanos não queraõ marchar com a bagagem dos officiaes, e havia querelas e rixas nas ruas entre a população e os soldados. Grandes descontentamentos se manifestaraõ tambem em Hesse e Westphalia contra Jeronimo Bonaparte.

Cartas de Elbin de 27 do Dezembro referem, que Murat chegara ali na manham daquelle dia, vindo de Konigsberg, onde se demorou mui pouco, partindo essa noite mesma para Dantzig, accompanhado de todos aquelles, que elle conduzia, a saber hum estado maior numeroso, e quantidade de generaes e de outros officiaes.

Extracto de huma carta de Konigsberg do 1 de Janeiro:—

Os Russos entraraõ em Memel a 27 do passado; elles se comportaraõ com toda a ordem que se podia dezejar; e forao recebidos pelos habitantes com todas as demonstraçoens de amizade. Os Russos tomaraõ posse desta cidade como amigos. Elles estavaõ a 31 do passado 12 milhas de Konigsberg: sem duvida estaõ a esta hora de posse daquella importante guarniçaõ. Os restos do exercito Francez fogem em todas as direcçoens diante dos Russos victoriosos. Elles estaõ reduzidas a tal estado de miseria, que morrem literalmente aos centos. Esperaõ-se os Russos em Berlin.

Outras cartas do continente dizem que Macdonald chegara a 3 a Königsberg com os restos do seu corpo; e que se rendera com 13,000 homens que lhe restavao; mas he provavel que ellas fossem escriptas antes da convenção do General de Yorck, do corpo Prussiano, que fazia parte do exercito de Macdonald, e que por erro esta capitulação se referi-se a este ultimo. Seja como for, os progressos gloriosos das armas Russas tem excitado huma alegria universal por toda a Allemanha; e particularmente nas provincias do norte as relações antigas de amizade, e commercio se tem restabelecido com a Gran Bretanha; muitos de cujos negociantes tem ja recebido ordens para remessas de generos coloniaes, e productos das manufacturas deste paiz.

Hum artigo de Vienna de 7 do corrente diz, que n'hum conselho de Estado, prezedido pelo Imperador de Austria, se decedio que Sua Magestade premaneceria fiel aos seus tractados com a França, que o corpo auxiliar que elle lhe fornecia, seria completo, e que o exercito de reserva será levado ao numero de 120.000 homens. O Principe Kurakin que chegou a Vienna aos 29 de Novembro como embaixador extraordinario da Russia, tem tido a miudadas conferencias com o Imperador. Nada tem transpirado das suas negociações; he certo porem que o Imperador da Austria recuzou por a descripção de Bonaparte, aquella parte do seu exercito de reserva como este lhe requeria.

O Principe Schwartzenberg se retirou com o corpo que commanda, para Cracovia, afastando-se assim da Linha, para onde se dirigem as operações dos exercitos victoriosos.

Muitas outras cartas do Norte referem particularidades interessantes que acompanharão a fuga de Napoleon; e fazem huma pintura horrivel das extremidades a que os soldados Francezes forão reduzidos; no decurso desse critico intervallo, de maneira que não he para admirar que elles manifestassem altamente a sua indignação contra o author de todos os seus dezastres, e calamidades. Em quanto estas desgraçadas victimas do frenesim ambicioso de hum homem, pereciaõ aos milhares pela estrada, succumbindo ao rigor do frio, da fome, e da nudez; o seu purpurado algoz, marchava de sege no meio do bando dezaventurado, que elle arrastara a tam extravagante e facinorosa romagem. A raiva a desesperação, e amizeria bem depressa levantaraõ as suas vozes. *A bas la voiture*, era o repetido grito da insoffrida chusma. Esta expressão era mui significativa para que Napoleon não conhecesse o seu perigo. Immediatamente saltou fora da carruagem; e todo embrulhado no seu capote, montou a cavallo. Não satisfez inda isto aos miseraveis soldados, que outra vez gritaraõ, *a bas le manteaux*; foi entaõ pre-

cizo que o suberbo despota fosse complacente; e não houve mais remedio que deslazer-se do seu agazalho, e expor-se como o resto ao rigor do tempo. Outra circumstancia que lhe hia sendo fatal, e que mostra outro perigo que elle corra, foi o acontecimento de Syzensk. Bonaparte pernotava nesta aldea, os Cossacos a surprenderão com a sua costumada velocidade, penetrarão na caza onde estava o augusto Dezertor, e em quanto os que o rodeavão, se batião com os assaltantes, elle escapou saltando por huma janella, deixando os seus domesticos envolvidos na contenda, e sacrificando as vidas por quem tam pouco as apreciava. Elle correo d'ali a unir-se a hum corpo de cavalaria, que vinha a seu encontro, e que o conduzio saõ e salvo a Wilna.

Mas se o Tyrano escapou daquelles perigos; n'hum paiz extranho que so foi devastar, sentado no throno, onde decreta a exterminio dos que chama seus povos, elle nao se inquieta menos pela sua sorte. A pezar da vil adulaçãõ dos satellites, e cumplices dos seus crimes, elle estremece a voz da verdade que altamente o condemna. A maõ invizivel que traçou na parede os destinos de Balthazar, tem affixado nas ruas de boa cidade de Pariz, a tremenda accuzaçãõ. *Bonaparte o algoz dos homens.* No meio do seu terror elle tem ordenado que todos os papeis Inglezes, que elle teme mais que hum exercito de Cossacos, sejam queimados no instante em que chegarem a costa de França. Em vaõ chama elle exercitos de conscriptos para segurarem o seu poder; semelhante a estatua do tyrano de Babilonia que se sustinha sobre pez de barro, elle cahio e se desfez nas margens de Dnieper e Niemen, para nunca mais se recompor. Tal he sempre o fim dos oppressores da especie humana. Quebrada a alavanca daquelle poder despotico e sobre natural, os elementos que ella punha em açãõ, tornão ao seu estado primitivo, e tarde ou cedo haõ de reproduzir a antiga ordem das couzas; e effectuar o total livramento do genero humano.

Demos pois as graças em primeiro lugar ao Ente supremo, que do alto dirige todos os acontecimentos humanos; e em segundo lugar aos governos e povos Inglez, Portuguez, e Russo, que pela sua preseverança e valor merecerão ser os instrumentos de que Deus se tem servido para confundir o orgulho do maior inimigo, que tem tido o Ceo, e a humanidade.

Lista dos Generaes tomadas.

St. Genier, general de brigada; Ferriere, chefe do estado maior Napolitano; Bonami, general de brigada; Almeiras, general de divizãõ; Burth, general de brigada; Meriage, idem; Clingel, idem; Preussing, idem; Camus,

idem; Billiard, idem; Partono, general de divizaõ; Delite chefe do estado maior; Tjezkiewicz, general de brigada; Wasilewski, Augereau, general de brigada; Kamensky, idem; L'Enfantin, idem; D'Orson, idem; Sanson, Pelletier, generaes de divizaõ; Freir Pego, general de brigada; Matuszewicz, general de artilheria; Konopka, general de brigada; Eliser; Blamont, idem; Cordelier, idem; Pouget, idem; Prowsback, idem; Lefebvre, idem; Zajonezell, general de divizaõ; Guillaume, idem; Vrede, idem; Norman, idem; Iwanowski, idem; Røeder, idem; Troussain, idem; Valencia, idem; Borstell, idem.

Preços Correntes dos productos do Brazil em 30 de Janeiro de 1812.

Assucar	Branco	44 a 60	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	33 35	
Caffé		65 75	
Cacao		60 68	
Arrós		nao há no mercado	} Penniques por lb.
Cebo		86 88	
Algudão de Pernambuco		28 29	
	Ceará	27½ 28	
	Bahia	25 26	
	Maranhão	25 25½	
	Minas	23¼ 24	
Couros de	Pará	23 23½	
	Capitania	22½ 23	
Rio Grande	Montevideo	5 8½	
		4 7	
Anil		24 40	

N. B. Fretes, direitos, e mais despezas pagas pelo vendedor.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Datas

Anno e Mez.	Dias.	Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Janeiro de 1812.	1	72	71	70½	48½	44	64	27-10	18-55
	5	72	71½	70½	48½	44	64	27-10	18-55
	8	72	71½	70½	49	44	64	27-10	18-55
	12	72	71½	70½	49	44	64	27-10	18-55
	15	72	71½	70½	49	43½	64	27-10	18-80
	19	73	73	71	49	43	64	27-10	18-80
	22	73	73	71	49	43	64	28-8	19-30
	26	73	74	72	49	43	64	298-	19-80
	29	73	74	72	49	43	64	29-8	19-80

INDEX GERAL DO VOL. V.

No. XVII.

LITERATURA.

Continuaçãõ das viagens ao interior do Brazil, por Mr. Mawe	1
Continuaçãõ do ensaio sobre a pratica do Governo Britanico, por Mr. Leckie	21

SCIENCIAS.

Informaçãõ dada á Sociedade d'Agricultura do Departamento do Sena, sobre o tratado das enfermidades do trigo, feito pelo Abbade Lozana, &c.	32
Conta dada pela Junta da Vaccina Nacional ao Right Hon. Ricardo Ryder, Principal Secretario d'Estado dos Negocios do Interior	41
Plano d'organizaçãõ d'huma escola Medico Cirurgica, por Dr. Vicente Navarro d'Andrade, &c.	45
Defeza da Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, &c.	49
Viagem Aeria de Mr. Sadler	51

CORRESPONDENCIA.

Carta aos Redactores do Investigador Portuguez pelo Sr. Dr. Joaõ Gervazio de Carvalho, sobre as preparaçoens do Mercurio	54
Memoria sobre Agricultura	61
Exame das observaçoens sobre o Alvara de 21 de Setembro de 1802, relativo á Companhia do Porto, publicadas no Investigador Portuguez No. XVI.	72

LISTA

Dos livros ultimamente publicadas em Inglaterra, e no Continente	76
--	----

POLITICA.

AMERICA.

Estados Unidos	82
America Hespanhola	92

EUROPA.

Italia	94
Suecia	101
Russia	102
França	123
Hespanha	135
Portugal	144
Inglaterra	149

No. XVIII.

LITERATURA.

Continuação das viagens ao interior do Brasil, por Mr. Mawe	165
---	-----

SCIENCIAS.

Tratado sobre a influencia do Clima na especie humana, &c. pelo Dr. N. C. Pitta	190
---	-----

CORRESPONDENCIA.

Carta aos Redactores	204
Carta imparcial sobre a companhia Geral da Agricultura das vinhas do Alto Douro	205
Continuação da Memoria do Dr. Joze Pinheiro de Freitas Soares sobre a oxidação do Mercurio ao ar livre por meio dos oleos fixos animaes, e vegetaes, assucar, mel, mucilagens, &c.	212
Continuação da Memoria sobre Agricultura	217
Continuação do exame das observaçoens sobre o Alvara de 21 de Setembro de 1802 relativo á Companhia do Porto	224

LISTA

Dos livros ultimamente publicados em Inglaterra,	234
Livros publicados ultimamente em França, e mais partes do Continente	238

POLITICA.

AMERICA.

Caracas	240
Reflexoens sobre a Republica de Venezuela	244
Capitulação de Caracas, Vitoria, e Porto de la Guayra	250

EUROPA.

Roma	253
Russia	259
França	284
Hespanha	290
Portugal	319
Inglaterra	339

No. XIX.

LITERATURA.

Viagens ao Interior do Brazil, por Mr. Mawe	353
Esboço historico do Brazil, por J. Lobo da Silveira	366
Estado Presente de Portugal, e do Exercito Portuguez, com hum Epitome da historia antiga daquelle reino, pelo Dr. Halliday	375

LITERATURA PORTUGUEZA.

Elegia composta em versos hexametros e pentametros : segundo a metro Latino ou Grego ; consagrada a Memória do Illustrissimo e Excellentissimo Conde de Linhares	382
Nova Gramatica Ingleza e Portugueza de Freitas	386

LISTA

Das obras ultimamente publicadas em Inglaterra	388
--	-----

CORRESPONDENCIA.

Carta Imparcial sobre a Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro—continuada	393
Memoria sobre a Agricultura—continuada	402
Observaçoes a cerca do exame critico de huma Memoria sobre a Febre Epidemica contagioza, publicado no No. 7, e 8. de Jornal de Coimbra, pelo Dr. H. X. Baeta	409

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro	421
----------------	-----

EUROPA.

Russia	426
Suecia	453
França	454
Hespanha	456
Portugal	467
Inglaterra	572

No. XX.

LITERATURA.

Viagens ao Interior do Brazil, por Mr. Mawe	-	501
Esboço historico do Brazil, por J. Lobo da Silveira		511
Recursos da Russia em huma guerra contra a França : exame das prevençoens relativas ao comportamento politico e militar da Corte de St. Petersburgo ; e bre- ve descripção dos Cossacos ; por Mr. Eustaphieue, Consul da Russia em Boston		517

SCIENCIAS.

Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha		535
--	--	-----

LISTA

Dos obras ultimamente publicada em Inglaterra		548
---	--	-----

CORRESPONDENCIA.

Continuação da resposta do Dr. H. X. Baeta aos Redac- tores do Jornal de Coimbra		553
Continuação do Testamento politico de D. Luiz da Cunha		559
Continuação das Cartas de Alexandre de Gusmao		566

POLITICA.

AMERICA.

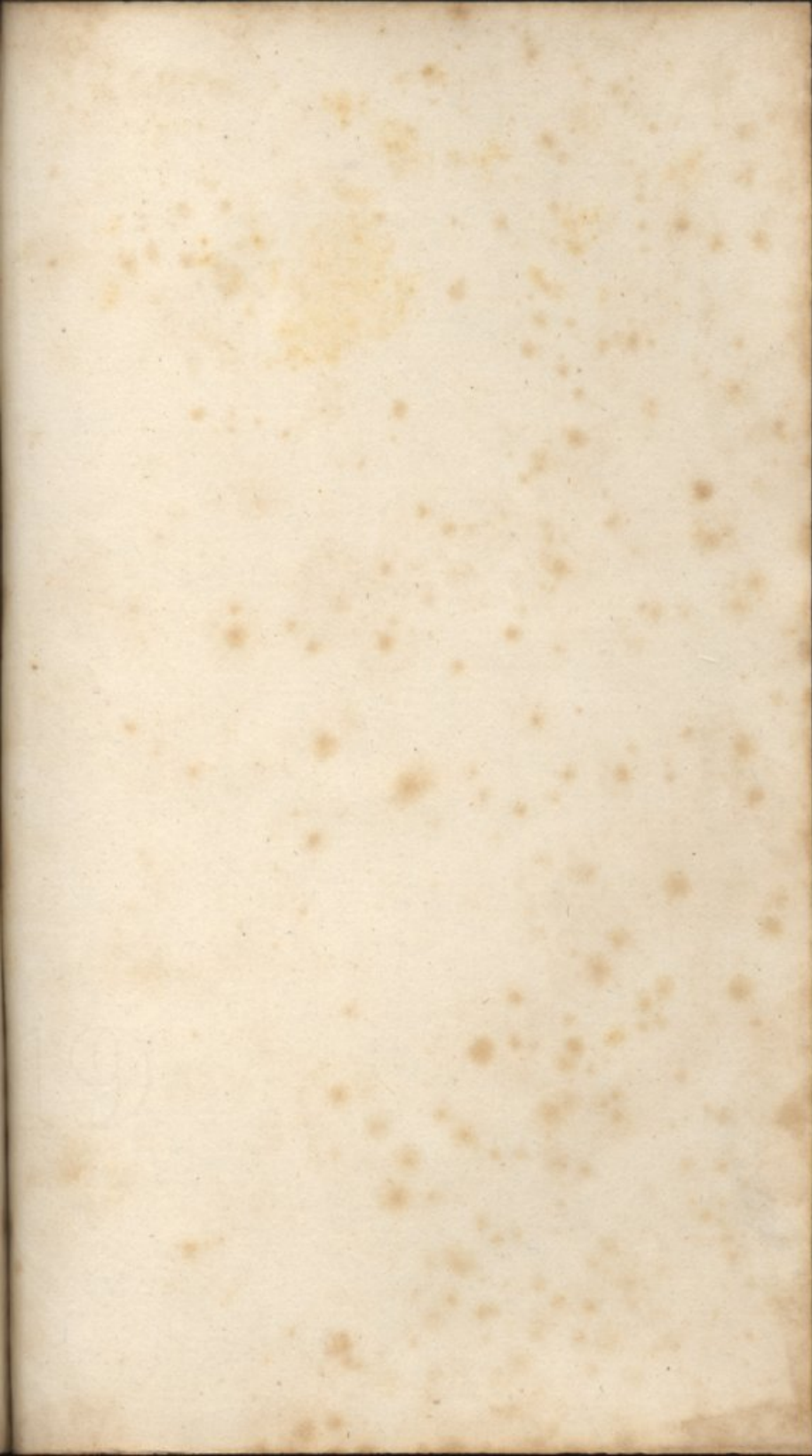
Buenos Ayres	-	-	569
Rio de Janeiro	-	-	571
Estados Unidos da America	-	-	572

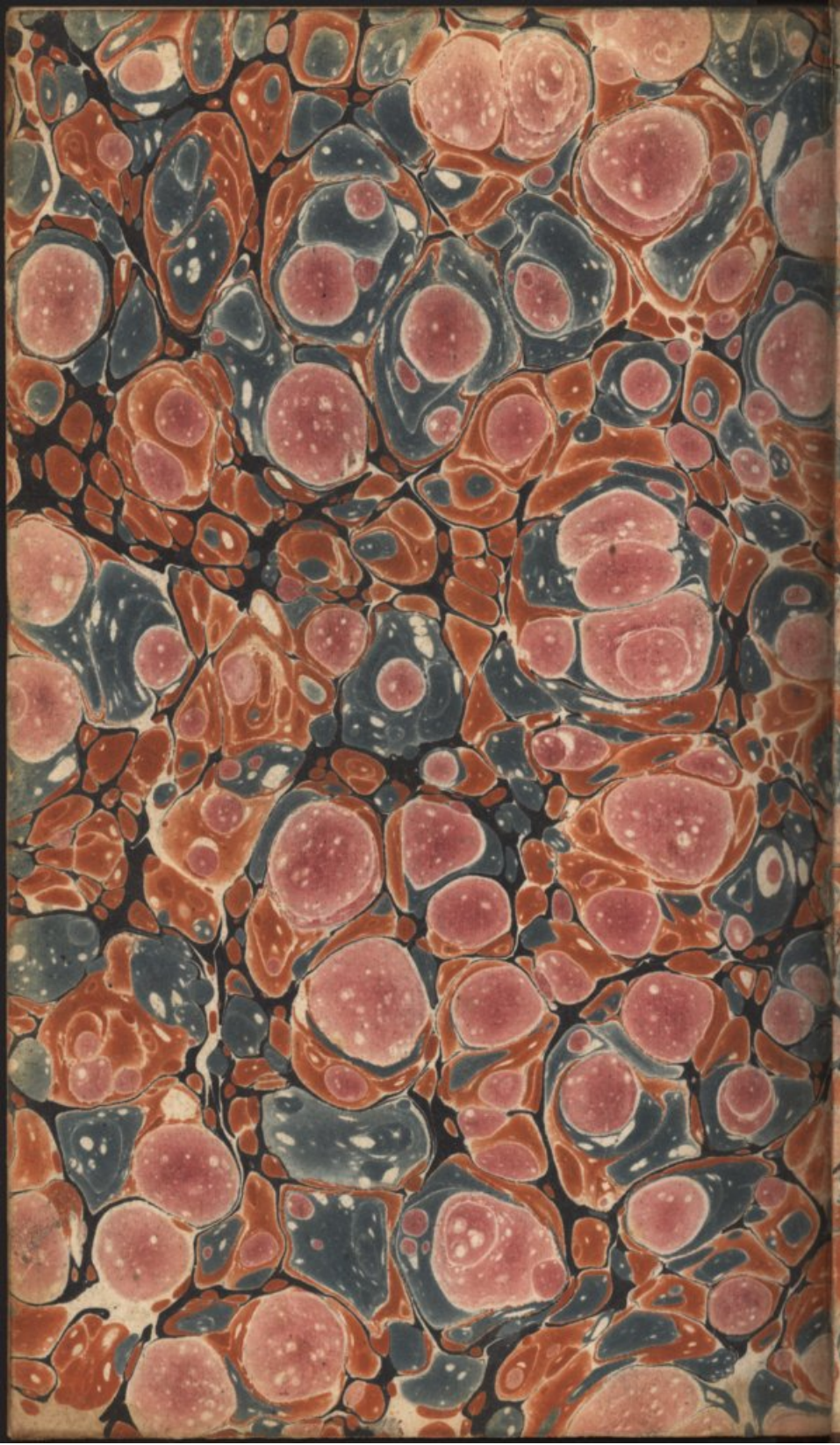
EUROPA.

Russia	-	-	574
França	-	-	595
Hespanha	-	-	610
Portugal	-	-	625
Inglaterra	-	-	627

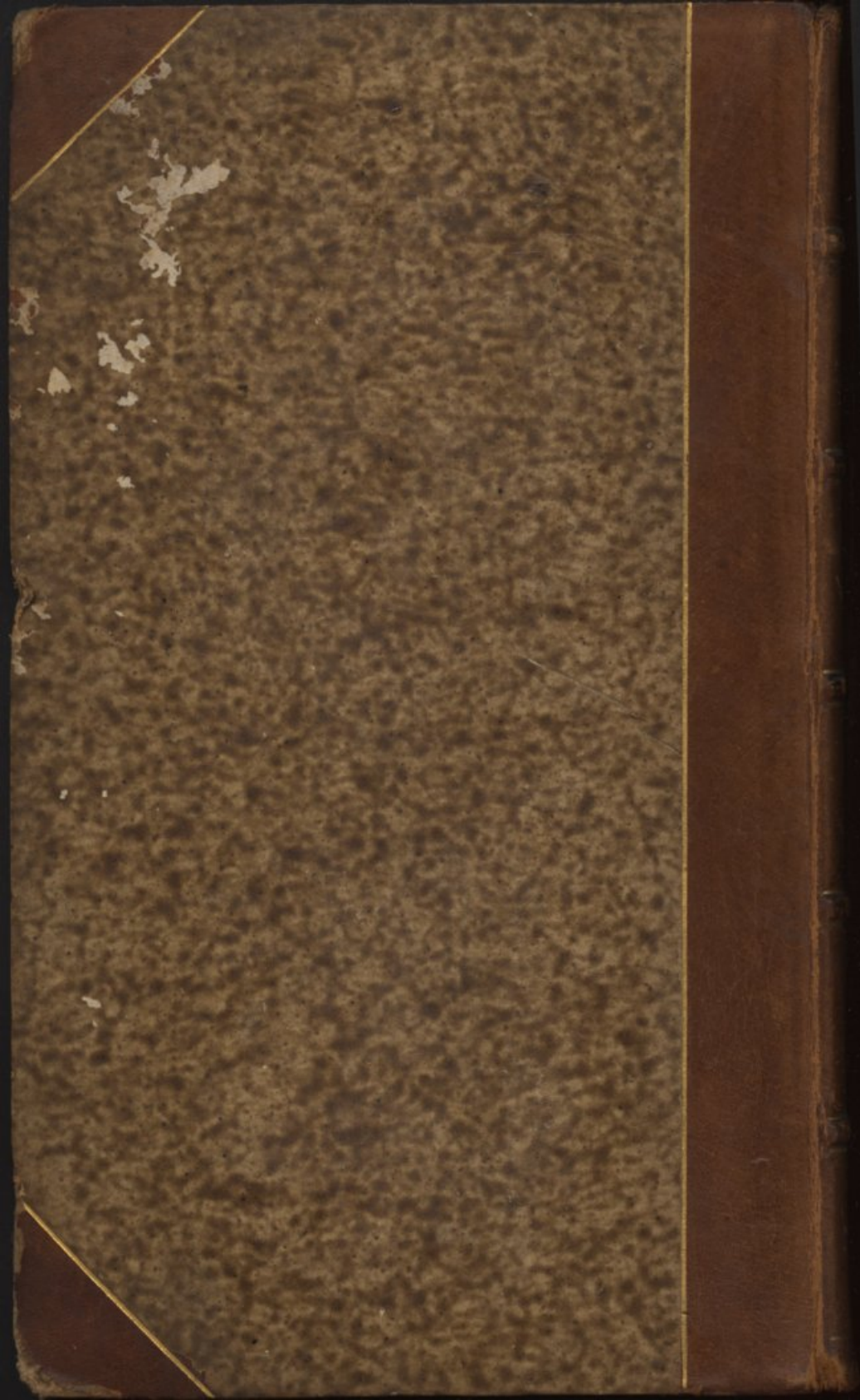


52









INVESTIGADOR

PORTUGUEZ

1812.

V O L.

V.